



GOVERNO FEDERAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM

INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFAM

GEIZE VIEIRA DE ALMEIDA

GÊNERO E MEMÓRIA: a trajetória de dona Maria da Conceição Silva entre a infância no bairro São Raimundo e a gerência do Banco do Estado do Amazonas (1957-1980)

MANAUS/AM

2024



GOVERNO FEDERAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM

INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFAM

GEIZE VIEIRA DE ALMEIDA

GÊNERO E MEMÓRIA: a trajetória de dona Maria da Conceição Silva entre a infância no bairro São Raimundo e a gerência do Banco do Estado do Amazonas (1957-1980)

Orientador: Prof. Dr. Júlio Claudio da Silva

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Amazonas como requisito à obtenção do Título de Mestre em História.

Linha de pesquisa 1: Cultura e Representações

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

MANAUS/AM

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A447g Almeida, Geize Vieira de
Gênero e Memória : a trajetória de dona Maria da Conceição Silva entre a infância no bairro São Raimundo e a gerência do Banco do Estado do Amazonas (1957-1980) / Geize Vieira de Almeida . 2024
147 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Júlio Claudio da Silva
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Memória. 2. História das Mulheres. 3. Relações de Gênero e Poder. 4. Trajetória. 5. Banco do Estado do Amazonas. I. Silva, Júlio Claudio da. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

TERMO DE APROVAÇÃO

GEIZE VIEIRA DE ALMEIDA

GÊNERO E MEMÓRIA: a trajetória de dona Maria da Conceição Silva entre a infância no bairro São Raimundo e a gerência do Banco do Estado do Amazonas (1957-1980)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Amazonas como requisito à obtenção do Título de Mestre em História.

Linha de pesquisa 1: Cultura e Representações

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

DATA:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Júlio Claudio da Silva (PPGH/UFAM, UEA) – Presidente da Banca

Prof. Dr.^a Claudia Maria de Farias (PPGH/UFAM) – Membro

Prof. Dr. João Marinho da Rocha (UEA) – Membro

Prof. Dr. Arcangelo da Silva Ferreira (UEA) – Suplente

Prof. Dr.^a Keith Valéria Barbosa (PPGH/UFAM) – Suplente

MANAUS/AM
2024

AGRADECIMENTOS

Escrever história é o ato genuinamente humano. É neste encontro e nestas relações com o outro que nós construímos quem somos, quem queremos ser e vamos nos descobrindo sobre aquilo que gostamos de fazer. Assim o pesquisador, este ser humano em constante movimento, vai se aproximando das suas temáticas de estudo e se construindo enquanto um ser social.

Neste processo de reconhecimento desta mulher, mãe, professora e pesquisadora. Faço meu exercício de memória, o processo de retorno para me entender e compreender que toda essa construção deste ser social, é resultado das pessoas que se fizeram importantes em minha trajetória, a quem eu agradeço e dedico esta conquista.

A minha mãe, Osilene Vieira de Almeida, minha inspiração de força feminina, mulher empreendedora que ao ver seus filhos crescendo, resolveu que lhes daria um futuro diferente e mudou-se da zona rural para sede do município de Urucará, para que pudéssemos fazer aquilo que não teve oportunidade – estudar. A Josefina Pereira Coelho, minha avó materna que desde o início da graduação me faz perguntas sobre o trabalho de ser historiador, sempre com o olhar curioso e cheio de orgulho, compartilha suas experiências e me incentiva a buscar meus objetivos, ainda que isto me leve para longe.

Ao meu filho, Enzo Gabriel Vieira da Silva, minha fortaleza e principal razão de minhas lutas. Partir de Urucará e deixá-lo com sua vó, ainda um bebê, foi minha mais difícil escolha, e por isso eu não podia errar, eu precisava dar meu melhor para retornar, fazer valer tamanho sacrifício. Hoje, sendo quase um adolescente, tem me acompanhado neste processo de escrita e me sinto honrada em ouvi-lo falar que tem muito orgulho da mamãe.

Ao professor e orientador, Júlio Claudio da Silva, por sua dedicação e inspiração desde a graduação no Centro de Estudos Superiores de Parintins. Educador ímpar, que nos faz descobrir nossas potencialidades e desperta seus alunos para aquilo que eles podem ser. Há dez anos, quando ingressava na graduação, os objetivos eram só graduar e retornar para Urucará; foi este professor obstinado e que não desistiu de acreditar em meu potencial, apresentou a minha área de pesquisa, de certo já sabia que me identificaria e seguiria nesta empreitada, hoje estou aqui escrevendo estes agradecimentos para esta dissertação, grata a sua confiança e apoio nesta jornada, sou fruto de sua contribuição profissional para a sociedade.

Aos professores do Colegiado de História do Centro de Estudos Superiores de

Parintins, pela dedicação e apoio em minha formação durante graduação e estadia nesta cidade. Ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, por todo acolhimento neste percurso do Mestrado, aos professores Dr. Nelson Tomelin, Dra. Patrícia Rodrigues e Dr. Davi Avelino, as discussões de textos durante as aulas das disciplinas foram de grande importância para maturação desta pesquisa. Ao secretário do programa, Jailson, sempre muito solícito em suas atribuições.

Ao professor Dr. João Marinho da Rocha, pelos conselhos e incentivo, muitas de minhas aulas hoje na educação básica, são inspiradas neste seu jeito de falar de Amazônia de forma descontraída e com compromisso social. Grata, também, por sua colaboração na qualificação desta pesquisa, suas contribuições enriqueceram a escrita desta dissertação. A professora Dra. Claudia Maria de Farias, pela leitura e valorosa contribuição na banca de qualificação.

A César Aquino Bezerra, amigo e parceiro de academia. Grata por sua amizade e apoio nesta empreitada, pelo acolhimento em sua casa, pelos conselhos, orientações e revisões, por também me fazer acreditar em meu potencial e estar presente nesta etapa de minha vida acadêmica. Aos amigos Everton Dorzane, Roger Kenned e Jucinara Cabral pelo acolhimento e incentivo desde o processo de seleção de mestrado a esta fase de escrita. Amizade construída no percurso da graduação e seguimos nos apoiando neste objetivo em comum de nos aprofundar nos caminhos da pesquisa histórica.

A dona Maria da Conceição Silva, pelas entrevistas concedidas e por nos permitir escrever sua trajetória. Grata pelo acolhimento em sua casa e por apoiar a iniciativa desta pesquisa. Ao senhor Luís Gonzaga, esposo de dona Conceição, pela entrevista e apoio nesta pesquisa. A dona Maria das Graças, irmã de dona Conceição, por sua contribuição e incentivo.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior –CAPES, imprescindível para o êxito desta pesquisa, pois o fomento de bolsas tornou possível a dedicação e execução da pesquisa e escrita desta dissertação. A meu Companheiro, Nadson Silva, por todo apoio e cuidado neste processo do mestrado.

Os agradecimentos se estenderiam demais, dado a importância de cada pessoa que contribuiu no processo de construção desta pesquisa e escrita. Para não cometer o erro de esquecer algum agradecimento, estendemos nossa gratidão a todas as pessoas que me apoiaram e me incentivaram para percorrer o caminho da educação.

Geize Vieira de Almeida

RESUMO

A presente dissertação, intitulada “Gênero e Memória: A trajetória de dona Maria da Conceição Silva entre a infância no bairro São Raimundo e a gerência do Banco do Estado do Amazonas (1957-1980)” é resultado de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – PPHG UFAM, que busca historicizar a trajetória de Maria da Conceição Silva (77 anos), natural de Manaus-AM, bancária aposentada e ex-prefeita do município de Urucará, interior do estado do Amazonas. A partir da História das Mulheres e das Relações de Gênero, nos propomos a verificar, como os discursos e representações das desigualdades de gênero se expressam se efetivam na trajetória pessoal, educacional e profissional de dona Conceição. Para o desenvolvimento da referida pesquisa, recorreremos aos métodos da História Oral que nos permitem evidenciar sujeitos silenciados pela História Tradicional. Inicialmente investigamos a infância de Maria da Conceição junto à sua família em um bairro periférico da cidade de Manaus, suas primeiras percepções de mundo, neste tempo e espaço, que se configuram a capital do Amazonas em processo de expansão e urbanização, ocorridos em meados do século XX. Evidenciamos as memórias dos primeiros passos de sua trajetória educacional, em uma escola religiosa do Amazonas, buscando refletir como a desigualdade de gênero e a desigualdade social marcam sua trajetória desde muito cedo, onde sua família e a sociedade lhe impunham um modelo de educação voltado para a religião, para o lar ou para docência, totalmente o oposto dos seus sonhos em fazer carreira profissional como bancária, e como a mesma desde sua infância já apresentava atitudes de insubordinação aos padrões sociais pré-estabelecidos. Procuramos nesta empreitada, evidenciar as memórias da adolescência de Maria da Conceição sobre sua inserção e experiência na Escola Técnica de Comércio do Amazonas, as problemáticas e desigualdades enfrentadas neste ambiente elitista de Manaus. Bem como examinar as tessituras de suas relações de amizade e poder com importantes personalidades da política do estado, que lhe possibilitou chegar ao Banco do Estado do Amazonas. Tomando como recorte, a atuação profissional de dona Maria da Conceição Silva, sob a gerência do Banco do Estado do Amazonas-BEA, as fontes nos proporcionam compreender o processo de construção de memória desta mulher sobre sua própria experiência de vida, sendo uma jovem mulher em cargo de liderança na agência de Manacapuru-AM. Nesta assertiva, explanamos sobre o Processo de expansão e interiorização das agências bancárias, a partir dos Projetos de Desenvolvimento da Amazônia, gestados pelo governo militar no Brasil, como esta mulher tem sua trajetória pessoal e profissional constituída nesta conjuntura, onde ela vai tomando posse de seu próprio protagonismo, sendo uma reconhecida bancária, executora de projetos de fomento no Amazonas, torna-se gerente na agência em Brasília e instaladora do banco em Urucará, onde nesta assertiva descrevemos estas experiências, atentando para a percepção de que mesmo sendo uma mulher de poder, ela não se encontra livre dos discursos da desigualdade de gênero.

Palavras Chave: Memória; História das Mulheres; Relações de Gênero e Poder; Trajetória, Banco do Estado do Amazonas.

ABSTRACT

Gender and Memory: The trajectory of Dona Maria da Conceição Silva From the São Raimundo neighborhood to managing the Banco do Estado do Amazonas (State Bank of Amazonas) (1957-1980)

This dissertation, entitled “Gender and Memory: The trajectory of Dona Maria da Conceição Silva From the São Raimundo neighborhood to managing the Banco do Estado do Amazonas (State Bank of Amazonas) (1957-1980) is the result of a master's degree research carried out in the Postgraduate Program in History from the Federal University of Amazonas – PPHG UFAM, which seeks to historicize Maria da Conceição Silva (77 years old), born in Manaus-AM, retired banker and former mayor of the municipality of Urucará, in the interior of the state of Amazonas. From the History of Women and Gender Relations, we propose to verify how the discourses and representations of gender inequalities are expressed and implemented in Dona Conceição's personal, educational and professional trajectory. To develop this research, we used Oral History methods that allow us to highlight subjects silenced by Traditional History. Initially, we investigated Maria da Conceição's childhood with her family in a peripheral neighborhood of the city of Manaus, her first perceptions of the world, in this time and space, which constitute the capital of Amazonas in a process of expansion and urbanization, which occurred in the middle of the 20th century. We highlight the memories of the first steps of her educational trajectory, in a religious school in Amazonas, seeking to reflect on how gender inequality and social inequality mark her trajectory from a very early age, where her family and society imposed on her an education model aimed at religion, for the home or for teaching, totally the opposite of her dreams of a professional career as a banker, and as she had already displayed attitudes of insubordination to pre-established social standards since her childhood. In this endeavor, we seek to highlight the memories of Maria da Conceição's adolescence about her insertion and experience at the Technical School of Commerce of Amazonas, the problems and inequalities faced in this elitist environment in Manaus. As well as examining the tessiture of her relationships of friendship and power with important figures in state politics, which enabled her to reach the Banco do Estado do Amazonas. Taking as a focus, the professional performance of Mrs. Maria da Conceição Silva, under the management of the Bank from the State of Amazonas-BEA, the sources allow us to understand the process of building this woman's memory about her own life experience, being a young woman in a leadership position at the Manacapuru-AM agency. In this statement, we explain about the Process of expansion and internalization of bank branches, based on the Amazon Development Projects, managed by the military government in Brazil, how this woman has her personal and professional trajectory constituted in this situation, where she takes possession of her own protagonism, being a recognized banker, executor of development projects in Amazonas, she becomes manager at the branch in Brasília and installer of the bank in Urucará, where in this statement we describe these experiences, paying attention to the perception that even though she is a woman of power, she is not free from the discourses of gender inequality.

Keywords: Women's History; Gender and Power Relations; Trajectory, Amazonas State Bank.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Maria da Conceição Silva, 2022.	14
Figura 2: Bairro São Raimundo em Manaus na década de 1960.....	27
Figura 3: Publicidade Banco do Estado do Amazonas S.A.....	60
Figura 4: Propaganda do BEA para o incentivo da produção de juta no Amazonas.....	93
Figura 5: Agência do Banco do Estado do Amazonas em Urucará.....	115

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Uso da terra no município de Manacapuru em 2015.....	82
Mapa 2: Área de atuação da Agência do BEA de Manacapuru.	99
Mapa 3: Área de atuação da Agência do BEA de Urucará.	117

LISTA DE SIGLAS

ACAR	Associação de Crédito e Assistência Rural
AFEAM	Agência de Fomento do Estado do Amazonas
ALEAM	Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas
ANAP	Agência Nacional do Petróleo
BASA	Banco da Amazônia
BEA	Banco do Estado do Amazonas
BNDE	Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico
CELETRAMAZON	Centrais de Energia Elétrica do Amazonas
CETRU	Centro de Treinamento Rural de Urucará
CODEAGRO	Coordenadoria de Desenvolvimento do Agronegócio
CONAB-AM	Companhia Nacional de Abastecimento do Amazonas
EFA	Escola Família Agrícola
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
IEA	Instituto de Educação do Amazonas
PDRI-AM	Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado do Amazonas
PMU	Prefeitura Municipal de Urucará
SIDERAMA	Companhia Siderúrgica da Amazônia
SPVEA	Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
UESA	União dos Estudantes Secundaristas do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 UMA MENINA QUE SONHAVA ALTO: FAMÍLIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO	22
1.1 FAMÍLIA, TRABALHO E VIVÊNCIA NO BAIRRO SÃO RAIMUNDO	22
1.2 PROJETO FAMILIAR E EDUCAÇÃO	28
1.3 A ESCOLA SÃO LUIZ DE GONZAGA E A EDUCAÇÃO RELIGIOSA	36
1.4. SAINDO DO BAIRRO: EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO DO AMAZONAS.....	44
1.5. TECENDO RELAÇÕES DE PODER A PARTIR DO BANCO ESCOLAR OU CONHECENDO O BANCO DO ESTADO DO AMAZONAS	51
2 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: REDE DE ARTICULAÇÃO	59
2.1 CHEGANDO AO BANCO DO ESTADO DO AMAZONAS	59
2.2 A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA A PARTIR DO MERCADO DE TRABALHO	70
2.3 OCUPANDO ESPAÇO DE PODER: GERÊNCIA EM MANACAPURU.	78
2.4 GANHANDO VISIBILIDADE: PROJETOS DESENVOLVIDOS.....	92
2.5 UMA MULHER REPRESENTANDO O AMAZONAS: GERÊNCIA EM BRASÍLIA.....	100
3 INSTALANDO A AGÊNCIA BANCÁRIA EM URUCARÁ	107
3.1 O BANCO DO ESTADO E O PLANO DE DESENVOLVIMENTO DO GOVERNO MILITAR NO INTERIOR DO ESTADO DO AMAZONAS.....	107
3.2 CHEGOU A MULHER DE PODER.....	112
3.3 RELAÇÕES E CICLOS DE AMIZADE COM A POPULAÇÃO DE URUCARÁ.....	119
3.4 PROJETOS E EVENTOS DESENVOLVIDOS EM URUCARÁ.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
FONTES	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, as mulheres foram postas à margem da História, como argumentou Michelle Perrot em “*Minha História das Mulheres*”, ao denunciar o silenciamento histórico imposto às mulheres, pois “as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que por muito tempo, merecia interesse e relato”. Se “elas atuam em família, confinadas em casa”, logo “são invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas”.¹

Partindo desse pressuposto da invisibilidade, o silêncio histórico imposto as mulheres, advogamos “a emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero”.² A presente pesquisa que aqui apresentamos como Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, tem seu início no ano de 2021, após uma conversa com minha mãe, Osilene Vieira de Almeida (54 anos), onde falávamos sobre a polarização e domínio político de apenas duas famílias na história política de Urucará. Respectivamente as Famílias Felipe, de origem libanesa, e Família Falabella, de origem italiana.

Nesta conversa de mãe e filha, cidadãs urucaraenses que questionavam esse domínio oligárquico em Urucará, minha mãe me conta que na década de 1980, quando mudou-se da zona rural para a sede do município, a prefeitura era administrada por uma mulher, que também era gerente de banco e não pertencia a nenhuma das famílias tradicionais da política local.

A prefeita e bancária em questão, era dona Maria da Conceição Silva (atualmente com 77 anos), esteve no poder executivo de Urucará entre os anos de 1983 - 1988. Há tempos não reside neste município. Mudou-se para Manaus, depois Fortaleza e apenas em 2018 retornou para capital do Amazonas, e mantém-se afastada da vida pública.

Despertou-me o interesse em descobrir mais sobre sua atuação no município. Notamos o silenciamento imposto sobre sua história e trabalho desenvolvido nesta cidade; nos poucos trabalhos de pesquisa em história e trabalhos de memorialistas locais, não encontramos escritos que abordassem sobre sua ação como agente do Banco do Estado do Amazonas – BEA, nem seu protagonismo na prefeitura municipal de Urucará.

¹ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2007, p. 16.

² SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27. n° 54, p. 281-300, 2007.

A trajetória política e profissional de dona Maria da Conceição no município de Urucará também se encontra apagada dos registros oficiais. Mesma sendo ela, a instaladora da primeira agência bancária e até o presente momento, única mulher eleita prefeita do município, não encontramos nenhum memorial ou menção honrosa, nem mesmo podemos encontrar as chapas de fundação das instituições que ela construiu durante seu mandato, mas sua trajetória encontra-se nas memórias de alguns urucaraenses e nas vozes do silêncio³ que suspiram a construção de uma História das Mulheres.

Meados de 2021, iniciamos a empreitada para a estruturação do Projeto de Pesquisa e os primeiros contatos com Dona Maria da Conceição. Após as primeiras conversas e entrevistas com nossa colaboradora, as possibilidades da fonte e o reconhecimento da relevância da história de vida desta mulher, percebemos que estávamos diante de uma fértil possibilidade de pesquisa em História das Mulheres e das Relações de Gênero, para muito além de sua atuação política em Urucará.

Com o aprofundamento da pesquisa e cotejo da primeira entrevista realizada em novembro de 2021 com dona Conceição, ficou claro que o recorte da pesquisa não deveria limitar-se a sua atuação política em Urucará. Um novo recorte deveria considerar um momento anterior, alcançando a sua infância, juventude e atuação no Banco do Estado do Amazonas. As fontes orais sobre a atuação profissional de Conceição da Silva revelam a relevância dos seus protagonismos, não obstante uma trajetória estudantil e profissional atravessada por marcadores de gênero, aspectos da história do BEA, dos projetos desenvolvidos por esta instituição para o Amazonas.

Reestruturamos a pesquisa com objetivo geral mais delimitado, onde nos propomos analisar as representações e discursos que engendram e se efetivam nas relações de gênero e poder na trajetória pessoal, educacional e profissional de Maria da Conceição Silva, delimitando-se a sua infância e adolescência com o convívio familiar, sua experiência educacional e sua inserção e protagonismo no Banco do Estado do Amazonas, em sua atuação profissional inicialmente em Manaus, posteriormente Manacapuru e Brasília, até sua experiência bancária em Urucará, buscando compreender o contexto histórico social que esta mulher encontra-se inserida.

A presente dissertação, resultado de pesquisa, tem como propósito historicizar a trajetória Maria da Conceição Silva, atualmente com 77 anos de idade, nascida em 19 de setembro de 1946 na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, primogênita dos

³ DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

sete filhos do casal Francisco Lima da Silva e dona Maria Madalena Cardoso da Silva. Casada com o senhor Luiz Gonzaga de Souza Lima (68 anos de idade), é bancária aposentada pelo Banco do Estado do Amazonas e ex-prefeita do Município de Urucará, município da sub-região do Baixo Amazonas⁴, nas regiões geográfica intermediária e imediata de Parintins.⁵

Figura 1: Maria da Conceição Silva, 2022.



Fonte: Acervo pessoal/Maria da Conceição Silva.

Ao nos debruçarmos sobre o processo de construção de memória e a trajetória pessoal e profissional de Maria da Conceição Silva, inevitavelmente estaremos nos propondo a escrever História das Mulheres. E elucidar o protagonismo feminino em uma sociedade historicamente e culturalmente construída nas bases do patriarcado, ainda é um ato de luta, pois este se configura como o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens, que abrangem para além dos espaços familiares, atravessa a sociedade como um todo.⁶

Peter N. Stearns, em seu trabalho *História das relações de gênero* analisa como

⁴ O uso da expressão “Baixo Amazonas” neste trabalho se refere apenas à sub-região do estado do Amazonas, e não à do estado do Pará. Cf. AMAZONAS. **Constituição do Estado do Amazonas** – atualizada até a Emenda Constitucional 130/2022. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70430/CE_AM_EC_130-2022.pdf?sequence=11&isAllowed=y. Acesso em: 01 set. 2023.

⁵ IBGE. **Divisão Regional do Brasil**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-doterritorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html>. Acesso em: 01 set. 2023.

⁶ SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

as bases tradicionais do patriarcado se estruturam nos primórdios das civilizações antigas. O autor evidencia como as estruturas do patriarcado alcança as mulheres lhes definindo um lugar na hierarquia social, distinguindo padrões e papéis aos gêneros femininos e masculinos. “A força do patriarcado caiu sobre as mulheres, mas obviamente afetou também as definições de masculinidades. Os homens independentes da personalidade de cada um, deveriam assumir seus papéis de dominantes”.⁷ As mulheres em contrapartida, eram “instadas a ser subservientes e eficientes nas habilidades domésticas”.⁸

A trajetória pessoal e profissional de dona Maria da Conceição Silva, sua ascensão de carreira no mais importante banco do estado do Amazonas, é consolidada pelo enfrentamento dos estigmas da sociedade patriarcal que recaem sobre as mulheres. A subversão desta mulher nos possibilita vislumbrar os padrões de gênero designados para os sujeitos na sociedade, onde ao sexo feminino é posto o lugar da subalternidade.

Houve avanços inegáveis no que tange o direito das mulheres, ao longo do século XX. A historiografia tem produzido importantes trabalhos que registram as lutas e trajetórias femininas. Paradoxalmente, no cotidiano dos cargos de comando empresarial e nos lócus de poder político, a participação das mulheres está ainda muito restrita e limitada. Não obstante os seus potenciais de atuação nesses espaços ou como prefere Moraes, apesar da “indiscutível supremacia das mulheres nos movimentos comunitários, especialmente entre as populações mais pobres [...] Por outro lado, a participação das mulheres nos altos postos governamentais continua restrita”.⁹

Visando suprir as lacunas relativas às análises das desigualdades entre homens e mulheres, evidenciada pelo campo da História das Mulheres, surgiu a categoria *Gênero*. Este termo nasce enquanto uso da palavra, entre as feministas americanas que questionavam o caráter fundamentalista social das distorções baseadas no sexo; a palavra gênero seria então um indicativo à rejeição ao determinismo biológico que influenciava para a definição dos papéis sociais designados as mulheres e homens. Buscava-se também acentuar o aspecto relacional das definições normativas impostas pela sociedade sobre o que representa feminilidade.¹⁰

Nos apropriando da categoria de gênero para realizar uma análise em história,

⁷ STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007, p. 9.

⁸ *Ibidem*, p. 12.

⁹ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Cidadania no feminino. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **História da Cidadania**. 6. ed., 3º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2016, p. 513.

¹⁰ SCOTT, Joan. Gênero: uma Categoria útil para análise Histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. **S.O.S Corpo**, Recife, 1991, p. 1.

poderemos refletir como as desigualdades existentes entre homens e mulheres são construções históricas e sociais, que conseqüentemente definem parâmetros para os papéis da mulher e do homem na sociedade estruturada pela cultura patriarcal, buscando entender que “a dimensão política das relações entre masculino/feminino está na noção do público, portanto, numa reflexão sobre o civil, o econômico e o próprio político, sem abstrair a importância do privado”.¹¹

Deste modo, para desenvolver nossa pesquisa, romper o silêncio histórico e de fontes imposto a nossa protagonista, buscamos nos apropriar da metodologia da História Oral, esta que nos permite “a recuperação da memória coletiva e individual das mulheres, cumpre um fim específico - tornar possível a reconstrução e apropriação coletiva do passado, o que nos ajuda compreender o presente histórico”.¹² E assim, buscar elucidar o protagonismo feminino para que outras mulheres e a sociedade como um todo tomem consciência da importância da participação e contribuição das mulheres em todos os segmentos sociais.

As fontes para pesquisa em história oral, como ressalta Alessandro Portelli, “são narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre o historiador e narrador”.¹³ A prática de pesquisa histórica com a história oral possibilita uma reconstrução da memória num processo de rearranjo e negociação, em que entrevistador e entrevistado lidam com a memória. A memória assume assim, uma posição central no trabalho investigativo, pois ela “é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentido de unidade, de continuidade e de coerência -isto é, de identidade”.¹⁴

Com a História Oral, abriu-se um extenso campo de possibilidades de pesquisas, e podemos nesse âmbito desvelar outros sujeitos históricos outrora ignorados pela História Tradicional. Essa metodologia nos permite investigar as trajetórias individuais e coletivas de grupos considerados excluídos, silenciados ou postos à margem da história, como “os analfabetos, miseráveis, rebeldes, crianças, mulheres, movimentos sociais populares, lutas cotidianas, assim como eventos ou processos históricos que não tem

¹¹ COSTA, Suely Gomes. Gênero e História. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.) **Ensino de história**: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 188.

¹² TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral**: gênero e história das mulheres. Dourados: UFGD, 2014, p. 31.

¹³ PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. Tradução: Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. (Coleção Ideias).

¹⁴ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 157.

como serem elucidados de outras formas, se não pela História Oral”.¹⁵

As mulheres, como argumentou Michelle Perrot, enfrentam diversos obstáculos para terem suas trajetórias registradas na história, primeiramente por sua pouca participação no espaço público e segundo pelo que Perrot chamou de “*o silêncio das fontes*. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais”¹⁶, até mesmo pela própria mulher não ter consciência da importância de sua história, da importância de sua trajetória para o meio em que vive.

A História para se constituir necessita da crítica e de problematização. Contudo, a história não ignora que “as memórias são fontes históricas, pois elas nos ajudam a identificar o que tem sido lembrado, recordado por um ou vários grupos sociais. É possível identificar a permanência de uma determinada leitura sobre o acontecimento”¹⁷. Michel Pollak em “Memória e identidade social” destaca que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo.¹⁸

As memórias, numa perspectiva da História das Mulheres, nos colocam num processo de retomada de consciência tanto individual quanto coletiva, como Losandro Tedeschi reitera: “A recuperação da memória feminina nos ajuda a fortalecer os processos de discriminação e de resistência à hegemonia dos discursos de poder e de sistemas de representações androcêntricos presentes”,¹⁹ nos mostrando assim a grande relevância e necessidade de historicizar as mulheres e suas trajetórias.

A priori, nossa pesquisa enfrentou difíceis obstáculos, pois ao iniciarmos a primeira busca por parentes, amigos ou aliados políticos que pudessem colaborar com nosso projeto, nos disponibilizar contato ou notícias de Maria da Conceição, chegamos ao triste impasse: ninguém tinha contato ou sabia informar sobre a atual localização de nossa colaboradora. Por não ser natural de Urucará e não ter raízes no município, a mesma voltou para Manaus e posteriormente se mudou para Fortaleza, retornando para Manaus depois de algum tempo, atualmente mantém-se longe da vida pública.

Norteamos nosso roteiro de entrevistas na História Oral de Vida, que “tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, desde sua infância ao momento em

¹⁵ FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 171.

¹⁶ Perrot, 2007, p. 17.

¹⁷ MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 26.

¹⁸ POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

¹⁹ Tedeschi, 2014, p. 32.

que se fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, viveu ou se inteirou”.²⁰ O uso deste procedimento metodológico nos possibilitou registrar as memórias de dona Conceição e o processo de construção de memória ao falar sobre sua trajetória e suas experiências com seu meio social familiar, educacional e profissional.

A partir da História Oral, como metodologia de constituição de fontes, as narrativas de dona Maria da Conceição, configuram-se como fio condutor da escrita desta dissertação. Acrescentamos também, a pesquisa em fontes de periódicos, o *Jornal do Commercio*, pois, “uma alternativa a esse silêncio documental veio a partir do recurso às fontes jornalísticas, tendo sua utilização possibilitado uma maior aproximação com o tema proposto”.²¹

Com o desenvolvimento da pesquisa, a riqueza de detalhes apresentados nos relatos orais de dona Maria da Conceição, chegamos ao consenso que sua trajetória apresenta dimensões extensas a serem exploradas, para tanto, decidimos delimitar um recorte a ser abordado nesta dissertação, nos limitando a temporalidade 1957-1980 para descrever desde as memórias de sua infância até sua atuação como bancária no Município de Urucará-AM.

O recorte parte também, de uma necessidade de organização cronológica. Pierre Bourdieu, em *A Ilusão Biográfica*, atenta para o fato que nas pesquisas biográficas, o investigador e o investigado, tendem a buscar sentido ou lógica aos relatos em retrospectiva para estabelecer uma coerência a causo eficiente ou final.²²

Nesta pesquisa, tentamos compreender como na trajetória da pequena Maria da Conceição, filha de família pobre da cidade de Manaus, vai tecendo sua vida para se tornar uma importante mulher do setor bancário do Estado do Amazonas e como a mesma vê essa construção de vida pessoal e profissional.

A própria entrevistada, remete-se ao seu passado de infância, como um marco fundador de seu próprio protagonismo. Pierre Bordieu, atenta para a premissa que “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado”.²³ Nesta perspectiva, tanto de decisão do pesquisador, quanto do investigado, buscamos iniciar nossa pesquisa a partir da infância desta mulher.

²⁰ Alberti, 2014, p. 48.

²¹ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte**: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920). 3. ed. Manaus: EDUA, 2015b, p. 19

²² BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: **Usos e abusos da História Oral**. Marieta de Moraes Ferreira; Janaina Amado (org). Editora Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 8º edição, 2006.

²³ Bordieu, p. 184. 2006.

O primeiro capítulo desta dissertação divide-se em cinco subtítulos. No primeiro momento apresentamos a *família, trabalho e vivência no bairro São Raimundo*, no qual a partir da metodologia da História Oral, registramos o processo de construção de memórias de dona Conceição acerca sua infância, o contexto social de sua família, o trabalho de seus pais, as recordações e os significados dados por ela a sua moradia, as responsabilidades de ser a irmã mais velha que dividia as tarefas com sua mãe e as experiências do ir e vir pelo bairro São Raimundo, onde ela vai expandindo suas primeiras percepções de mundo.

Em *projeto familiar e educação*, abordamos as intenções familiares sobre a vida de dona Maria da Conceição Silva, desde os direcionamentos para as prendas do lar, os desígnios de seu pai voltados para um projeto familiar de casamento, em contrapartida aos desejos de sua mãe para a mesma pudesse tornar-se independente a partir da profissionalização de professora de educação primária. Nesta assertiva, apresentamos ainda os primeiros prenúncios da insubordinação de dona Conceição e a importância do apoio materno em suas escolhas.

A partir da trajetória educacional de dona Conceição, buscamos evidenciar as memórias com a *Escola São Luiz de Gonzaga e a educação religiosa*, que nos permite discutir as formas de ensino da educação religiosa voltada para meninas, que busca direcioná-la ao lar, a subserviência e ao modelo de feminino gestado para obedecer aos padrões do patriarcado daquela sociedade que aquela menina se encontrava inserida, bem como a tomada de consciência de sua inadequação a esta forma de educação.

As primeiras conquistas e inserção a outros espaços elitizados de Manaus da década de sessenta são apresentados no tópico *Saindo do bairro: experiências na Escola Técnica de Comércio do Amazonas*. Nesta seção analisamos o desafio enfrentado por dona Conceição, uma jovem mulher pobre em busca de sua profissionalização no curso Técnico em Contabilidade, frente aos estigmas construídos pelas desigualdades da classe social e de gênero. Além de buscar perceber a importância de seu protagonismo enquanto aluna na Escola Técnica Rui Barbosa, condição viabilizadora do acesso aos espaços da elite manauara, os primeiros contatos com o Banco do Estado do Amazonas e a tessitura da rede de relações de poder sustentadora do início de sua carreira como bancária.

Neste segundo momento de escrita dos resultados da pesquisa, buscamos apresentar a instituição bancária a qual nossa protagonista encontrava-se inserida e construiu promissora carreira. A partir dos periódicos do *Jornal do Commercio*,

buscamos fazer levantamento acerca do histórico do Banco do Estado do Amazonas, para demonstrar como esta casa de crédito foi importante marcador na experiência de trabalho de dona Maria da Conceição Silva, assim como foi importante instituição para a história do Estado do Amazonas.

A priori, no segundo capítulo, descrevemos como Maria da Conceição Silva, vai *chegando ao Banco do Estado do Amazonas*, a partir da indicação do governador Gilberto Mestrinho, que nos faz perceber a grande habilidade desta mulher na tecitura e articulação de uma rede de relações capaz de sustentar seu projeto de ocupação dos espaços de poder dentro da agência bancária. Elucidamos suas primeiras experiências como telefonista e o enfrentamento às práticas sexistas que buscam subalternizar o trabalho feminino.

A inserção desta mulher na mais importante instituição financeira do Estado do Amazonas nos permite discutir a *Conquista da independência através do mercado de trabalho*, para dona Conceição, assim como para muitas mulheres. A partir de suas memórias, buscamos narrar como a mesma vai percebendo as mudanças em sua vida a partir de sua profissionalização, os desafios em ser uma mulher que busca consolidar carreira nesta agência bancária e as visões de seus familiares acerca desta jovem mulher independente, filha de família pobre que começa emergir desta ordem social.

No subtítulo *Ocupando espaços de poder: gerência em Manacapuru*, dona Maria da Conceição nos permite perceber o processo de ruptura em sua vida pessoal e profissional, a mudança para Manacapuru e o novo cargo, com grandes responsabilidades, apresentados como marcadores na trajetória desta mulher protagonista. Neste tópico buscamos evidenciar as experiências desta jovem mulher independente enquanto subgerente do BEA no interior do Amazonas e os desafios enfrentados neste cargo.

Posteriormente abordamos os projetos desenvolvidos por dona Conceição na Agência do Banco do Estado do Amazonas de Manacapuru, sua relação com os políticos locais, bem como os agricultores, extrativistas e demais clientes da agência, bem como o projeto de fomento da juta gestado para os agricultores da área de várzea deste município

Para fechar este capítulo, apresentamos a atuação profissional de dona Maria da Conceição Silva em Brasília, atuante em momento de expansão nacional do BEA, a realização profissional frente a maior instituição bancária do estado, assim como buscamos perceber a grande problemática de jovens mulheres em cargos de chefia, o enfrentamento ao sexismo e discriminação de gênero em seu ambiente de trabalho.

No terceiro capítulo da dissertação, buscaremos abordar o processo de expansão do BEA no Baixo Amazonas e por consequência a possibilidade de retorno de Dona

Maria da Conceição para o Amazonas. Muito provavelmente esta etapa de sua trajetória profissional pode ter representado uma forma de procura de sua estabilidade, contrária à rotina corrida e problemática da agência em Brasília. Procuramos neste íterim, verificar os motivos que levaram este município a ser escolhido para sediar uma agência, em contrapartida a outros municípios e os projetos de desenvolvimento do Baixo Amazonas.

Nos aprofundamos no estabelecimento de dona Conceição em Urucará, no subtópico *Chegou a mulher de poder*, onde discorremos acerca da mudança de dona Conceição, de Brasília para Urucará, com a carta patente e o objetivo de instalar a nova agência bancária no município. Apresentamos e primeiro encontro pessoal com Pedro Falabella, Prefeito de Urucará, a escolha e preparação da equipe de colaboradores da agência BEA Urucará, instalação do prédio provisório e construção do prédio oficial, primeiros contatos com a clientela local, tratamento recebido e posicionamento de dona Conceição enquanto mulher representante do setor financeiro estadual.

No capítulo, investigamos *as Tecituras de relações e ciclos de amizade* a partir deste espaço de poder que se configura as instituições bancárias nos pequenos municípios. Observamos a construção de laços de solidariedade política com os núcleos familiares tradicionais, família Felipe, família Falabella e demais clientes do BEA, como agricultores e fazendeiros locais. Como esta mulher vai tecendo redes de apoio e conhecendo a população local, as comunidades e as particularidades da zona rural de Urucará, apresentação de dona Conceição como uma mulher pública carismática e boa profissional, comprometida com a população, fatores estes que lhe aproximam da política partidária do município.

Destacamos a atuação profissional de dona Conceição, com *os Projetos e eventos desenvolvidos em Urucará*, as parcerias realizadas entre o BEA, Prefeitura Municipal de Urucará (PMU) e Empresa de Assistência Técnica e Rural do Amazonas (EMATER), para o fomento do guaraná, juta e entre outras culturas agrícolas em Urucará, bem como as parceria para títulos definitivo de terras para agricultores assentados em comunidades de base do município, em parceria com o Centro de Treinamento Rural de Urucará (CETRU).

Os projetos de fomento para produção e compra de máquinas agrícolas, parceria CELETRAMAZON, Coordenação Carnaval de Urucará, Coordenação do time de Futebol União Católica de Urucará e envolvimento com os festejos da Igreja Católica, que lhe possibilitou ganhar visibilidade enquanto figura pública e atuante na sociedade urucaraense.

1 “UMA MENINA QUE SONHAVA ALTO”: FAMÍLIA, INFÂNCIA E EDUCAÇÃO

1.1 FAMÍLIA, TRABALHO E VIVÊNCIA NO BAIRRO SÃO RAIMUNDO

“Eu era uma menina que sonhava muito alto, falava minha mãe, é! Eu era uma menina que sonhava alto”²⁴.

Para muitas meninas de famílias menos abastadas, o ato de sonhar com carreira profissional nas instituições bancárias é visto como um sonho muito alto. A desigualdade social, o patriarcado e a desigualdade de gênero na Amazônia são marcadores sociais que impõem a mulher à subalternidade.²⁵ Ser bancária era o sonho de menina de nossa colaboradora, que nos permitiu narrar sua trajetória.

Maria da Conceição Silva, nasceu em 19 de setembro de 1946 na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas, primeira filha do casal Francisco Lima da Silva e dona Maria Madalena Cardoso da Silva. Atualmente com 77 anos de idade, é bancária aposentada pelo Banco do Estado do Amazonas-BEA e ex-prefeita do Município de Urucará, no interior do Amazonas.²⁶

Maria Madalena, mãe de nossa protagonista, nasceu em Manaus, filha de pescadores catraieiros,²⁷ que mantinham sua subsistência da pesca e venda de peixes em suas próprias catraias²⁸, no porto de Manaus às margens do Rio Negro. Com os poucos recursos financeiros de seus pais, ela não estudou em escola formal, mas sabia escrever seu nome, como recorda sua filha Conceição.²⁹

Minha mãe, Maria Madalena, ela não sabia ler, ela não estudou como nós. Mas ela sabia escrever seu nome, isso ela sabia, eu lembro que sabia. Devido às condições da época dos seus pais e por ela ter casado muito jovem, ela não estudou. Mas a mamãe era muito virada, ela

²⁴ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²⁵ TORRES, Iraildes Caldas. **Entrelaçamento de gênero na Amazônia**. Manaus, Editora Valer, 2015.

²⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²⁷ Ver a historiadora Maria Luiza Ugarte Pinheiro, a qual mergulha no cotidiano dos trabalhos do porto de Manaus, em especial os estivadores, mas também se atenta para outros sujeitos que desenvolviam outras atividades neste ambiente, como os catraieiros. Cf. PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Cidade sobre os ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899-1925)**. 3. ed. Manaus. Editora EDUA, 2015a.

²⁸ Pequena embarcação fluvial utilizada pelos ribeirinhos do Amazonas, feita artesanalmente de madeira, podendo ser cobertas de lona ou palha, onde o condutor utiliza remo ou vara para sua locomoção.

²⁹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

entendia das coisas e sempre nos incentivou para estudar para não repetir a história dela, os pais sempre desejam algo melhor pros filhos e mamãe era assim.³⁰

Dona Maria Madalena, assim como muitas meninas na Amazônia, casou-se muito jovem com o senhor Francisco Lima, tornou-se mãe de sua filha mais velha, Maria da Conceição, aos 17 anos de idade. Posteriormente, com seu esposo, teve mais seis filhos.³¹

O trabalho com os afazeres domésticos e a criação dos filhos foram fatores que impossibilitaram que dona Maria Madalena tivesse acesso à educação, assim como também a possibilidade de inserção no mercado de trabalho formal. A mesma conseguiu pequena independência financeira de seu marido, a partir de sua atividade de costura que realizava em sua própria casa, e com estes ganhos obtidos, compartilhava as despesas de seu lar e dos filhos.³²

Maria da Conceição, expressa sentimento de afetividade e inspiração de consciência social e feminina. Ela reconhece que muitos de seus sonhos e modos de ver o mundo foram influenciados pela figura materna, que sempre orientou as filhas pela busca de uma perspectiva de vida, melhor daquela vivida por ela e a que podia oferecer a seus filhos.³³

A mamãe, ela casou muito cedo, muito jovem e sem ter aproveitado muito a vida, ela conhecia a batalha diária de ser mãe, mulher e dona de casa. Ela sempre nos aconselhou a sonhar com mais do que aquilo ali, pra gente voar e se tornar alguém da vida, que nós meninas tínhamos que estudar e ter uma profissão, que a gente devia casar primeiro com o estudo que isso dava resultado pra nós mulher.³⁴

Podemos perceber que a nossa entrevistada, desde sua infância, foi influenciada por um projeto de independência feminina, tomando consciência de que a educação formal, seria o principal meio pelo qual ela poderia alcançá-la. Assim como também tomava consciência de sua condição de classe social, no qual somente a profissionalização e o trabalho poderiam lhe trazer determinada ascensão.

No processo de reconstrução de memória presidido por dona Maria da Conceição sua mãe é descrita como figura materna carinhosa, cuidadosa e atenciosa com seus filhos,

³⁰ *Idem.*

³¹ *Idem.*

³² *Idem.*

³³ *Idem.*

³⁴ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

apesar da sobrecarga da dupla jornada de trabalho com os afazeres domésticos, o cuidado de seus sete filhos e a atividade de costura.

Michael Pollak, em *Memória, Esquecimento, Silêncio*,³⁵ discute os elementos da memória e afirma que as lembranças dos indivíduos são alimentadas por três dimensões: os acontecimentos vividos diretamente; os fatos experimentados por tabela e aqueles aos quais ele chamou de memória herdada.

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.³⁶

Nas memórias compartilhadas, ou memórias herdadas por seus pais, Conceição se reconhece como descendente de nordestinos. Os avós paternos teriam migrado para o Amazonas, fugindo da seca e em busca de melhores condições de vida.³⁷ Impulsionado também por uma política de governo, muitos nordestinos migraram para o Amazonas com o objetivo de trabalhar na exploração da borracha.³⁸

A historiadora Maria Luiza Ugarte Pinheiro, em seu trabalho *Cidades sobre os ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899-1925)*³⁹ realiza um estudo sobre os trabalhadores do porto de Manaus, diante aos novos modelos do setor portuário, o processo de urbanização do centro comercial da capital do Amazonas e da luta de classes enfrentadas por estes sujeitos no processo de consolidação da cidade de Manaus na transição do século XIX para o XX.

A autora busca apresentar a origem dessa classe trabalhadora, remetendo ao Amazonas da “Paris da Selva”, nos tempos do ápice da economia gomífera e a massiva migração de diversos sujeitos para região, em especial os nordestinos que aqui se

³⁵ POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n° 3, 1989, p. 3-15.

³⁶ Pollak, 1992, p. 201.

³⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

³⁸ VALLE, Artemisia Souza. **Os igarapés no contexto do espaço urbano de Manaus: uma visão ambiental**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 1999.

³⁹ Pinheiro, 2015a.

aventuravam com o intento de construir riqueza.

No entanto, a historiadora ressalva outra realidade para aqueles que tardiamente chegaram, após o apogeu da borracha. “Seus principais expoentes vivenciaram, não o apogeu da borracha (ainda eram crianças ou jovens de tenra idade), mas o período subsequente, a lenta degradação da cidade que a decadência do extrativismo da goma elástica engendrou”⁴⁰

Com a decadência da economia gomífera, muitos migrantes nordestinos foram abandonados à própria sorte e passaram a se estabelecer em ocupações e palafitas às margens do Rio Negro e igarapés de Manaus.⁴¹ É neste ambiente que os avós de Conceição viveram e criaram seus filhos, dentre eles, o senhor Francisco Lima da Silva.

Atravessado pela desigualdade social e histórica, imposto ao senhor Francisco, o mesmo não teve acesso à educação escolar formal. Aprendeu a assinar seu nome com seus pais e algumas poucas letras conseguia ler; dado este motivo, não valorizava tanto a educação, como recorda Conceição.⁴²

Papai, ele não estudou. Quer dizer, não assim na escola, ele não teve essa oportunidade, ele sempre teve que trabalhar desde criança junto com seus pais. Na época dele também não tinham muitas escolas e penso eu que por isso ele não valorizava tanto nosso estudo, ele não proibia de estudar, mas também não era de incentivar como a nossa mãe.⁴³

Dona Maria da Conceição, quando fala de seu pai, busca revisitar o passado e fazer o exercício de compreensão dos comportamentos e atitudes de seu pai, sua perspectiva em relação à educação, em contrapartida, a sua condição de filho de nordestinos que desde a infância batalhou por sua própria sobrevivência.

Seu Francisco Lima trabalhava como abatedor de bovinos no Matadouro Público Municipal de Manaus, realizava serviços de corte e limpeza de carne bovina e seus miúdos.⁴⁴ O trabalho no matadouro era fonte de renda de sua família, assim como de muitas outras famílias, algumas também descendentes de nordestinos que passaram a

⁴⁰ PINHEIRO, 2015a, p. 213.

⁴¹ SIMÕES, Isabella de Bonis Silva. **Habitação popular na área central de Manaus: processos de territorialização e desterritorialização de palafitas e flutuantes**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

⁴² SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

⁴³ *Idem*.

⁴⁴ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

ocupar o outro lado ponte do centro histórico, o Bairro São Raimundo. A ocupação aconteceu devido à proximidade com o local de trabalho, e desigualdade social e moradia no processo de urbanização de Manaus.⁴⁵

Edneia Mascarenhas Dias, célebre historiadora do Amazonas, em seu estudo *A ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920*,⁴⁶ disserta sobre processo de segregação da classe pobre da cidade de Manaus, em meio aos projetos de *embelezamento* do espaço urbano na capital do Estado.

Aos trabalhadores passam a ser destinados as áreas mais desvalorizadas e distantes. A área urbana amplia-se com a criação de novos bairros, segregando a pobreza, pois a maioria deles, além de distantes, eram separados do centro por igarapés, sendo o meio de transporte realizado através das catraias, muitas vezes serviço de péssimo atendimento.⁴⁷

A fundação do bairro São Raimundo (figura 2), assim como de muitos outros bairros periféricos e aos arredores dos igarapés de Manaus, se insere neste contexto histórico de urbanização e higienização da urbe amazonense. Este processo é marcado pela colossal construção da desigualdade social, pela segregação dos sujeitos não desejáveis neste projeto de organização de uma cidade rica e próspera.

Maria da Conceição Silva recorda saudosamente dos tempos de menina em que morava com seus pais no bairro São Raimundo, na capital do Estado do Amazonas. Lugar onde viveu toda sua infância e adolescência, e marcaram suas primeiras percepções de mundo, das desigualdades sociais e as relações de poder que lhe seriam significativas para sua trajetória.⁴⁸

O Bairro São Raimundo, foi o primeiro aglomerado de residências afastado do berço da cidade de Manaus, fundado principalmente por nordestinos que pejorativamente recebiam o apelido de “bucheiros”, dado pelos moradores do bairro de Aparecida, devido ao fato de muitos moradores deste bairro trabalharem no Matadouro Municipal de Manaus.⁴⁹

⁴⁵ SOUZA, Ellza. **Do “Alto” da minha colina: sem bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento.** Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.

⁴⁶ DIAS, Edneia Mascarenhas. **A ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920.** Manaus. Editora Valer, 1999.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 137

⁴⁸ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

⁴⁹ Souza, 2010.

Figura 2: Bairro São Raimundo em Manaus na década de 1960.



Fonte: IBGE, 1965.

Michael Pollak explica ser o processo de construção de memória de um indivíduo realizado a partir de questões apresentadas no presente, quando então se recuperam, selecionam, reconstróem aspectos vividos no passado.⁵⁰ Maria da Conceição Silva, narra alegremente sobre sua infância e o lugar de moradia com sua família.

Meus pais não eram ricos, éramos uma família simples e trabalhadora. Nós morávamos no Bairro São Raimundo, você já ouviu falar no Bairro São Raimundo? Meus pais tinham uma casinha lá, simples mas construída com muito esforço, e nós éramos felizes. Lá não era um bairro de ricos e tudo mais, mas era muito movimentado e alegre, por ali vivi e conheci muita gente, muitas amizades. Desde pequena eu andava pelo bairro e conhecia as pessoas daquele lugar e pessoas importantes que sempre apareciam por lá.⁵¹

Nas narrativas de Maria da Conceição sobre o lugar da moradia de sua família, podemos perceber como a mesma dá significado e valores a estes espaços, tais como “simples”, “trabalhadora”, “esforço”, “feliz” e “alegre”.⁵² Eder Sader, reflete que a

⁵⁰ Pollak, 1989.

⁵¹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

⁵² Portelli, 2016.

moradia é “o lugar simbólico onde o trabalhador projeta seus valores”.⁵³ Neste lugar privado do núcleo familiar, se constroem as relações de valorização do próprio sujeito.

O convívio familiar com os pais e os irmãos na pequena e simples residência, as memórias partilhadas sobre a trajetória de sua família paterna, a vivência com o pesado trabalho do pai no matadouro e seu excessivo hábito com as bebidas alcoólicas, que resultavam em constantes conflitos familiares, apresentam-se nas memórias de dona Conceição como importantes experiências para sua construção pessoal.

No entanto, são as recordações sobre a condição de vida de dona Maria Madalena, bem como sua vivência e relação com a mãe, e os seus conselhos maternos e femininos, a qual nossa colaboradora revela terem sido de maior significância para que vislumbrasse outros horizontes para seu futuro. Algo até mais além do que sua própria mãe projetava para sua vida.

1.2 PROJETO FAMILIAR E EDUCAÇÃO

Os estudos de “História e Memória na Amazônia”⁵⁴ têm apresentado um campo promissor para reconstituir a trajetória de múltiplos sujeitos ignorados ou silenciados pela História Tradicional. Para além de registrar estas histórias, as pesquisas de Memórias nos possibilitam compreender as interpretações que estes próprios sujeitos fazem de suas vidas, como estes realizam o exercício de reflexão sobre suas lutas e construção de sua própria identidade.

A trajetória de Dona Maria da Conceição Silva, assim como de muitas outras mulheres na Amazônia tem sido silenciada. A partir de nossa pesquisa em História Oral e Memória, tornou-se possível narrar seu percurso de destaque em importantes órgãos públicos do Estado do Amazonas, em um tempo em que para muitas mulheres, os cargos de poder eram negados.

Para além de investigar e conhecer o percurso educacional, profissional e político de dona Maria da Conceição, a metodologia de “História Oral como arte da escuta”⁵⁵, nos proporciona perceber como a mesma compreende a construção da identidade desta mulher forte e independente que se tornou.

⁵³ SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: Experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 95.

⁵⁴ SILVA, Patrícia Rodrigues da. História e Memória na Amazônia. *In: QUEIRÓS, César Augusto B. (Org.) **Historiografia Amazonense em Perspectiva***. Manaus: Editora Valer, 2020.

⁵⁵ Portelli, 2016.

Ao abordar sobre seus sonhos de infância e adolescência, dona Maria da Conceição preside uma narrativa de si, onde revela ter sido na infância uma menina sonhadora, alegre, comunicativa, determinada e cheia de vontades. Seu pai sempre lhe dizia que ela lhe trazia grande preocupação, pois ela não era uma menina quieta e comportada, sempre agitada e costumava brincar com as demais crianças da rua de seu bairro.⁵⁶

Eu sempre fui muito agitada, eu sou muito agitada, desde criança eu era muito falante, falava mesmo, falava pelos cotovelos e vivia perguntando as coisas do papai e da mamãe. Eu era uma criança alegre e comunicativa mesmo, falava com os vizinhos e as pessoas do nosso bairro, eu era a filha mais velha e era eu que saía para comprar as coisas e fazer mandado pra mamãe, então por ali todo mundo me conhecia. Meu pai, ele não gostava muito do meu jeito, ele sempre dizia que eu era muito pra frente, que eu tinha que me comportar como menina, que ele se preocupava muito comigo por causa do meu jeito. Sabe, eu nunca fui daquelas meninas quietas e eu sempre corri atrás das coisas que eu queria e papai dizia que eu era cheia de vontades demais.⁵⁷

A narrativa de Conceição Silva parece indicar ter a menina, muito provavelmente, fugido das expectativas comportamental atribuídas a uma menina na década de 1960. O posicionamento de seu Francisco Lima em relação à sua filha, parece apontar para os estigmas da sociedade patriarcal que recaem sobre as mulheres desde a sua infância. Silvia Fávero Arend, em *Meninas: Trabalho, Escola e Lazer*,⁵⁸ apresenta um estudo sobre ser menina durante os séculos XIX e XX no Brasil. Com o nascimento da República e a defesa da infância para as crianças, coube às mães o papel de cuidado com a sua prole, em especial as meninas. Esperava-se que as meninas não realizassem as mesmas brincadeiras que os meninos. Correr, nadar em lagos e rios, brincar de esconde-esconde não eram brincadeiras aconselhadas para as meninas. Esperava-se que as meninas apresentassem outro comportamento: “Docilidade, meiguice, serenidade e resignação eram as características consideradas femininas ao passo que as esperadas dos varões eram a coragem, o poder de decisão e a competitividade”.⁵⁹

Maria da Conceição não se descreve com tais adjetivos esperados para as meninas

⁵⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

⁵⁷ *Idem*.

⁵⁸ AREND, Silvia Fávero. *Meninas: Trabalho, Escola e Lazer*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

⁵⁹ Arend, 2013, p. 36.

de sua época e justifica sua capacidade comunicativa, bem como sua constante atividade de explorar os espaços do bairro em que morava e sua comunicação com seus vizinhos e moradores da localidade, ao fato de ser a filha mais velha e ter a necessidade de sair de casa para fazer os mandados da mãe.

“Eu era o curumim de mandado da mamãe”,⁶⁰ assim ela se descreve ao narrar o início de sua adolescência. “Eu saía pra fazer os mandados pra mamãe, ia na padaria, na taberna, ia levar as costuras dela, todo dia eu fazia mandado pra mamãe”. Ao designar-se com o substantivo de “curumim” ou menino, a mesma nos faz perceber os discursos e representações que se constroem sobre as crianças que realizam mandados para seus familiares, fora do espaço da casa: estas atividades seriam então majoritariamente atreladas aos meninos.

É possível perceber como nesta construção de memória, ao denominar sua rotina de sair para realizar compras e entregas para sua mãe, como atividades de “curumim de mandado”, dona Conceição se coloca nesse lugar do outro, neste espaço que não era habitualmente das meninas de sua idade, trazendo para si esse reconhecimento de que desde muito jovem, suas ações já indicavam atuações divergentes para aquilo que se projetava socialmente para uma menina.

Entre um mandado e outro, indo fazer compras nas tabernas, na padaria, nas feiras e fazer entrega das costuras feitas por sua mãe, a menina Conceição vai explorar os espaços públicos de seu bairro, conhecendo os sujeitos e as dinâmicas de comércio ao seu redor, tornando-se assim uma menina também conhecida pelas pessoas de onde morava.

O acesso precoce aos espaços públicos, este ir e vir nas ruas do bairro pode ser apontado como primeiros passos de transgressão da pequena Conceição. Pois, “Segue em voga a ideia de que o espaço público, no qual se debatem as questões relevantes para a coletividade, é um domínio essencialmente masculino, enquanto o mundo privado, socialmente menos valorizado, é o reino do feminino”.⁶¹

É importante salientar que não podemos generalizar a condição de todas as mulheres, e afirmar erroneamente acerca da presença das mulheres e meninas nos espaços públicos, fazendo pensar equivocadamente que as mulheres se mantinham totalmente restritas aos espaços privados do lar, no seio familiar e proibidas de frequentar outros

⁶⁰ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

⁶¹ LUCA, Tania Regina de. *Imprensa Feminina: Mulher em Revista*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed., 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 227.

lugares de convívio social. As mulheres, em especial da classe menos abastadas, sempre estiveram presentes no trabalho e atividades de subsistência da sociedade.

O que nos importa aqui é salientar o fato de Conceição ser a filha mais velha de uma família pobre amazonense, cujo pai trabalhava o dia todo e cuja mãe exercia a dupla jornada da costureira e responsável pelos cuidados da casa e de seus sete filhos: Maria da Conceição Silva, Maria das Graças da Silva, Maria Elizabeth da Silva (*in memoriam*), Almir Lino da Silva, Jurandir Lino da Silva, Hélio Lino da Silva e Altair Lino da Silva (*in memoriam*). Neste contexto na divisão de tarefas coube assim para a menina Conceição atribuições comumente destinadas aos meninos, ou seja, ficar responsável por sair de casa e realizar tarefas para sua mãe.

É no contato com outros espaços, sujeitos e contextos sociais que ela, ainda menina, começa a traçar seus sonhos com a insubordinação e contrário aos projetos familiares de seu pai e sua mãe. A pequena Conceição passou a nutrir os seus próprios sonhos e desejos profissionais para sua vida. A menina passou a gostar de números e das práticas comerciais, enquanto que seus pais, principalmente sua mãe, planejava o futuro da carreira docente para sua filha.⁶²

Eu sempre sonhei em trabalhar com números, eu sempre fui muito boa com números, eu comprava lá na taberna e fazia os cálculos de tudo que ia comprar, eu gostava daquilo de cálculo e comércio e eu era muito boa. Meus pais, principalmente a minha mãe, eles tinham outros projetos de vida pra mim.

A mamãe, principalmente a mamãe, queria que eu fosse professora, naquela época era muito respeitado ser professora. Então ela queria que eu fizesse o primário pra mim trabalhar como professora, mas eu não gostava não, eu não ia saber lidar com muitas crianças, não sei! Mas minha paixão eram os números mesmo.⁶³

Dona Maria Madalena sempre foi grande incentivadora de sua filha, desejava que a mesma tivesse acesso a escolarização, que sua baixa condição não lhe permitiu. Como mãe, ela gostaria que sua filha estudasse e se tornasse uma respeitável professora, pois acreditava que Conceição poderia ter determinada ascensão social através de sua profissionalização para a carreira de magistério.⁶⁴

Matos e Borelli (2013) discorrem que entre 1835 e 1890, o magistério tornou-se

⁶² SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

⁶³ *Idem.*

⁶⁴ *Idem.*

basicamente feminino, após a “feminização do magistério”, na medida em que passou a ser visto como um campo por excelência de mulheres. As mulheres foram responsabilizadas como mais capazes de cuidar, educar e disciplinar as crianças, pois estavam atreladas à ideia do natural sentimento de carinho e zelo materno.⁶⁵

Segundo essas autoras, o magistério era uma das poucas possibilidades profissionais atraentes para as mulheres das elites e dos setores médios da sociedade. Seduzia as jovens por proporcionar um ganho financeiro, mas também por conta do aprimoramento intelectual, acenando com as possibilidades de um maior status social e de aceitação em funções públicas e ambientes intelectualizados.⁶⁶

Dona Maria Madalena via com bons olhos a profissão docente, porque para além da carreira profissional do magistério ser digno para uma mulher, ela também pensava o trabalho com a educação como um mais leve⁶⁷. Como afirmam Matos e Borelli, pois, “O magistério também foi considerado adequado às mulheres por ser um trabalho de ‘meio período’, permitindo concatenar a atividade profissional com as obrigações do lar”.⁶⁸

Maria da Conceição por um determinado tempo atendeu os desejos de sua mãe, estudou em uma escola católica de seu próprio bairro, era uma aluna com bom desempenho escolar. No entanto, aos poucos foi descobrindo sua habilidade com cálculos e passou a sonhar com uma carreira como contabilista. Para sua mãe, esse sonho era muito alto para as condições que sua família podia lhe oferecer.⁶⁹

Os pensamentos sobre o projeto familiar de seu Francisco Lima para sua primogênita, o diferenciavam de sua esposa. Para ele, sua filha deveria ser educada para o lar, deveria ter domínio dos afazeres domésticos, cozinhar, cuidar de casa, costurar, prendas que ele considerava como qualidades para uma menina. Ele não impedia Conceição e nem seus demais filhos de estudar, mas também não era grande apoiador e presente na vida escolar dos filhos.

Meu pai, como eu já lhe falei, ele não estudou, então para ele a educação e a profissionalização não tinham tantos significados, pois não era a realidade dele. Então assim, ele não era presente na nossa educação, ele não brigava com a mamãe e nem nos impedia de ir pra escola. Ele dizia

⁶⁵ MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Trabalho: Espaço Feminino no Mercado Produtivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

⁶⁶ Matos; Borelli, 2013.

⁶⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

⁶⁸ Matos; Borelli, 2013, p. 68.

⁶⁹ *Idem*.

que nós devíamos aprender pelo menos o básico para sobreviver, que nós meninas tínhamos que aprender as coisas de casa, cozinhar, passar, costurar.

Ele sempre nos dizia que a boa mulher deveria saber as coisas de casa, sabe meu pai era daquele tempo que pensava que as mulheres eram pra estar só na beira do fogão. Ele dizia que se a gente fosse boa nos afazeres de casa, a gente ia conseguir trabalho na casa dos outros, claro que aquilo não era o que eu queria pra mim.⁷⁰

Ao recordar os posicionamentos de seu pai a respeito de sua educação, dona Maria da Conceição não reconhece o discurso patriarcal impregnado nas falas de seu genitor. Ela busca justificar tais atitudes pelo fato de seu pai não ter tido acesso à escola formal. Em contrapartida, sua mãe também vivenciou a mesma realidade, mas apresentava outras visões em relação à educação de sua filha.

O pai de dona Conceição defendia ideias que podemos entender como marcadores de classe e gênero, determinando espaços de atuações para as mulheres de famílias menos abastadas da sociedade. Pois, “para muitas famílias pobres, entretanto, suas filhas não precisavam estudar, pois entendiam que as meninas, desde muito cedo e sem escolaridade formal, já tinham conhecimento suficiente para ajudar os pais na manutenção da família”.⁷¹

Ainda que dona Conceição não perceba ou reconheça as amarras do patriarcado que demarcam as relações de gênero e impõem lugares e representações às mulheres, estas desigualdades atravessam sua vida desde sua infância. Pois como salientou Carla Cristina Garcia em *Breve História do Feminismo*.⁷²

nas sociedades ocidentais patriarcais contemporâneas, as mulheres conseguiram o direito à educação e ao trabalho remunerado, mas a maioria daquelas que trabalham fora de casa, tanto as assalariadas quanto as autônomas, continua encarregada do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos.⁷³

Ao falar que seu pai era da época em que as mulheres deveriam estar na beira do fogão, Maria da Conceição reconhece que as mulheres estavam condicionadas a determinados papéis, atrelando sutilmente a um contexto histórico, como uma tentativa de entender esse sujeito enquanto construção de um determinado tempo e espaço, e uma

⁷⁰ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

⁷¹ Arend, 2013, p. 39.

⁷² GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. São Paulo: Editora Claridade, 2011, p. 17-18.

⁷³ GARCIA, 2011, p. 17-18.

prática que ficou no passado. Mas ao pensar esta sua fala, é possível verificar a construção social das desigualdades de gênero a partir de signos e significados.

Carla Bassanezi Pinsky, em seus estudos sobre imagens e representações acerca das mulheres, reflete sobre esta construção da diferença entre os sexos⁷⁴. É quando as diferenças com os homens ficam ainda mais claras: o mercado de trabalho pertence a eles, tanque e fogão são “coisas de mulher”. Dessa clareza surge a “felicidade perfeita” do lar em que cada um cumpre a função que lhe cabe. “Pois a mulher sem prendas domésticas é um membro inútil na sociedade conjugal”.⁷⁵

Assim como seu Francisco almejava uma educação voltada para o lar, que sua filha fosse uma moça prendada nos afazeres domésticos, ele também orientava Conceição dentro de uma perspectiva de plano familiar, em que a mesma deveria desejar o matrimônio, e por isso deveria ser orientada para casar e ser uma boa esposa, pois para ele o casamento seria o projeto de futuro de suas filhas.⁷⁶

Nossa mãe, ela nos orientava muito sobre casamento, ela não queria que as suas filhas casassem cedo assim como ela. Mamãe casou muito jovem e teve filhos também muito cedo. Mas o nosso pai, ele pensava o oposto da nossa mãe, pra eles as filhas tinham que casar, respeitar seu marido, naquela época moça não podia nem pensar em ser mãe solteira ou namoradeira, tinha que casar.⁷⁷

O discurso moralizante do casamento mostra-se enraizado nas visões de seu Francisco, pai de dona Conceição. Percebemos como as sociedades patriarcais estabelecem padrões de regularização da vida e dos corpos das mulheres. O casamento seria então, naturalmente, o único meio pelo qual a mulher conquistaria respeito e valorização diante os olhos da sociedade.⁷⁸

Os preceitos do cristianismo há muito impregnaram valores e ordens comportamentais entre homens e mulheres, pois esperava-se que estes preservassem a castidade e o celibato como um estado de ordem superior. Para os homens, ainda que o discurso católico pregasse o contrário, perante a sociedade, transgredir tal regra seria algo

⁷⁴ PINSKY, Carla Bassanezi. *Imagens e Representações 1: A era dos modelos rígidos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013a.

⁷⁵ Pinsky, 2013a, p. 240.

⁷⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

⁷⁷ *Idem*.

⁷⁸ Perrot, 2007.

aceitável, não se esperava que os jovens mantivessem castos até seu matrimônio.⁷⁹

Em contrapartida, as mulheres eram associadas à representação de Virgem Maria, símbolo feminino da Igreja Católica como modelo a ser seguido de pureza e castidade, pois concebeu o salvador do mundo permanecendo imaculada. Maria, seria então, a protetora das moças e exemplo maior de maternidade pela dedicação a seu filho e modelo de esposa pela obediência a seu marido, José.⁸⁰

A família seria assim a função central na vida das mulheres, estavam por fim destinadas “por natureza” ao casamento e à maternidade. Entretanto, ter relações e tornar-se mãe antes do matrimônio era tido como grande desonra e vergonha para uma mulher. Os pais, responsáveis de ajuizar e manter a postura casta de suas filhas, lhes encaminhavam a casar cedo e lhes aconselhavam acerca dos perigos da sociedade de ser mãe solteira, e isto deveria ser evitado por elas.⁸¹

Seu Francisco Lima carregava consigo estas instruções sociais e repassava às suas filhas. Dona Maria Madalena, ao contrário de seu esposo, orientava suas filhas a priorizar seus estudos, adquirir independência financeira e alguma ascensão social. Para ela, casar cedo demais lhes privariam de lutar por melhorias de vida e acesso à educação.⁸²

As percepções de dona Maria Madalena a respeito do futuro de suas filhas estão ligadas à sua própria experiência de vida conjugal. O casamento permitiria ao homem uma espécie de direito de propriedade sobre as mulheres, já que estas seriam assim tuteladas por seu cônjuge. A liberdade e o direito de escolha são cerceados, os sonhos de uma jovem são interrompidos pelo casamento e pela maternidade, dado o fato que as mulheres casadas se tornam responsáveis pela organização de sua casa e criação de sua prole.⁸³

Maria da Conceição, no entanto, desde sua adolescência almejava outros planos para sua vida. A priori, gostaria de realizar suas pretensões educacionais e tornar-se contabilista e depois fazer carreira profissional tornando-se independente para então ajudar sua própria família na questão econômica; ela tinha consciência que a vida conjugal seria um empecilho no que diz respeito à realização de seus sonhos.⁸⁴

⁷⁹ *Ibidem*

⁸⁰ *Ibidem*.

⁸¹ Arend, 2013.

⁸² VIEIRA, Maria das Graças Silva. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência de Maria da Conceição Silva, Manaus-AM, 03 jan. 2023.

⁸³ Perrot, 2007.

⁸⁴ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

Neste processo de reconstituir as memórias de sua infância e a insubordinação ao projeto familiar de tornar-se professora. Dona Maria da Conceição, toma para si a construção de sua identidade “eu desde novinha, tive minhas opiniões e fui atrás delas. Fazendo sempre o certo, mas eu sempre fui de lutar por aquilo que eu queria. E eu naquela época queria ser contabilista”.⁸⁵

Em “*Projeto e Metamorfose: Antropologias das Sociedades Complexas*”, Gilberto Velho, destaca que “o projeto e a memória, associam-se e articulam-se ao dar significado a vida e as ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade”.⁸⁶ Maria da Conceição, traz para si a identidade de uma mulher que desde muito jovem tem suas próprias opiniões e persistente em seus objetivos.

1.3 A ESCOLA SÃO LUIZ DE GONZAGA E A EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Dona Maria Madalena, mãe da ainda menina Maria da Conceição Silva, não mediu esforços para que seus filhos tivessem acesso à educação. Ela desejava que sua filha primogênita pudesse seguir carreira e se tornar uma respeitável professora alfabetizadora de escola primária e assim que a menina completou idade para estudar, matriculou sua filha em uma escola próxima da residência em que moravam.⁸⁷

Os primeiros anos de formação educacional da pequena Conceição se deu na escola do bairro, a Escola São Luiz de Gonzaga. Nesta unidade educacional começou a ter suas primeiras percepções em relação ao seu não enquadramento aos padrões da educação voltada para as meninas daquele recinto escolar.⁸⁸

O grupo São Luís de Gonzaga foi a primeira escola do bairro São Raimundo, fundada em 1904 pelo jovem seminarista Augusto Ferreira Cunha, uma escola religiosa comandada por freiras que oferecia um ensino confessional altamente rigoroso e disciplinar.⁸⁹ Nas palavras da memorialista Ellza Souza, “quem estudava no São Luiz de Gonzaga e no Marquês saía da escola preparado para a vida”.⁹⁰

O ingresso de Maria da Conceição no colégio católico, aos sete anos de idade,

⁸⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

⁸⁶ VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. Gilberto Velho. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 1994.

⁸⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

⁸⁸ *Idem*.

⁸⁹ Souza, 2010.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 34.

gerou seus primeiros contatos com a cultura escolar e lhe trazem boas recordações. Nesta escola Conceição aprendeu a ler e escrever, conheceu as primeiras operações de matemática que já lhe encantavam e mostrou seu domínio por esta área.

O Colégio São Luiz de Gonzaga, foi minha primeira escola, foi lá que eu aprendi a ler e escrever, eu tenho boas recordações da minha infância naquela escola, a gente sempre lembra com carinho da primeira escola. E minha mãe, ela era costureira e era ela quem fazia as nossas fardas, era blusa social assim branca e saia, a mamãe fazia elas tão lindas que as pessoas admiravam nossa farda e a mamãe sempre costurou nossas roupas com muito capricho.⁹¹

No recente lançamento do historiador, Júlio Claudio da Silva *Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita: a trajetória e o protagonismo de Léa Garcia*, o autor apresenta a respeitabilidade negra como projeto gestado por dona Stella, que também era costureira e buscava vestir sua filha Léa, impecavelmente: “Mais que isso, era preciso vesti-la a modo se diferenciar dessa negrinha’ a ser negada”.⁹²

Não faz parte dos nossos objetivos identificar nas vestimentas expressão da identidade racial ou política. Contudo, perceber como o “vestir-se bem”, foi uma estratégia de distinção e positivação social das filhas de mulheres pobres adotadas por mães detentoras do ofício de costureira, ao longo do século XX, fosse na então Capital da República ou na Capital do Amazonas. No processo de construção da memória, presidido por Dona Maria da Conceição, é recorrente a narrativa sobre a dedicação de sua mãe, Maria Madalena, em costurar as roupas de sua filha, para que ela pudesse estar bem-apresentada, ao frequentar ambientes externos à sua casa, como a própria Escola São Luís de Gonzaga.

A mamãe, ela sempre costurou nossas roupas com muita dedicação, nós éramos muito bem vestidas pelas roupas que a mamãe fazia. Assim, bem vestida na situação que ela podia, né? Nossas roupas eram bem costuradas e nossos cabelos bem cuidados para ir pra escola, pra igreja, pra passeio. A mamãe tinha muito esse cuidado para as filhas delas andarem bem apresentadas.⁹³

Nesta assertiva, não buscamos racializar nossa discussão, mas perceber como o

⁹¹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

⁹² SILVA, Júlio Claudio da. **Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita: a trajetória e o protagonismo de Léa Garcia**. Manaus: UEA Edições, 2023, p. 41.

⁹³ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

“vestir-se bem”, torna-se um marcador de memória e distinção social para estas mulheres filhas de trabalhadoras da costura. No percurso de nossas entrevistas com Dona Maria da Conceição, a mesma reiteradamente expressa a dedicação de sua mãe em costurar as roupas de sua filha, para que ela pudesse estar bem-apresentada, ao frequentar ambientes externos à sua casa, como a própria Escola São Luís de Gonzaga.

As escolas católicas, inicialmente, eram espaços de formação educacional para filhos da elite e dos coronéis do período republicano, ofertavam ensino característico da Igreja Católica, pautada nos ensinamentos do cristianismo e seus dogmas. Segundo o relato de dona Conceição, confirma-se que “as famílias de classe baixa que aspiravam ostentar uma aura de respeitabilidade também procuravam segui-los, esforçando-se por destacar a virtude moral e a domesticidade de suas mulheres”.⁹⁴

Nos processos de construção de memórias de dona Conceição, emergem narrativas sobre as dinâmicas do cotidiano escolar, as atividades religiosas desenvolvidas pelos alunos e as exigências de cumprimento das regras da escola.

As aulas todos os dias iniciavam com a oração do Pai Nosso e Ave Maria, as crianças deveriam aprender as outras orações católicas, os dez mandamentos, os mandamentos da Igreja. No São Luís de Gonzaga, eu aprendi rezar o terço, lá as meninas aprendiam a oração do terço, eu ainda sei rezar terço e acho muito bonito. Na escola também tinha aquelas meninas com mais talento para cantar e elas eram selecionadas para o coral ou pra ser salmista.⁹⁵

Dona Conceição descreve seu uniforme escolar com afetividade. Os trajés das meninas eram compostos por saias drapeadas abaixo das canelas, blusa social de manga branca, sapatos sociais pretos e meias brancas. Segundo seu relato, as irmãs da igreja eram da ordem de freiras Franciscanas “eu não lembro bem, mas elas eram franciscanas, a professora de português, a irmã Ofélia, era franciscana, e era muito exigente, assim como tudo naquela escola naquela época”.⁹⁶

As meninas e meninos não estudavam na mesma turma, ficavam em salas separadas e não era permitido e nem visto com bons olhos as meninas que ficassem de conversas com os meninos na escola. As irmãs sempre orientavam acerca da manutenção da ordem na escola. Dona Conceição relembra essa divisão sexual e traz demarcações de

⁹⁴ Pinsky, 2013. p. 234.

⁹⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

⁹⁶ *Idem*.

temporalidades, como pensamentos e regras que ficaram no passado: “as irmãs, elas tinham esse pensamento assim, que nós meninas tínhamos que ser respeitáveis e meninas que se dão respeito, aos olhos delas, não poderiam estar de conversa e brincadeiras com os meninos (risos). Veja só como eram aqueles tempos”.⁹⁷

As irmãs do Colégio Católico São Luís de Gonzaga, além de ensinarem as disciplinas obrigatórias, buscavam instruir as estudantes acerca da sua postura como meninas, moças e futuras mulheres de família. Elas deveriam ser obedientes à sua família, quando estivessem casadas deveriam ser obedientes aos maridos e cuidar do seu lar e dos seus filhos, pois esta era a grande virtude feminina.⁹⁸

As irmãs da escola, elas sempre nos orientavam, davam aqueles sermões mesmo sobre nosso comportamento, sobre a postura que deveríamos ter, sobre honrar nossos pais, nossa família, que as meninas deveriam buscar serem boas meninas, pois boas meninas seriam boas mães de família. Sabe, nós estamos falando de uma escola católica, lá do meu passado e antes as pessoas pensavam assim mesmo, que as mulheres deviam ter suas virtudes.⁹⁹

O comportamento de Maria da Conceição por muitas vezes lhe rendeu muitas críticas por parte das freiras da escola. Sempre muito alegre, agitada e falante, ela era conhecida por muitos colegas e fazia muitas amizades. Nas aulas, gostava de fazer perguntas e tecer comentários sobre sua visão em relação aos assuntos apresentados pelas professoras.¹⁰⁰

Eu, eu sempre fui muito falante, eu sempre fui assim mesmo, muito alegre e isso às vezes rendia pra mim na escola. Eu era uma menina muito dada que falava pelos cotovelos e perguntava muito e as irmãs me chamavam atenção porque eu era muito agitada e acho que isso preocupava elas, sei lá! Talvez elas pensavam que eu seria assanhada e diziam que menina muito pra frente trazia vergonha para família e até pra escola. Mas esse sempre foi meu jeito mesmo.¹⁰¹

Para as freiras professoras, o comportamento de Maria da Conceição era muito preocupante, pois uma moça não deveria ter tantos questionamentos e nem ser tão agitada.

⁹⁷ *Idem.*

⁹⁸ *Idem.*

⁹⁹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

¹⁰⁰ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹⁰¹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

Para elas, meninas agitadas demais e falantes demais poderiam se perder na vida e isso envergonharia até mesmo a própria escola que era tão respeitada e buscava orientar suas alunas para serem belas moças e futuras mães de família.¹⁰² Dona Conceição nos relata essa experiência sorrindo, como se estivesse revisitando a menina que foi no passado e se identificando nela.

O processo de construção de memória de dona Maria da Conceição Silva, não indica o momento da mudança de percepção sobre o ensino na escola São Luís de Gonzaga. Não indica exatamente em qual ano se deu ou com qual idade estava. Mas indica ter sido ao tornar-se mocinha, portanto, muito provavelmente no momento de sua adolescência. Foi quando iniciou a tomada de consciência de Maria da Conceição acerca da diferença do ensino ofertado pela escola aos meninos e às meninas. Com a chegada da adolescência, o encantamento pela dinâmica e convívio escolar no São Luís de Gonzaga, foram dando espaço para a percepção de uma desigualdade no ensino ofertado para meninos e para meninas, causando-lhe incômodo.¹⁰³

Há um processo de ruptura nas percepções de Maria da Conceição acerca da diferença de ensino ofertado pela escola para meninos e para meninas. Com a chegada da adolescência, o encantamento pela dinâmica e convívio escolar no São Luís de Gonzaga, foram dando espaço para a percepção de uma desigualdade no ensino ofertado para meninos e para meninas, causando-lhe incômodo.¹⁰⁴

Com o tempo na escola, depois que eu fui tomando consciência mesmo, quando eu já estava mocinha e eu comecei a perceber que a forma de tratamento na escola não era justa, parecia que os meninos tinham mais privilégios que a gente. Eles tinham até reforço, parecia que a aula deles era mais puxada que a nossa, eles participavam de torneios e nós não. Eu nunca fui boa em jogos, mas eu gostava de torcer e ver aquelas animações dos campeonatos e nós não podíamos participar.¹⁰⁵

A conscientização de desigualdade de gênero no Colégio São Luís de Gonzaga por Maria da Conceição mostra como as escolas católicas, na época, apresentavam duas formas de ensino: as ofertadas para a clientela feminina e para a clientela masculina. Segundo Oliveira e Sasaki, “essa dualidade de ensino era dada da seguinte maneira: para

¹⁰² SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹⁰³ *Idem.*

¹⁰⁴ *Idem.*

¹⁰⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

os homens eram ensinados uma complexa matemática, enquanto que para mulheres apenas as quatro operações e o ensino doméstico como obrigação”.¹⁰⁶

A educação para mulheres tornou-se acessível, de certa forma. Elas poderiam frequentar os bancos escolares, mas nas escolas católicas seriam direcionadas para o lar. Para as mulheres, mesmo o acesso a esse ensino, é condicionante ao órgão de manutenção do patriarcalismo e do capital, que busca direcionar sua mão de obra para os trabalhos subalternos e o lugar de marginalidade.¹⁰⁷

Na adolescência, caminhando pelo centro de Manaus, fazendo compras com sua mãe, Maria da Conceição conhece um escritório de contabilidade e passa a se interessar pela área. Ela acreditava ser boa para o seu futuro aquela profissão, pois tinha facilidade com os números e fazia cálculos rápido. Ela gostava do desafio de resolver os cálculos durante as aulas de matemática e dizia ser esse o único momento em que era elogiada por seus professores.¹⁰⁸

A primeira vez que vi uma agência de contabilidade foi no centro com a minha mãe, eu devia ter uns quatorze pra quinze anos. Eu sempre ia com a mamãe no centro comprar tecidos e as coisas de costura dela e de casa, nesse dia nós passamos em frente a um escritório de contabilidade, ele [era] um escritório bonito e eu fiquei observando, contabilidade era pra fazer contas, aí eu botei na minha cabeça que eu podia ser boa naquela profissão, eu era boa em fazer contas.¹⁰⁹

Ao tomar consciência dos rumos profissionais que queria para sua vida, Maria da Conceição, passou a perceber que o ensino confessional ofertado no Colégio São Luís de Gonzaga não iria lhe profissionalizar para aquilo que sonhava. Ao contrário, a formação do colégio confessional preparava as mulheres para atividades de trabalho ligadas ao cuidado, seja ele doméstico ou à docência do magistério de fase primária.¹¹⁰

O processo de construção de memória de Maria da Conceição Silva sobre si mesma nos revela a subjetividade da História Oral, como a arte da escuta dialógica que busca o passado a partir de diligências do presente.¹¹¹ Dona Conceição olha para sua

¹⁰⁶ OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho; SASSAKI, Yoshico. A participação da Mulher no Trabalho da Docência nos anos 1950-1960 em Parintins, Amazonas. *In*: LIRA, Barbara Rebecka Gomes de; LIMA, Michele Pires (org.). **Nas malhas da história: relações de gênero, trabalho e lutas sociais no Brasil**. Curitiba: CRV, 2021, p. 146.

¹⁰⁷ Oliveira; Sasaki, 2021.

¹⁰⁸ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹⁰⁹ *Idem*.

¹¹⁰ *Idem*.

¹¹¹ Portelli, 2016.

infância e adolescência e reconhece o amadurecimento de seus sonhos e sua identidade, frente à negação daquilo que lhe era imposto.

Dona Maria da Conceição, ao rememorar sobre o tempo de aluna da Escola São Luiz de Gonzaga, revela em sua narrativa o quão seus sentimentos não se encaixavam naquele modelo de ensino e normas escolares.¹¹²

Eu estudei na Escola São Luiz de Gonzaga, era uma escola de freiras, ali era tudo muito rígido, desde a roupa, a disciplina, o ensino ao comportamento. Lá eles ensinavam muita coisa além do que é de matéria [da grade da disciplina escolar]. A vida religiosa, sobre regras de etiqueta, como se comportar, lá eu fiz o primário e lá eles formavam as meninas pra ser professora, eu não queria ser professora e também eu nem era uma menina pra cozinha, então eu não me encaixar lá, foi bom estudar lá que eu aprendi muita coisa, mas eu não se encaixava.¹¹³

Para Saffioti, o acesso à educação foi uma conquista importante para a emancipação das mulheres. Todavia, as mesmas foram direcionadas à educação religiosa de primário com o objetivo de controlar seus corpos, quando conquistaram a educação profissional, geralmente rumo à docência ou em trabalhos subalternos ao dos homens.¹¹⁴

Decidida a não seguir a carreira docente esperada por sua mãe e pelas irmãs da Escola São Luiz de Gonzaga, Maria da Conceição passou a se informar sobre as possibilidades da profissão de contabilista e quais caminhos precisaria percorrer para alcançar seus objetivos. Assim passou a perguntar de suas professoras como poderia fazer para se tornar uma profissional contábil.¹¹⁵

A professora de matemática, que também era freira da Paróquia São Raimundo, a irmã Nonata, foi a pessoa que acolheu as inquietações de Conceição. Nas palavras de dona Maria da Conceição “falei, falei com tanta insistência sobre minha vontade de estudar contabilidade, que a professora de Matemática que também era irmã, resolveu me dar um apoio”.¹¹⁶ Ela questionou sobre a determinação da então adolescente Conceição, acerca de seus sonhos profissionais e, convencida pela menina, lhe indicou uma escola no centro de Manaus capaz de lhe ofertar a formação adequada para a profissão tão

¹¹² SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹¹³ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

¹¹⁴ SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

¹¹⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹¹⁶ *Idem*.

desejada.¹¹⁷

Nesta parte da narrativa, percebemos um paradoxo no posicionamento desta professora religiosa. Segundo os relatos de Dona Conceição, a formação pretendida pelas Freitas da Escola São Luiz de Gonzaga era destinada aos trabalhos vinculados aos cuidados domésticos ou aos primeiros anos da educação primárias. Contudo, uma das freiras, a professora de matemática, irmã Nonata, é descrita como alguém a lhe compreender e incentivar em busca de sua profissionalização. Esta narrativa nos faz refletir sobre uma relação de apoio entre esta mulher mais velha e religiosa para com uma jovem mulher em busca de independência.

Maria da Conceição também compartilhou com sua mãe suas aspirações sobre se tornar uma futura profissional de contabilidade. Dona Maria Madalena disse que a menina “Sonhava alto demais”, sua família não teria condições de pagar uma formação para aquele tipo de ensino e que se tornar professora seria o caminho mais fácil para ter um trabalho.¹¹⁸

Quando eu cheguei com a minha mãe e falei que achava que não queria ser professora, que eu queria ser contabilista e trabalhar em escritório porque eu gostava de cálculos e eu achava que ser contabilista seria uma boa profissão pra mim, a mamãe falou sorrindo assim, não brava e nem de deboche, mas falou que eu sonhava alto demais, ela sempre falava que eu sonhava alto demais.¹¹⁹

Resiliente em sua decisão acerca de sua profissão e orientada por sua professora, Maria da Conceição buscou informações sobre a Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa, a forma de ingresso e os cursos ofertados naquela instituição. Tudo ela compartilhava com sua mãe que sempre lhe dizia que ela “sonhava alto demais”.¹²⁰

Dona Maria Madalena, a princípio, fez objeções aos sonhos de sua filha. “Sonhar alto demais” poderia significar a desigualdade social, sua filha estava desejando fazer um curso que nas condições financeiras de sua família, não era acessível. “Sonhar alto demais” pode ser entendido também como uma desigualdade de gênero, pois contabilidade era um curso da área de exatas, predominantemente masculinizado.

Com a insistência de sua filha e também admirada pela sua determinação, dona Maria Madalena passa a oferecer apoio à sua primogênita e realiza o pedido de Conceição

¹¹⁷ *Idem*

¹¹⁸ *Idem.*

¹¹⁹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

¹²⁰ *Idem.*

de ir à escola se informar da forma de ingresso e inscrição para a prova de seleção de alunos. Dona Maria Madalena mostra sua sororidade feminina ao acompanhar sua filha e dar o conselho que ficou marcado na consciência de Conceição.

“Ela me falou que se era pra mim estudar contabilidade, então que eu fosse lá e fosse a melhor aluna, que eu era uma menina pobre, mas eu poderia ser a melhor contabilista”.¹²¹ O processo de construção de memória de dona Conceição acerca das orientações sobre como deveria se portar uma mulher pobre e adolescente parece conter vários sentidos. Um deles é como a ação de dona Maria Madalena evidencia sua relação de afeto para com sua primeira filha.

Podemos perceber nesta relação, o sentimento de empatia feminina de uma mulher que não pôde realizar seus próprios sonhos, mas tem por projeto auxiliar sua filha a realizar os seus. Ao mesmo tempo é revelador do compartilhar de uma estratégia de enfrentamento das desigualdades de gênero e classe. Ao que parece para realmente sonhar alto era preciso alcançar um certo nível de desempenho como estudante e profissional capaz de sustentar a ruptura com o lugar na divisão social do trabalho pré-estabelecido para as mulheres na estrutura do patriarcado.¹²²

1.4. SAINDO DO BAIRRO: EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO DO AMAZONAS

Através do Governo de Getúlio Vargas (1940-1945) a profissão de contador foi regulamentada. O decreto nº20.158/1931 foi

responsável por regulamentar a profissão de contador, organizando o curso de comércio em duas partes, sendo a primeira de caráter propedêutico e a segunda, direcionada a uma habilitação específica. Dessa forma, as habilitações do curso técnico de Comércio passaram a ser de secretariado, guarda-livros, administrador-vendedor, atuário e perito-contador.¹²³

Já o decreto nº 6.141/1943, estabeleceu a Lei Orgânica do Ensino Comercial.

¹²¹ *Idem*

¹²² Ver “Mulher e a Sociedade de Classes: Mito e realidade”. SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

¹²³ SILVA, Eduardo Cristiano Hass. Estabelecimentos de ensino comercial existentes no Brasil - 1946. **Revista História da Educação**, v. 23, 2019, p. 2. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/94497/pdf>. Acesso em: 04 ago. 2023.

A partir dele, o ensino comercial passa a ser dividido entre cursos de formação, continuação e aperfeiçoamento. Dentro dos cursos de formação encontrava-se os cursos técnicos, divididos em curso de comércio e propaganda, administração, contabilidade, estatística e secretariado.¹²⁴

Em Manaus, capital do Estado do Amazonas, consta que em 1946 existiam cinco instituições a ofertar esta modalidade de ensino técnico profissionalizante, sendo elas: Escola Técnica de Comércio D. Bosco; Escola Técnica de Comércio N. S. Auxiliadora; Escola Técnica de Comércio Santa Doroteia; Escola Técnica de Comércio Solon de Lucena e Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa.¹²⁵

Muito provavelmente no ano de 1962, entre os quinze e dezesseis anos de idade, a jovem Maria da Conceição, vislumbrou um escritório de contabilidade no centro da cidade, se informou sobre aquela profissão e com sua professora de matemática buscou orientações acerca do curso técnico profissionalizante que lhe capacitará para construir carreira de contabilista. A Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa foi a instituição recomendada pela freira.¹²⁶

As primeiras objeções para estudar o curso técnico profissionalizante começaram no seu próprio seio familiar, os projetos familiares que seus pais tinham para sua vida eram mais simples. Dona Maria Madalena esperava ver sua filha professora de primário, seu Pai, Francisco Lima, não tinha tantas pretensões sobre sua profissão, desde que esta fosse uma moça exemplar em sua conduta e pudesse constituir sua própria família.¹²⁷

Maria da Conceição convenceu sua mãe a lhe apoiar nessa empreitada e seu pai não viu outros grandes problemas, desde que esta saída do colégio católico não implicasse em seu comportamento e ela continuasse sua boa reputação: “papai dizia, olha tu vai pra lá é estudar e não tá dando confiança pra malandro e nem aparecer de bucho”.¹²⁸ O relato parece indicar o aceite do senhor Francisco Lima ao ambicioso projeto, contanto que houvesse a manutenção do controle social estabelecido pelas irmãs às discentes, visando a construção e manutenção da honra e moral patriarcal, mas agora se daria através do autocontrole a ser presidido pela própria jovem Conceição.

A Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa situava-se na Rua Sete de Setembro,

¹²⁴ *Ibidem*, p. 2.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 13.

¹²⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

¹²⁷ *Idem*.

¹²⁸ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

no Centro de Manaus, próxima ao Colégio Dom Pedro e em frente da Biblioteca Pública, onde também funcionava o Banco do Estado do Amazonas-BEA. A escola recebia muitos alunos, alguns que já atuavam em algumas profissões do setor administrativo e estavam buscando se especializar. Muitos alunos na sua maioria eram da clientela masculina e algumas meninas, fato este que preocupou a mãe de Conceição.¹²⁹

Dona Maria Madalena, a princípio, ficou receosa com este passo da filha, a escola não era tão perto de sua casa, das pessoas que ela conhecia. Esta preocupação pode estar relacionada à primeira experiência de ver sua filha primogênita conquistar seus primeiros passos para independência ou ainda sobre receio que ela poderia sofrer algum tipo de preconceito naquele lugar distante de sua realidade.¹³⁰

Lá no Rui Barbosa, estudavam mais meninos, poucas meninas tinham por lá, mas tinham. E a escola ela era no centro, ali perto da biblioteca pública, perto do BEA... era meio longe de casa e eu ia pra escola sozinha e isso preocupava meu pai e minha mãe, eles se preocupavam com muitas coisas, de eu namorar, de eu engravidar, de eu não estar estudando e me perder dos objetivos ali.¹³¹

Maria da Conceição supõe que as preocupações de sua mãe poderiam também ser em razão de ela ser uma menina, o centro de Manaus poderia ser um lugar perigoso para ela transitar sozinha durante o percurso da escola. A escola tinha muitos meninos, que poderiam lhe tratar com diferença por ser uma jovem adolescente, ou ela poderia ser iludida por algum rapaz, iniciar namoricos e desviar de seu foco.¹³²

Nas palavras de Conceição “eu tinha direito de estudar, não era pra estudar? Eu queria estudar! Não era porque eu era mulher ou não que eu não tinha direito de estudar lá naquela escola e eu fui”.¹³³ Ainda jovem, nossa colaboradora já evidenciava a consciência de seus direitos, como destaca Eder Sader: “A consciência de seus direitos consiste exatamente em encarar as privações da vida privada como injustiças no lugar de repetições naturais do cotidiano”.¹³⁴

A primeira conquista de ir estudar em uma escola técnica e abrir seu horizonte para além do bairro São Raimundo marcam sua memória como passo significativo para construção de sua carreira profissional. Estudando contabilidade em uma escola ao lado

¹²⁹ *Idem.*

¹³⁰ *Idem.*

¹³¹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

¹³² *Idem.*

¹³³ *Idem.*

¹³⁴ Sader, 1988, p. 222.

de uma agência bancária, lhe acendeu o sonho que iria nortear sua vida: Conceição queria ser bancária.¹³⁵

Desde pequena eu já queria era ser bancária, eu queria estudar contabilidade e trabalhar no banco, mas sabe assim minha família não tinha tantas condições e me botaram pra estudar numa escola católica, lá foi bom que eu aprendi além da aula, aprendi me comportar, coisas pra vida, mas lá formava pra dar aula e eu não queria ser professora, a família queria e eu não queria. Depois estudei no Rui Barbosa e lá acendeu mesmo a vontade de ser bancária, a escola era em frente a agência do BEA, eu passava por lá e me imaginava trabalhando naquele banco.¹³⁶

Ao recordar esta fase da escola, Maria Conceição reafirma seu desejo pela profissão no espaço das instituições bancárias e a renúncia pelo projeto de vida que sua família e a sociedade ditavam para a mesma. “A recuperação da memória numa perspectiva de gênero atua como elemento de libertação dos sujeitos frente a negação de sua identidade imposta historicamente pelo discurso universalizante e patriarcal”.¹³⁷

Os primeiros dias de aula na Escola Técnica foram de adaptação ao novo ambiente e aos novos colegas. O ensino neste recinto escolar exigia um esforço maior, as disciplinas do Curso Técnico em Contabilidade apresentavam um maior grau de dificuldade e por isso, Conceição decidiu que seria uma aluna dedicada e se empenharia para conseguir boas notas.¹³⁸

A residência da família de Conceição não ficava tão distante do centro, mas ela fazia o percurso de ida e volta da escola a pé, por isso sempre saía cedo de casa para não se atrasar. O retorno para casa ela também realizava caminhando sozinha, por este motivo esforçava-se para entregar suas atividades e voltar cedo para casa.¹³⁹

Questionada sobre este cuidado e receio acerca de seu percurso de ida e retorno da escola, Maria da Conceição nos revela como a violência contra as mulheres lhe causava preocupação e como a mesma carregava essa percepção dos perigos que uma mulher jovem enfrenta na sociedade: “eu era menina, né? A gente sabe como é perigoso para uma mulher estar andando sozinha, imagine para uma moça jovem. Eu tinha cuidado”.¹⁴⁰

¹³⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹³⁶ *Idem.*

¹³⁷ Tedeschi, 2014, p. 32.

¹³⁸ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹³⁹ *Idem.*

¹⁴⁰ *Idem.*

Dona Maria da Conceição, recorda que nunca sofreu alguma tentativa de violência (física e sexual), que ninguém tentou lhe “agarrar” durante os tempos de aluna da Escola Rui Barbosa e sua rotina de trajeto escolar. No entanto, ela relata que sempre “mexiam”, “assoviavam” e jogavam “cantadinhas” para ela, mas que isso já estava acostumada.¹⁴¹

Percebemos como Maria da Conceição não expressa a palavra “estupro”, talvez por lhe remeter a algo tão pesado, mas diz que tinha medo de alguém lhe “agarrar” e por isso tomava cuidado. Mas nesta passagem, podemos perceber o que entendemos hoje como “cultura do estupro”: mulheres desacompanhadas são alvos em potencial desta violência sexual.

A prática de assédio sexual também pode ser percebida em suas falas “assoviavam”, “mexiam” e “jogavam cantadinhas” quando ela passava por homens na rua. Contudo, dona Conceição não tinha consciência que esta prática também pode se configurar como uma violência contra as mulheres. Quando ela diz que estava acostumada, talvez não é porque aquela prática não causava incômodo, e sim porque historicamente o assédio sexual foi visto como algo habitual do comportamento dos homens em relação ao sexo oposto.

A princípio, Conceição foi ignorada por seus colegas de turma, a maioria já se conhecia por trabalharem juntos ou por terem suas famílias próximas, ou ainda por frequentarem outros espaços em comum, como o Colégio Dom Pedro e as casas de seus familiares que também se conheciam. A sua turma de contabilidade contava apenas com quatro mulheres, apenas os cursos bibliotecário e secretariado apresentavam maior número de participação feminina.¹⁴²

Depois de algum tempo, Conceição começou a fazer seus primeiros laços de amizades e estes novos colegas já lhe acompanhavam até sua casa, o que lhe transmitia determinada segurança. Ela reconhece que até suas próprias amizades foram uma construção, pois ela se sentira intrusa naquele espaço de maioria masculina e de outra classe social.

Sabe assim, eu sempre fui uma pessoa muito otimista e determinada em todas as coisas que eu me propus fazer em minha vida, isso desde muito jovem. Então, no começo eu percebia que alguns colegas me tratavam diferente ou não se aproximava de mim porque eu não fazia parte daquele grupo ali, a maioria ali já eram de famílias que tinham algumas

¹⁴¹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹⁴² *Idem.*

condições ou eram conhecidos em Manaus. Então eu simplesmente não dava importância e seguia com meus estudos que eram meus objetivos.¹⁴³

A atitude de Conceição em “não dar importância” e se apresentar como uma pessoa otimista frente aos preconceitos sofridos devido a sua condição social, pode ser entendida como uma forma de resistência para que ela pudesse continuar seu percurso em busca de seus sonhos e ocupar os espaços que desejava estar.

As outras jovens estudantes da turma de Conceição não enfrentavam esses preconceitos devido a classe social, eram filhas de funcionários importantes do governo que os pais já estavam preparando seu futuro para ingressar em cargos públicos. “As meninas que estudavam na nossa turma nunca foram próximas de mim, elas faziam lá o grupo delas, e eu fiz amizade mesmo foi com os meninos, eu sempre tive facilidade de amizade com meninos”.¹⁴⁴ A falta de sororidade e empatia de outras moças de sua sala de aula, nos mostra que até mesmo as relações de amizade construídas entre as mulheres podem estar pautadas nas classes.

A interseccionalidade, como categoria de análise, nos faz entender a diferença dentro da diferença, em relação às mulheres, em especial sobre as mulheres negras.¹⁴⁵ Mas que nesta assertiva não se faz centro de nossa discussão. Estas mulheres são divididas também por marcadores sociais que constroem suas identidades a partir da Raça, Gênero e Classe. Elas tendem a se identificar e apresentar empatia pelas dores de outras mulheres que fazem parte do seu mesmo círculo social identitário.¹⁴⁶

Maria da Conceição não se identifica nos marcadores de raça, mas apresenta em suas narrativas, diversas vezes a identidade regional, mulher descendente de nordestinos. Ela era uma jovem mulher buscando se profissionalizar, no entanto ela não pertencia à mesma classe social de suas colegas que preferiam manter-se afastadas em seus grupos de amizade.

A determinação e domínio de cálculos matemáticos foram dando notoriedade à Conceição. Ela começou a ser reconhecida por seus colegas de classe e por seus professores que admiravam seu talento com os números. Alguns colegas começaram a se aproximar para pedir orientações em relação às atividades, e assim foram nascendo suas

¹⁴³ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

¹⁴⁴ *Idem.*

¹⁴⁵ AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

¹⁴⁶ Akotirene, 2019.

primeiras relações de amizade naquela instituição e os convites para passeios e lanches na Praça 5 de Setembro, próximo à escola.¹⁴⁷

Eu comecei a fazer amizades no Rui Barbosa, eu era boa mesmo de cálculo e aí eu ajudava meus colegas e eles assim, iam se enturmado comigo, um ajudava o outro e eles também me convidavam pra tomar sorvete, pra passear ali pela praça mesmo. Às vezes me convidavam pra ir conhecer a casa deles com a família deles e eu ia.¹⁴⁸

A Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa era uma escola de prestígio, as formaturas aconteciam no Teatro Amazonas, e para isso os alunos finalistas de cursos realizavam festas de bailes para angariar recursos. A escola se apresentava no desfile cívico do Sete de Setembro e suas apresentações eram sempre célebres, contando com a participação assídua de todos os alunos.¹⁴⁹

Os Jogos dos Estudantes Secundaristas do Amazonas, realizado pela União dos Estudantes Secundaristas do Amazonas (UESA) eram também um dos eventos que agitavam os estudantes da Escola Rui Barbosa. Maria da Conceição e seus amigos tornaram-se participativos em todas as festividades e campeonatos estudantis do colégio.¹⁵⁰

Os novos amigos, os eventos e passeios começaram a abrir novos espaços para Conceição. Ela passou a frequentar a casa de seus colegas que eram funcionários do governo, alguns filhos de pessoas importantes de Manaus e passou a observar como funcionava as relações de poder e apadrinhamento na política local.¹⁵¹

Maria da Conceição Silva é consciente da ação audaciosa de quando era apenas uma menina e sonhava ser bancária. “Os sujeitos não são livres para produzir seus discursos e nem inventar na hora sistemas de comunicação”.¹⁵² A consciência de que a sociedade da década de 1960 em que quando menina sonhava, era severamente marcada pelo patriarcado em que as mulheres sofriam com o machismo escancarado da sociedade.

É, eu sei pra aquela época eu fui uma menina muito corajosa, eu fui muito audaciosa, eu não era de uma família de posses e sonhava muito alto, sonhava com o banco. Naquele tempo o machismo era muito forte, o preconceito era muito forte com a mulher, falavam que mulher tinha

¹⁴⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

¹⁴⁸ *Idem*

¹⁴⁹ *Idem*.

¹⁵⁰ *Idem*.

¹⁵¹ *Idem*.

¹⁵² Sader, 1988, p. 142.

que casar, cuidar de casa... hoje tem mulher onde ela quiser, tiver coragem e determinação pra chegar, mas antes não.¹⁵³

Conceição estudou técnico de contabilidade, apesar de muitos impasses que atravessaram sua vida, de questão social, econômica e familiar. A mesma foi resiliente e nunca deixou de lutar pelo sonho de trabalhar no Banco do Estado do Amazonas. Entre idas e vindas à Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa e o bairro São Raimundo, a menina foi conhecendo pessoas, se reconhecendo neste mundo de disputa de poderes na capital do estado do Amazonas, construiu laços de amizade com grandes personalidades da política amazonense, que futuramente lhes auxiliaram para que trilhasse seu percurso rumo ao trabalho na agência bancária ao qual sempre sonhou.

1.5. TECENDO RELAÇÕES DE PODER A PARTIR DO BANCO ESCOLAR OU CONHECENDO O BANCO DO ESTADO DO AMAZONAS

Maria Conceição da Silva, quando fala do início da sua carreira profissional, expressa orgulho e entusiasmo, recorda com saudade das experiências que viveu e das relações de amizades que conquistou na Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa que lhe possibilitou conhecer e ocupar os espaços na sociedade manauara. Ela reconhece e ressalta a importância de construir relações de poder para conseguir chegar ao Banco do Estado do Amazonas.¹⁵⁴

Durante o percurso de Conceição na Escola Rui Barbosa, a jovem ganhou notoriedade por sua habilidade em solucionar cálculos. Professores a elogiavam por sua capacidade matemática, mas também por seu comportamento, sempre assídua nas aulas, participativa em todas as atividades da escola, assumia responsabilidades nos eventos e mostrava-se com muita maturidade ao conversar com os colegas e docentes da escola sobre as possibilidades de profissionalização que buscava para sua vida.¹⁵⁵

O talento com a área de exatas e nas relações pessoais fez com que as atitudes dos colegas de Conceição mudassem a seu respeito, ela começou a ambientar-se aos seus colegas e estes tornaram-se mais próximos. Entre uma atividade escolar e outra, ela também passou a frequentar a casa de seus colegas, conhecendo suas famílias e tornando-

¹⁵³ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹⁵⁴ *Idem.*

¹⁵⁵ *Idem.*

se conhecida por eles que também admiravam a forma que ela liderava seu grupo e tirava as dúvidas de seus próprios colegas, fato este que a fez ser querida pelos pais e mães de seus pares.¹⁵⁶

Na Escola Rui Barbosa, Maria da Conceição fez amizade com Otávio Filho, primogênito de seu Cardoso, gerente da agência do Branco do Estado do Amazonas, situado no prédio da Biblioteca Municipal, próximo ao colégio em que estudavam. A jovem já sonhava com a profissionalização para trabalhar em bancos, com a proximidade de sua escola ela pôde observar a rotina e comportamentos dos bancários e lhe faziam sonhar em trabalhar naquela instituição.¹⁵⁷

Ainda durante sua estadia no colégio técnico, Maria da Conceição já fazia visitas na agência, seu amigo Otávio lhe convidava para ir até ao local de trabalho de seu pai acenar e informar que estava retornando para casa.¹⁵⁸

A primeira vez que eu entrei dentro de um banco, foi no BEA, eu era uma jovem e claro, não tinha carteira no banco naquela época, mas eu era amiga do Otávio que era filho do gerente do banco bem em frente ao Rui Barbosa. Aí ele ia lá ver o pai dele, mas pra avisar que já estava indo para casa, e eu ia junto e ficava observando tudo ali e já me imaginava me vestindo igual bancária e falava que eu seria igual aquelas pessoas e iria trabalhar ali naquele banco.¹⁵⁹

Ela acompanhava seu colega de aula e já observava o ambiente e as pessoas que trabalhavam naquela repartição, e se imaginava usando aquelas roupas e sapatos sociais que eram fardamento dos funcionários, assim ela passou a dizer para si e para os amigos e familiares que ela desejava trabalhar no banco e ser uma bancária.¹⁶⁰

A casa de Otávio Filho também passou a ser um local que a jovem Conceição frequentava, ela o ajudava em trabalhos e tirava algumas dúvidas, os pais e irmãos do rapaz lhe recebiam sempre com carinho e por algum tempo insinuavam que os dois pudessem estar construindo um relacionamento. A amizade dos dois e o fato de andarem sempre juntos estava relacionada aos interesses escolares, pois Maria da Conceição sempre ajudava seu amigo.¹⁶¹

¹⁵⁶SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹⁵⁷ *Idem.*

¹⁵⁸ *Idem.*

¹⁵⁹ *Idem.*

¹⁶⁰ *Idem.*

¹⁶¹ *Idem.*

Maria da Conceição recorda das festividades de dezoito anos de seu amigo Otávio Filho. A comemoração aconteceu em um clube de campo e ela foi uma das convidadas, por saber da profissão do pai de seu amigo, já imaginava que naquela festa haveriam outras pessoas que trabalhavam na agência, e por isso preocupou-se com sua própria vestimenta.¹⁶²

Dona Maria Madalena e até mesmo o pai da jovem Conceição estavam orgulhosos de sua filha, ela estava indo bem na escola, fazendo amizade com filhos de pessoas importantes da sociedade manauara e já estava obtendo alguma renda, dando aulas particulares de matemática e fazendo os trabalhos de alguns colegas.¹⁶³

Maria Madalena trabalhava como costureira e passou a confeccionar os conjuntos e vestidos sociais para que sua primogênita pudesse se apresentar bem vestida nos eventos em que era convidada por seus colegas. E assim, algumas pessoas por não conhecerem a família humilde de Conceição, sempre lhe perguntavam sobre sua origem familiar e elogiavam seus modelitos, sempre tão autênticos e seu comportamento. Tão educada e comunicativa.¹⁶⁴

A festa de aniversário de Otávio Filho marcou as memórias de Conceição como primeira experiência de socialização com os bancários da Agência Sete de Setembro do Banco do Estado do Amazonas.

Eu estava ansiosa para o aniversário do Otávio, seria o aniversário de um grande amigo e lá eu estaria também no meio daquelas pessoas que eu admirava, eu ficava olhando eles chegarem tão sérios e elegantes na agência em frente à escola, e eu ficava ali sonhando. O aniversário do Otávio me permitiu os conhecer.

Eu me mantive comportada, educada e muito bem vestida com o conjunto que mamãe fez especialmente para aquela ocasião. Claro que eu não me enturmei com eles, eram pessoas adultas e profissionais que conversavam sobre os assuntos deles, mas eu estava ali e observava tudo.¹⁶⁵

A relação de amizade entre Maria da Conceição e o filho do gerente da agência central do Banco do Estado do Amazonas, Otávio Filho, começou a ser construída nos bancos da Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa, uma amizade fraterna que também lhe abriu horizontes para conhecer seu futuro gestor administrativo, que buscou lhe

¹⁶² SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹⁶³ *Idem.*

¹⁶⁴ *Idem.*

¹⁶⁵ *Idem.*

acolher bem por já fazer parte dos laços de amizade de seus filhos e família.¹⁶⁶

A jovem passou a ser convidada para os passeios em família de seus colegas nos clubes de Manaus, algumas festas como aniversários e até casamentos. Ela recorda como “foi maravilhoso prestigiar eventos no Teatro Amazonas” como convidada da família de seus amigos.¹⁶⁷

Maria da Conceição, não morava tão longe do Teatro do Amazonas, pois o bairro São Raimundo é próximo ao centro de Manaus e sua família sempre transitava pelas ruas daquela localidade. Mas para a jovem Conceição e seus pais, lhes parecia que aquele lugar não os pertencia, mesmo não sendo tão longe de sua casa. “Frequentar o Teatro Amazonas e até mesmo ir à missa na Catedral, meus pais diziam que não era pra nós”.¹⁶⁸

O Teatro Amazonas e a Igreja São Sebastião do Centro de Manaus apresentam-se nas memórias de Conceição como espaços de demarcação social, prestigiar eventos no teatro Amazonas e ir à missa na Igreja São Sebastião não seriam assim, atividades do cotidiano de pessoas da sua classe social, por conseguinte, a dos seus familiares. Participar de festas e comemorações nestes ambientes passaram a ocupar a sua rotina apenas devido à construção de amizade com filhos e filhas de pessoas que frequentavam tais lugares.¹⁶⁹

Inteligente e comunicativa, a filha de dona Maria Madalena estava sempre presente como destaque nos eventos da escola. Por sua boa oratória, ela estava sempre à frente de seus colegas em apresentações, desfilou como Porta-bandeira do Amazonas, representando a Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa, no desfile do dia 07 de setembro do ano de 1963 em Manaus.¹⁷⁰

Os postos de destaque de Porta-bandeiras e Balizas que representavam as escolas nos desfiles cívicos, em sua maioria eram ocupados por moças filhas de famílias célebres de Manaus, principalmente das escolas de prestígio. Maria da Conceição, recorda deste feito com alegria e diz que este episódio foi possível por seu bom comportamento e por sua conhecida amizade com um filho de deputado.¹⁷¹

Eu desfilei como porta-bandeira do Amazonas no desfile cívico do 07 de Setembro pela escola Rui Barbosa. As meninas na época disputavam

¹⁶⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹⁶⁷ *Idem.*

¹⁶⁸ *Idem.*

¹⁶⁹ *Idem.*

¹⁷⁰ *Idem.*

¹⁷¹ *Idem.*

esse posto, era um posto de destaque e até uma honra levar as bandeiras do Brasil, Amazonas e de Manaus. Eu levei a bandeira do Amazonas, e eu consegui ser destaque na escola pelo meu comportamento e por que lá eles sabiam da minha amizade com o Josué Filho, ele era filho de um deputado importante aqui do Amazonas nessa época.

Então eles sabiam dessa minha amizade, e também o Josué ajudou na minha roupa, as roupas de porta-bandeiras também eram muito caras porque são finas e bem trabalhadas. Minha mãe costurou a roupa que foi feita com os tecidos que esse meu amigo comprou pra mim por que eu fiz um trabalho pra ele.¹⁷²

A importante solenidade em comemoração ao Dia da Independência realizada na Avenida Sete de Setembro contava com a participação das personalidades da política amazonense, escolas estaduais e municipais, institutos técnicos e o próprio exército. A população acordava cedo para levar seus filhos para o desfile ou para ir prestigiar ao evento que já fazia parte do calendário de festividades da sociedade manauara.¹⁷³

As memórias de dona Conceição apresentam sua experiência de porta-bandeira da escola como uma conquista de espaço e de representação, pois devido às desigualdades sociais, ser um item de destaque nos desfiles cívicos representava a disparidade e lugares de legitimação de domínio social, uma vez que os filhos das classes baixas participavam nos pelotões e os filhos de classes mais abastadas se apresentavam com visibilidade como porta-bandeiras, balizas, chefes de pelotões e representando as autoridades.¹⁷⁴

Sua relação de amizade com Josué Filho, filho de um deputado do Amazonas, lhe permitiu apresentar-se como porta-bandeira escolar. As amizades influentes de Conceição passaram a lhe proporcionar a ocupar pequenos espaços de representação de poder na cidade da cidade de Manaus.

Josué Cláudio de Souza Filho era o filho mais velho do deputado José Cláudio de Souza¹⁷⁵, aliado de Gilberto Mestrinho¹⁷⁶. O pai de Josué Filho migrou para o Amazonas para trabalhar no *Jornal do Commercio* e adentrou a política do estado. Era muito bem falado na cidade e assumiu o governo em algumas ocasiões que Gilberto Mestrinho

¹⁷² SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹⁷³ *Idem.*

¹⁷⁴ *Idem.*

¹⁷⁵ Josué Filho também tornou-se deputado do Estado do Amazonas e presidiu a Comissão Constitucional da Assembleia e teve forte participação na promulgação da Constituição Estadual. Seu filho, Josué Cláudio de Souza Neto, também se tornou personalidade da política do Estado do Amazonas.

¹⁷⁶ Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo (1928-2009) foi um dos mais importantes políticos do Amazonas no século XX, tendo sido prefeito da capital, três vezes governador do estado e senador. Cf. TORRES, Iraídes Caldas. Gilberto Mestrinho: De caudilho a Boto sedutor do Amazonas. In: QUEIRÓS, César Augusto Bubolz; UGARTE. Auxiliomar Silva. **Trajetórias Políticas na Amazônia Republicana**. Manaus: Editora Valer, 2019.

precisou se afastar.¹⁷⁷

O filho do deputado não estudava na mesma escola de Maria da Conceição, o estudante de administração era secundarista do Instituto de Educação do Amazonas – IEA. Eles foram apresentados por Otávio Filho em uma disputa dos Jogos dos Estudantes Secundaristas, realizada pela UESA. Conceição foi muito elogiada por seu amigo devido ao seu talento e rapidez em realizar cálculos matemáticos e domínio da área de exatas.¹⁷⁸

Maria da Conceição reconhece a importância de sua amizade com o filho do gerente do Banco do Estado do Amazonas, possibilitada por sua inserção na Escola Técnica de Comércio Rui Barbosa. E como o banco escolar lhe proporcionou inserir-se na sociedade manauara.

A Escola Rui Barbosa foi muito importante na minha vida, estudar deve ser importante na vida das pessoas, tudo que eu conquisei começou ali no Rui Barbosa. Veja só, eu me profissionalizei e era uma estudante e profissional de destaque, grandes amigos eu pude fazer na escola, e esses amigos, eles me ajudaram muito na minha vida. É muito bom a gente saber cultivar as boas amizades, aquelas pessoas que querem nosso bem.

Foi na Escola Rui Barbosa que eu conheci o Otávio, ele já me apresentou outros amigos como o Josué Filho e foi na casa do Josué Filho que eu pude conhecer mesmo e conversar pela primeira vez com o Gilberto Mestrinho. Então, o meu estudo e minhas boas relações me proporcionaram muitas coisas boas nesta vida.¹⁷⁹

Maria da Conceição passou a frequentar também a residência dos “Souzas” e tinha consciência da importância desta sua nova amizade pela grande influência que o pai de seu amigo tinha na política amazonense. Ela tinha consciência também da grande distinção de sua família em relação a de seus amigos: “às vezes eu pensava na grande desigualdade entre a minha família e aqueles lugares que eu frequentava, eu queria batalhar pra oferecer algo melhor pra eles também”.¹⁸⁰

A família de Josué Filho também era muito festiva, sempre realizavam eventos, almoços e jantares com a presença de políticos da capital. Conceição algumas vezes foi convidada por seu amigo para participar destas comemorações. Ela também recorda de passear no palacete com seu amigo que algumas vezes visitava seu pai, ele já era familiarizado com aquele ambiente enquanto ela admirava com seus olhos: “tão riqueza

¹⁷⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

¹⁷⁸ *Idem.*

¹⁷⁹ *Idem.*

¹⁸⁰ *Idem.*

de detalhes naquelas arquiteturas e requinte de postura das pessoas que ali trabalhavam”.¹⁸¹

Em muitas dessas ocasiões, o Governador do Estado do Amazonas, Gilberto Mestrinho, estava presente. Maria da Conceição já conhecia o político, ele havia visitado sua casa em época de campanha eleitoral, mas poder estar no mesmo evento e conversar com ele descontraidamente só foi possível através da sua amizade com o filho do deputado.¹⁸²

Gilberto Mestrinho, na época era um político jovem, era muito festeiro e muito carismático, alguém que gostava da vida boêmia das boates e clubes de Manaus. Nas noites de festas das ruas do centro era corriqueiro encontrar com o governador. Maria da Conceição recorda que “o Gilberto era muito namorador, ele namorava algumas amigas minhas também, a Lucinha, a Mariazinha... vish! Ele era muito namorador e eu sempre encontrava também com ele por aí na companhia das meninas”.¹⁸³

A formatura de Conceição estava se aproximando e o ciclo de estudante também estava se fechando, ela precisava focar na sua futura carreira profissional e seu sonho de se tornar bancária. Como já conhecia o governador e tinha algumas amizades influentes na Capital do Amazonas, um dia ela resolveu ir pessoalmente ao palacete para conversar com o governador e lhe pedir uma oportunidade de emprego.¹⁸⁴

Eu morava ali pelo São Raimundo, eu estudava contabilidade no Rui Barbosa, então eu conhecia muita gente, conheci o Gilberto Mestrinho e ele conheceu minha família em tempos de campanha, mas eu fiz amizade com ele mesmo foi na casa do Josué e nas boates de Manaus. Um dia eu decidi que tinha que ir atrás dos meus sonhos e também estava precisando mesmo e aí fui lá no palacete, eu entrei e pedi pra falar com o governador, ele estava almoçando e me mandou sentar, ele recebia mesmo as pessoas.

E eu falei pra ele que eu fui lá pedir uma oportunidade de trabalhar no BEA. Ele perguntou o que eu sabia fazer, eu falei que ia ser contabilista, mas eu aceitava qualquer coisa pra trabalhar lá, e aí ele disse que daria sim essa oportunidade e mandou uma carta para o gerente do banco e mandou eu me apresentar no outro dia lá.¹⁸⁵

Maria da Conceição Silva dormiu e acordou entusiasmada com sua carta de recomendação de emprego dada pelo governador, cedo dirigiu-se à Agência do Banco do

¹⁸¹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021

¹⁸² *Idem.*

¹⁸³ *Idem.*

¹⁸⁴ *Idem.*

¹⁸⁵ *Idem.*

Estado do Amazonas, na avenida Sete de Setembro e apresentou seu documento para o então gerente, senhor Otávio Cardoso. A primeira função de Conceição no banco foi de recepcionista e telefonista, a qual recorda carinhosamente de seus primeiros meses de trabalho formal contratada pelo estado.¹⁸⁶

A relação de poder pode ser percebida na trajetória de dona Maria da Conceição, nas reflexões de Pierre Bourdieu, onde o autor diz que o poder simbólico pode estar presente

[...] dentro das instituições estabelecidas e também em mediações sociais institucionalizadas que tem a capacidade de estabelecer categorias e alocar valores diferenciais no mercado de bens simbólicos legitimando-se ainda mais nesse processo.¹⁸⁷

Maria Conceição não era de família influente na política do Amazonas, mas por meio de suas relações de amizade com personalidades importantes da sociedade manauara, chegou ao Banco do Estado do Amazonas – BEA, sendo apadrinhada pelo governador Gilberto Mestrinho.

A partir desta narrativa de dona Conceição acerca de seu ingresso como funcionária no Banco do Estado do Amazonas, evidencia-se uma relação de apadrinhamento a partir das próprias relações de poder nesta intuição bancária. Dona Maria da Conceição percebe estas redes de apadrinhamento e poder, e posiciona-se em busca daquilo que a mesma havia pensado para sua profissão.

¹⁸⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021

¹⁸⁷ BOURDIEU, Pierre. **Conceitos Fundamentais**. Editado por Michael Grenfell; tradução de Fabio Ribeiro. Petropolis, RJ: Vozes, 2018, p. 158.

2 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: REDE DE ARTICULAÇÃO

2.1 CHEGANDO AO BANCO DO ESTADO DO AMAZONAS

O Banco do Estado do Amazonas – BEA foi criado através do decreto nº 98, de 18 de dezembro de 1956, ato normativo sancionado pelo governador Plínio Ramos Coelho. Sua inauguração deu-se em 19 de maio de 1958. Sua sede ficava na Avenida Sete de Setembro, nº 867, no edifício onde antes funcionava o Diário Oficial, junto a Biblioteca Pública. Na data de sua inauguração, o estado ainda era governado por Plínio Ramos Coelho¹⁸⁸ e Manaus pelo prefeito Gilberto Mestrinho. O primeiro presidente do BEA foi o Sr. Jacob Sabbá, tendo o professor Samuel Benchimol como vice-presidente.¹⁸⁹

As instituições bancárias, sendo eles órgãos públicos ou privados, são importantes marcadores para se pensar acerca da construção da História Política e Econômica do Estado do Amazonas. No entanto, quando se procura investigar sobre o Banco do Estado do Amazonas, nos deparamos com a escassez de trabalhos publicados que registrem esta importante casa bancária de nosso estado.

Encontramos informações acerca da inauguração e atuação do BEA em uma coletânea do Instituto Durango Duarte que realiza um trabalho de Memorialista e História Pública no Amazonas. Na Coleção Manaus Série 1960, publicada como e-book em 2020, é possível constatar informações sobre a origem do banco.

Destacamos uma pequena abordagem relacionada a esta instituição, no trabalho do professor César Augusto de Bubolz Queirós, intitulado *Plínio Ramos Coelho: o Ganso do Capitólio*¹⁹⁰, onde aborda a criação do Banco do Estado do Amazonas como importante marco na política econômica de governo de Plínio Coelho.

As pesquisas em jornais, como na Hemeroteca Digital, são meios que nos permitem ter acesso a fontes que descrevem importantes informações sobre esta instituição bancária. Para construção de nosso trabalho, nos dedicamos na empreitada de

¹⁸⁸ Nascido na cidade de Humaitá (AM), em 21 de fevereiro de 1920, iniciou sua carreira política em 1947, ao ser eleito deputado estadual constituinte pelo PTB. Nas eleições de 1953 elegeu-se Governador do Estado do Amazonas e novamente em 1962, sendo deposto em 14 de junho de 1964 em consequência do golpe e da ditadura civil-militar que se instaura no Brasil. Cf. QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. Plínio Ramos Coelho: O Ganso do Capitólio. In: QUEIRÓS, César Augusto Bubolz; UGARTE. Auxiliomar Silva. **Trajetórias Políticas na Amazônia Republicana**. Manaus: Editora Valer, 2019.

¹⁸⁹ DUARTE, Durango. IDD: A origem do Banco do Estado do Amazonas – BEA (Série 1960). **Instituto Durango Duarte**, 15 nov. 2017. Disponível em: <https://blogdodurango.com.br/artigos/idd-a-origem-do-banco-do-estado-do-amazonas-bea-serie-1960/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

¹⁹⁰ Queirós, 2019.

pesquisar sobre o BEA nos jornais do Estado do Amazonas disponíveis nesta plataforma, e nos propomos delimitar tal investigação no acervo do *Jornal do Commercio* que muito tem contribuído para pesquisas históricas do Amazonas.

Figura 3: Publicidade Banco do Estado do Amazonas S.A.



Fonte: *Jornal do Commercio*, 26 de setembro de 1963.

Esclarecidos de que os objetivos da pesquisa aqui apresentada têm por finalidade investigar a trajetória de Maria da Conceição Silva, este capítulo versa sobre a atuação, as questões de gênero e o protagonismo desta mulher no Banco do Estado do Amazonas. Assim sendo, buscamos apresentar um breve histórico desta instituição financeira, que se fez importante agente de finanças na história de nosso estado, para que o leitor possa conhecer o funcionamento do ambiente de trabalho e poder em que nossa protagonista se encontrava inserida, e que se apresenta como importante marcador de sua trajetória profissional.

A edição do *Jornal do Commercio*, de 20 de maio de 1958, em uma extensa publicação, descreve e comemora a inauguração da primeira casa financeira do Estado do Amazonas: “Está oficialmente instalado o Banco do Estado do Amazonas, instituição de crédito que operará com matriz localizada em Manaus, cuja fundação virá certamente atender os interesses do nosso comércio e da coletividade em geral”.¹⁹¹

Prestigiado o ato de inauguração pela presença de destacadas autoridades da

¹⁹¹ *Jornal do Commercio*, Manaus-AM, edição Terça-Feira 20 de maio de 1958.

política amazonense, dentre elas o governador Plínio Ramos Coelho, por altos dirigentes da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA)¹⁹² e figuras de realce dos circuitos industriais e no seio das classes conservadoras do estado, o BEA iniciou sua vida nos melhores auspícios, passando doravante a integrar a dinâmica da economia amazonense.¹⁹³

Segundo a notícia, o BEA teve sua criação maduramente planejada, contava com um capital de vinte milhões de cruzeiros integrados pelo Governo do Estado do Amazonas, pela valorização e ação de particulares. Contando desses recursos financeiros, foi uma instituição nascida por iniciativa do governo Plínio Ramos e que muito contribuiu para maior circulação das riquezas no estado, apontado como um estabelecimento credenciado a proporcionar mais largas transações ao comércio amazonense.¹⁹⁴

De acordo com a publicação do *Jornal do Commercio*, outros estados, cujos governos tiveram anteriormente ideias semelhantes, concretizando-as, estavam colhendo bons frutos, como prova de que iniciativas dessa natureza concorrem, indiscutivelmente, para o bem estar geral, através do atendimento de todas as suas reais finalidades. Conclui: “E por isto, nós amazonenses, que agora contamos com uma Banco do nosso Estado, devemos prestigiá-lo e incentivando o que é nosso a atingir as culminâncias do progresso”.¹⁹⁵

O BEA foi gestado para o desenvolvimento da economia do Estado, contudo, com o golpe de 1964, o governador foi deposto e o banco sofreu interdição e teve como seu primeiro presidente interventor, o comerciante e industrial¹⁹⁶ Robert Philippe Daou.¹⁹⁷

No dia 31 de março de 1965, festejando o aniversário do golpe militar, o Banco do Estado do Amazonas inaugurou o seu novo edifício sede, situado na Avenida 7 de Setembro e posteriormente inaugurou outras agências em outros estados como Brasília e

¹⁹² Segundo Renha, a SPVEA foi criada em 1953 como ferramenta para o desenvolvimento econômico e social da Amazônia, dentro do projeto de integração da região com o restante do país. No entanto, a instituição não conseguiu os resultados esperados. Conforme o autor, além dos inúmeros problemas em sua estrutura interna, a SPVEA foi alvo de desinteresse e desrespeito por parte dos governos federal e estaduais. Esses fatores, mais as denúncias de corrupção, levaram à sua extinção em 1966. Cf. RENHA, Carlos Eugenio Aguiar Pereira de Carvalho. **A Superintendência do plano de valorização econômica da Amazônia, a política de desenvolvimento regional e o Amazonas (1953-1966)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

¹⁹³ *Jornal do Commercio*, Manaus-AM, edição Terça-Feira 20 de maio de 1958.

¹⁹⁴ *Idem*.

¹⁹⁵ *Idem*.

¹⁹⁶ Duarte, 2017.

¹⁹⁷ Robert Philippe Daou, advogado e fundador do grupo Rede Amazônica, filial da Rede Globo. Atuou na execução de projetos durante o governo militar, como a Siderúrgica do Amazonas – SIDERAMA, Companhia de Eletricidade de Manaus, além de defensor da criação da Zona Franca de Manaus.

São Paulo, além de expandir agências para os municípios do interior do estado do Amazonas, com o objetivo de fomentar projetos, dentro de um plano “desenvolvimentista”¹⁹⁸ da Amazônia.¹⁹⁹

Segundo o edital de leilão do banco em 2001, o BEA era uma instituição financeira com a maior rede de agências no estado, atendendo às necessidades de serviços e recursos financeiros da população, e contribuindo para o desenvolvimento da economia estadual.²⁰⁰ Foi assim que o BEA foi comprado e integrado a outro banco brasileiro: “Em leilão realizado no dia 24 de janeiro de 2002, o Bradesco, único concorrente, adquiriu o Banco do Estado do Amazonas - BEA por R\$ 182.914 mil, arredondando o preço mínimo de R\$ 182.913.570”.²⁰¹

Como o Banco do Estado do Amazonas configurava-se como uma instituição estatal, os funcionários que compunham seu estabelecimento eram de cargos comissionados, indicados pelo governo, especialmente os funcionários da administração e gerência. Outros colaboradores ingressaram para esta casa bancária a partir de concursos por meio de seletivas de provas.

Maria da Conceição Silva, para iniciar sua carreira profissional naquela instituição, em 1965 com apenas dezoito anos de idade, foi apadrinhada pelo então Governador do Estado do Amazonas, Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo (1928-2009), reconhecido por sua popularidade de político do povo, que sempre buscava atender seus eleitores pessoalmente no palacete e oferecer-lhes favores.²⁰²

As mulheres na sociedade capitalista, como destaca Saffioti, em *A Mulher na sociedade de classes: Mito e realidade*, nunca estiveram alheias ao trabalho, elas sempre realizaram atividades para garantir a subsistência da família e criar riqueza social. No

¹⁹⁸ A dissertação de Camila Barbosa Monção Miranda aborda sobre a questão dos bancos estatais no plano de desenvolvimento da Amazônia, apontando o Banco da Amazônia-BASA, porém não menciona o caso do Banco do Estado do Amazonas, impasse que nos faz perceber a emergência de pesquisas sobre esta instituição e sua importância para a História do Estado do Amazonas. Cf. MIRANDA, Camila Barbosa Monção. **Ditadura Militar e Amazônia: Desenvolvimentismo, representações, legitimação política e autoritarismo nas décadas de 1960 e 1970.** Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6835>. Acesso em: 10 jan. 2024.

¹⁹⁹ Duarte, 2017.

²⁰⁰ BCB. Edital PND N° 2001/002. Alienação das ações do Banco do Estado do Amazonas S.A. **Banco Central do Brasil**, 2001. Disponível em <https://www.bcb.gov.br/htms/editais/editalBEA2.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2021.

²⁰¹ BNDES. Processos encerrados e Histórico de Desestatização. **Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.** Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/transparencia/desestatizacao/processos-encerrados/Historico>. Acesso em: 12 dez. 2021.

²⁰² SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

entanto, as consequências da exploração da mão de obra feminina buscou direcioná-las aos postos de trabalho mais subalternos e com remuneração salarial inferior aos ganhos salariais do homem.²⁰³

As agências bancárias, como instituição representante do capital e do poder político, em se tratar de bancos estatais, não diverge em sua dinâmica de trabalho dos estigmas da sociedade patriarcal, pois há “a persistência dos costumes que inferiorizavam socialmente a mulher”.²⁰⁴ Logo, as mulheres em sua maioria, eram alijadas desta classe de trabalhadores, os bancários.

A acentuada entrada das mulheres no mercado de trabalho das instituições bancárias ocorre a partir dos anos 1960, em decorrência de mudanças políticas e econômicas que configuraram novas estruturas e os modos de organização do setor financeiro que difundiram novas práticas de organização, de contratação e remuneração flexível, no qual as mulheres inserem-se neste campo como mão de obra barata²⁰⁵

Maria da Conceição consegue emergir desta ordem social patriarcal que direcionava as mulheres a determinados papéis e funções, por meio do apadrinhamento político. Após receber das mãos do governador uma carta de indicação para trabalhar no Banco do Estado do Amazonas, Maria da Conceição se apresentou na agência da Avenida Sete de Setembro, procurou o gerente que já lhe conhecia e apresentou sua carta. Este primeiro momento de apresentação ao banco e como indicada pelo governo marcaram as memórias de dona Conceição.²⁰⁶

Eu recebi minha carta do Mestrinho e eu fui pra casa muito feliz, muito feliz e ansiosa, eu queria ir logo lá me apresentar. A mamãe conversou comigo, escolheu minha melhor roupa que ela mesma fez, bem executiva e ainda conversou sobre como me comportar e saber ouvir e obedecer. Cheguei lá, me apresentei e mostrei minha carta. Ele, o gerente me olhou e perguntou o que eu sabia fazer, eu falei que estava formando em contabilidade e ele só me olhou. Aí ele falou assim “até que você é bonitinha, você pode ficar na recepção e como telefonista”.²⁰⁷

²⁰³ Saffioti, 1976.

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 106.

²⁰⁵ LIMA, Luanda de Oliveira; MANSUR, Maíra Sertã; SOUZA, Michele Souza e; FERREIRA, Paula Almeida Jatahy. As mulheres e o setor bancário: relações de dominação em novos e velhos contextos. *Revista Habitus*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 112-124, jul. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11326>. Acesso em: 22 jan. 2023.

²⁰⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

²⁰⁷ *Idem*.

O entusiasmo com a oportunidade do primeiro emprego e seu primeiro contato com a agência como funcionária, escamoteiam sua percepção de condição de mulher de classe baixa ocupando espaços de poder e de predomínio masculino. É possível verificar a representação do papel designado às jovens mulheres nas instituições bancárias, limitadas a espaços de atuação: telefonistas, secretárias e recepcionistas.

O sexismo não se configura meramente como um preconceito, mas também com o poder de agir de acordo com ele: “No que tange ao sexismo, o portador do preconceito, está, pois, investido de poder, ou seja, habilitado pela sociedade a tratar as pessoas sobre quem recai o preconceito de maneira como este as retrata”.²⁰⁸

O preconceito de gênero resultante do sexismo, é apresentado logo no início da inserção de Maria da Conceição no Banco do Estado do Amazonas, percebido na frase do gerente “até que você é bonitinha, você pode ficar na recepção e como telefonista”.²⁰⁹ O patrão, na figura do gerente da agência bancária, expõe sua visão sexista sobre esta mulher e exerce sua posição de poder ao designar sua função no trabalho.

Maria da Conceição se apresentou ao banco como uma pessoa apadrinhada pelo governador do Estado, finalista do Curso Técnico em Contabilidade e com certificados de Honra ao Mérito por suas boas notas. Contudo, não foi avaliada conforme sua formação, habilidades ou indicação; ela é reduzida aos estigmas sexistas do patriarcado, a mulher jovem e bonita que pode ser recepcionista ou telefonista.

Nesta mesma colocação “até que você é bonitinha, você pode ficar na recepção e como telefonista”²¹⁰, nos possibilita perceber uma Divisão Sexual do Trabalho, dentro das instituições bancárias. Saffioti, em “Gênero, patriarcado, violência”, descreve como as Relações de Gênero constroem papéis sociais do masculino e feminino e como estes configuram as divisões de trabalho.

Entendido como imagens que as sociedades constroem do masculino e do feminino, não pode haver uma sociedade sem gênero. A eles corresponde uma certa divisão social do trabalho, conhecida como divisão sexual do trabalho, na medida que ela se faz obedecendo ao critério do sexo.²¹¹

²⁰⁸ Saffioti, 2015, p. 131.

²⁰⁹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

²¹⁰ *Idem*.

²¹¹ Saffioti, 2015, p. 61.

Amparados na socióloga Nise Jinkings²¹², Lima *et al.* advertem que “As mulheres que trabalhavam em bancos, eram contratadas apenas para realizar tarefas específicas, alocadas por uma visão sexistas do trabalho, recebendo muito aquém dos valores médios da categoria: eram recepcionistas, telefonistas, faxineiras e auxiliares de escrita”.²¹³

Maria da Conceição se insere nesta estatística de trabalho feminino no setor financeiro da década de 1960. Ela inicia sua trajetória como telefonista e recepcionista, dividindo-se entre as duas atividades, e suas qualidades de comunicação e oratória permitiram que a recém-contratada se adaptasse a sua nova função e sua nova jornada de trabalho.²¹⁴

Então, o meu primeiro trabalho já foi no BEA, eu bem novinha e me botaram pra trabalhar como telefonista. Os telefones de antigamente não eram como esses aqui que a gente tem agora, eram uns telefones tipo de tubo, eram vários tubos e eu atendia e tinha que repassar para o ramal da ligação, era assim, cada setor tinha seu ramal de ligação e eu ficava lá naqueles tubos, no começo foi meio difícil, meio estranho por causas dos tubos, mas depois eu peguei o jeito. Aí, quando eu não estava atendendo os telefones, eu estava atendendo na recepção, era um trabalho bem puxado, sabe? Porque não tinha parada, quando não estava fazendo uma coisa, estava fazendo outra. Mas eu sempre fui dedicada e fazia o meu trabalho que mandavam.²¹⁵

A exploração do trabalho feminino pode ser configurada no desvio de função, Maria da Conceição não define uma só atividade para qual foi contratada, ela desdobrava-se para exercer duas funções, intercalando entre as duas atividades em que a própria dizia ser “puxado” e muitas das vezes ultrapassando do horário de seu expediente.

Heleieth Saffioti discute a relação exploração-dominação estabelecida entre homens e mulheres na sociedade patriarcal capitalista que mantém esta relação para além do seio social familiar, mas principalmente nas relações de trabalho, afetando assim na organização e estruturação das jornadas de trabalho da mulher.

Todos os estudos sobre força de trabalho feminina no mundo de economia globalizada revelam sua mais acentuada subordinação. Isto equivale a dizer que, quanto mais sofisticado o método de exploração praticado pelo capital, mais profundamente se vale da dominação de

²¹² JINKINGS, Nise. **O mister de fazer dinheiro**. Automatização e subjetividade no trabalho bancário. São Paulo: Boitempo, 1995.

²¹³ Lima *et al.* 2010, p. 116.

²¹⁴ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

²¹⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

gênero de que as mulheres já eram, e continuam sendo, vítimas.²¹⁶

As mulheres, ao ingressar no mercado de trabalho, não se tornam isentas da exploração, dominação e subordinação. O patriarcado e o capitalismo tornam-se homogêneos na exploração do trabalho feminino, para o elevado acúmulo do capital e para perpetuar a manutenção de uma ordem social em que as mulheres permaneçam na subalternidade.

A expectativa de alcançar ascensão profissional, conquistar sua própria independência financeira, manter sua subsistência ou mesmo de sua família, faz com que as mulheres se tornem subordinadas às formas de exploração de trabalho. Maria da Conceição recorda como encarou sua dura jornada de trabalho no início de sua carreira e os motivos que a levaram a ser resiliente em sua labuta.

Mesmo sendo puxado, eu dava meu melhor, aquela era minha oportunidade e eu queria mostrar serviço, eu sempre fui determinada e quando entrei no banco, já nasceu o desejo de fazer carreira ali dentro, e a gente precisa dar nosso melhor para conquistar nossos sonhos, metas e objetivos. A mulher, ela tem que lutar por aquilo que ela deseja pra vida e foi isso que eu sempre fiz.²¹⁷

A necessidade de ajudar no sustento da família também se apresenta como fator que corrobora para a subordinação de Maria da Conceição na exploração de trabalho. A filha mais velha de dona Maria Madalena, desde muito jovem assumiu responsabilidades na manutenção da subsistência de seu núcleo familiar, após a efetivação de seu primeiro emprego no Banco do Estado do Amazonas-BEA, aumentaram suas responsabilidades e contribuíram com a renda de seu lar.²¹⁸

O funcionamento e atendimento do banco se estendia até o dia de sábado, os funcionários entravam às sete da manhã, com pausa para o almoço e encerravam o dia de labuta às dezesseis horas da tarde, restando-lhes apenas o dia do domingo para descanso. Alguns dias de muito movimento ou evento nas agências, os bancários estendiam seu horário de trabalho para além do estipulado para sua jornada de trabalho.²¹⁹

O horário normal de entrada era às sete e meia, né? Pois, às oito da

²¹⁶ Saffioti, 2015, p. 137.

²¹⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²¹⁸ *Idem.*

²¹⁹ *Idem.*

manhã o banco deveria estar sendo aberto e funcionando, a gente saía às quatro horas da tarde, isso em expediente normal. Nos dias de Assembleia Geral e Balanço Geral, era puxado, era uma loucura! A gente retornava pra casa já tarde da noite, a gente tinha que fechar todo balanço e isso não era como é agora que é tudo informatizado, né? Eu chegava em casa muito cansada e não conseguia fazer mais nada, só queria descansar.²²⁰

A intensa jornada de trabalho de Conceição lhe privou de conviver rotineiramente com seus demais irmãos e familiares, as responsabilidades com seu emprego e com suas próprias projeções de futuro lhe cobravam dedicação e tempo. A família da jovem bancária reconhecia a importância de seu empenho para que pudesse construir sua carreira.

Maria das Graças Silva Vieira (64 anos), nascida em Manaus-AM, filha do senhor Francisco Lima da Silva e a senhora Maria Madalena Cardoso da Silva, irmã mais jovem de Maria da Conceição, recorda sobre a importância da inserção de sua irmã mais velha no mercado de trabalho.²²¹

Eu era bem pequena quando a Conceição foi a primeira a sair de casa pra trabalhar, todas nós trabalhamos muito cedo, mas a Conceição foi a primeira porque ela era a irmã mais velha, sabe assim, a Conceição ela ajudou muito nossa família, era ela que ajudava a mamãe no sustento dos nossos outros irmãos.

O papai, ele bebia e extraviava o dinheiro dele, aí quem ajudava a mamãe a sustentar nós lá em casa era a Conceição. Assim, eu sou muito grata a ela e reconheço todo o esforço que ela fez por todos nós, ela assumiu a responsabilidade junto com a mamãe, de cuidar da gente e daí era sempre ela que cuidava de todos nós.²²²

A necessidade e a responsabilidade de irmã velha se intensificam quando Conceição consegue se inserir no trabalho do setor financeiro, na ausência de seu pai devido às bebidas alcoólicas, nossa protagonista passou a se responsabilizar por manter o sustento do seu próprio núcleo familiar.

Maria das Graças rememora também como sua mãe preocupava-se com a jornada de trabalho de sua filha mais velha: às vezes ela retornava mais cedo, outras mais tarde e assim pouco convivia com seus irmãos e com sua mãe. A mãe de Conceição também se preocupava com a integridade da conduta de sua filha, que era muito jovem e trabalhava

²²⁰ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²²¹ VIEIRA, Maria das Graças Silva. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência de Maria da Conceição Silva, Manaus-AM, 03 jan. 2023.

²²² *Idem.*

em uma agência com muitos homens.²²³

Nas palavras de dona Graça, sua mãe preocupava-se com a possibilidade de “algum homem seduzir a Conceição lá no trabalho, que lá eram todos casados e ela acabar perdendo o trabalho dela”.²²⁴ Esta fala de dona Maria das Graças nos abriu horizonte para pensar as relações no ambiente de trabalho de Conceição, sendo ela uma mulher jovem em um ambiente majoritariamente masculino.

Maria da Conceição, ao ser questionada sobre a relação de trabalho com seus colegas do sexo masculino na instituição bancária em questão, nos revela que “sempre [foram] muito respeitáveis, às vezes tinham os engraçadinhos com as piadinhas e cantadas, sobre eu ser bonitinha e eu era mesmo, mas eu não ligava e deixava pra lá, em todo lugar tem isso, homens que falam besteira”.²²⁵

A preocupação que a mãe de nossa protagonista apresenta ao falar em “iludir”, e encontramos também nas falas de Conceição, quando ela descreve atitudes dos homens como “piadinhas” e “cantadas”, pode ser percebido como a prática de assédio enfrentado pelas mulheres no ambiente de trabalho.

A Directiva 2004/113, do Conselho Europeu, “que aplica o princípio de igualdade de tratamento entre homens e mulheres no acesso a bens e serviços e seu fornecimento”, aponta que o assédio sexual corresponde a uma situação em que “um comportamento indesejado de carácter sexual se manifesta sob a forma física, verbal ou não verbal, com o objetivo de violar a dignidade da pessoa”.²²⁶ A parcela de sujeitos que mais enfrenta as situações de assédio são mulheres e com o agravante de maiores casos, ao se tratar de mulheres mais jovens.

Isabel Dias, em *Violências contra as mulheres no Trabalho: o caso do assédio sexual*, destaca que, “Embora o assédio sexual exista desde sempre em diversos contextos organizacionais, só nos anos mais recentes se passou a designar esta experiência como uma forma particular de violência sexual”.²²⁷

Até meados do último século, para muitas mulheres, a tolerância do assédio e, em

²²³ VIEIRA, Maria das Graças Silva. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência de Maria da Conceição Silva, Manaus-AM, 03 jan. 2023.

²²⁴ *Idem*

²²⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²²⁶ CONSELHO EUROPEU. Directiva 2004/113/CE, de 13 de dezembro de 2004. **Jornal Oficial da União Europeia**, 21 dez. 2004, L373/40. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32004L0113>. Acesso em: 26 ago. 2023.

²²⁷ DIAS, Isabel. Violência Contra as Mulheres no Trabalho. O caso do assédio sexual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 57, 2008, p. 12.

particular, do assédio sexual fazia parte da premissa de ter ou manter um emprego fora de casa. Maria da Conceição diz “não dar confiança” para os comentários recebidos na agência em que trabalhava, como uma forma de resistir para continuar com sua função naquela instituição.

Ela recorda ainda como, a própria clientela da agência bancária, era em sua maioria composta por homens, poucas mulheres dirigiam-se a casa bancária para realizar a abertura de sua conta pessoal. O percentual feminino de clientes do Banco do Estado do Amazonas nos anos sessenta, segundo Conceição, eram minoria e as clientes da casa bancária pertenciam ao funcionalismo público.

A agência bancária do BEA da Sete de Setembro, era uma agência de homens, quando eu comecei a trabalhar lá, eu lembro que eram umas três ou quatro mulheres, o resto tudo era homem, tinha as meninas dos serviços gerais, eu e a Terezinha, é... eram quatro mulheres.

O banco naquela época, era um lugar pra homem, tanto que até nossos clientes, a maioria era homem, funcionários do governo, empresários, políticos, alguns agricultores, a maioria era homem.

As mulheres que tinham conta no banco, a maioria era funcionária pública do governo ou da prefeitura. Você sabia que as mulheres não eram acostumadas com as questões burocráticas do banco, as mulheres não costumam investir e nem abrir poupança. As mulheres só abriam carteira se ela era funcionária.²²⁸

O relato de Maria da Conceição apresenta-se como uma constatação da pouca empregabilidade das mulheres no setor financeiro, e as funções atribuídas ao trabalho feminino nestas instituições estavam ainda direcionadas para postos de cuidado e limpeza do ambiente, e apenas alguns postos para mulheres que trabalhavam com o atendimento ao público.

É possível verificar, em seu rememorar, um perfil de clientela do Banco do Estado do Amazonas: homens funcionários públicos, políticos, empresários e agricultores que buscavam os programas de fomento à produção. As mulheres assinantes de carteira bancária eram em sua maioria funcionárias públicas ou com vínculo formal empregatício que usariam sua conta para recebimento de salário.

Ao expor a frase “O banco naquela época, era um lugar pra homem”,²²⁹ nossa entrevistada nos possibilita refletir acerca dos papéis e lugares impostos ou negados implicitamente as mulheres. O Banco do Estado do Amazonas, enquanto instituição

²²⁸ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²²⁹ *Idem*.

financeira e representação de poder econômico, não poderia ser um ambiente para mulheres que tem sua vida direcionada para a subalternidade, onde os homens seriam responsáveis pelas questões econômicas.

Deste modo, Maria da Conceição em seu trabalho como bancária estava em um ambiente majoritariamente masculino, tanto quanto em relação aos seus colegas de trabalho, quanto aos clientes que a mesma atendia todos os dias em suas funções que ocupou nesta instituição. Ela recorda como alguns clientes ficavam surpresos ao serem atendidos por esta mulher tão jovem que trabalhava naquela agência.

Alguns clientes quando me viam por lá, eu acho que eles ficavam surpresos, principalmente quando eu já estava trabalhando na abertura de carteira de contas no banco, ou quando iam comigo tratar sobre a emissão do talão de cheques ou para verificar os papéis para o financiamento e crediário dos empresários ou agricultores que procuravam o banco para fomentar o desenvolvimento de suas atividades.

Alguns clientes vinham com algumas gracinhas, mas eu nunca dei confiança, eu sempre fui séria, comprometida e responsável com meu trabalho, nós mulheres temos que nos dar respeito e fazer nos respeitarem em nosso trabalho.²³⁰

O início da trajetória profissional da jovem Maria da Conceição no Banco do Estado do Amazonas, nos revela a problemática enfrentada pelas mulheres em sua inserção no mercado de trabalho, na qual as mesmas deparam-se com a desigualdade de empregabilidade, que influencia diretamente no poder econômico das mulheres. Em sua função de trabalho, estas funcionárias podem deparar-se com situações de assédio, em especial aquelas que trabalham com o público.

Enfrentando muitos obstáculos, aprendendo a lidar com as problemáticas e rotina das agências bancárias. Maria da Conceição mostrou-se muito resiliente e comprometida com seu trabalho, pois ela tinha consciência de sua responsabilidade com o sustento de sua família e sobre suas aspirações de consolidar-se profissionalmente no banco no qual estava iniciando sua trajetória.²³¹

2.2 A CONQUISTA DA INDEPENDÊNCIA A PARTIR DO MERCADO DE TRABALHO

²³⁰ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²³¹ *Idem.*

A partir dos anos 1960, com o desenvolvimento da indústria nas sociedades capitalistas, mais densamente povoadas por conta da migração vinda do campo, aproximaram pessoas e estilos de vida e favoreceram mudanças aceleradas de comportamento. As mulheres, outrora exiladas no ambiente familiar e doméstico, tornaram-se necessárias ao trabalho das fábricas, passando a ocupar postos de trabalhos formais, integrando as diferentes classes de trabalhadores urbanos.²³²

O maior acesso feminino aos empregos remunerados e qualificados, impulsionado a partir de então, “proporcionaria às mulheres maior independência econômica, segurança e um status mais elevado na sociedade e na família”.²³³ Tal processo seria acompanhado pelo desenvolvimento de uma consciência crítica das desigualdades sociais com base no sexo e pela vontade de voar mais alto.

O trabalho como telefonista e recepcionista, a experiência de ser assalariada e contratada pela mais importante instituição bancária do estado, proporcionou a Maria da Conceição uma determinada autonomia junto ao seu próprio lar, com seus familiares, pai, mãe e irmãos no qual se tornou principal colaboradora da renda familiar.²³⁴

Quando eu comecei a trabalhar no BEA, eu era muito jovem, eu tinha só dezoito anos e tinha acabado de sair do Rui Barbosa. Então, minha vida era controlada pelos meus pais, eu era de menor também, então era eles mesmo que controlavam minha vida, as amizades, pra onde ir, pra onde sair. Depois que eu comecei a trabalhar no banco, até as relações dentro de casa mudaram, meus pais deixaram de me tratar como adolescente, eles passaram a ser mais sérios e mais comunicativos comigo, passaram a pedir minha opinião sobre as coisas, mas eu também ajudava muito em casa, principalmente nas despesas.²³⁵

Carla Bassanezi Pinsky busca descrever os novos papéis e representações da mulher moderna, a qual encontra-se inserida no mercado capitalista.

Ao propiciarem ganhos às mulheres, colaboraram para que elas adquirissem uma relativa independência com relação a pais e companheiros, o que fez com que, nesse meio social, as mulheres valorizassem o fato de trabalharem contradizendo a ideologia dominante.²³⁶

²³² PINSKY, Carla Bassanezi. *Imagens e representações 2: A era dos modelos flexíveis*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013b.

²³³ Pinsky, 2013b, p. 249.

²³⁴ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²³⁵ *Idem*.

²³⁶ Pinsky, 2013b, p. 244.

Ao contribuir com a renda familiar, Maria da Conceição corrobora com a importância de seu trabalho para a subsistência de seus familiares, em contrapartida, a mesma conquista autonomia sobre suas escolhas. A jovem conquistou sua liberdade de participar de eventos festivos, poder passear e viajar sem restrições de seus pais.

É muito bom a gente trabalhar e ser independente, quando era novinha e ainda não trabalhava, ainda não era dona da minha vida, eu era dependente dos meus pais e eles eram rígidos, o meu pai era mais rígido. Então às vezes tinha festinhas com os colegas que eu queria sair e não podia, passear por ali e não podia, quando eu comecei a trabalhar e ajudar em casa, meus pais pararam de questionar, está certo que eu já tinha 18 anos, mas como eu sempre ajudei em casa, eles não reclamavam sobre minha vida.

Eu saía, eu sempre fui festeira, eu ia mesmo nas festas com os amigos, alguns colegas do trabalho, eu ia pro carnaval mesmo, eu gostava e ainda gosto muito de carnaval. Às vezes eu viajava, eu gostava de conhecer lugares novos e eu ia mesmo. Meus pais não proibiam, minha mãe falava uma coisa aqui e ali, mas não me proibia, eu já era independente e eu soube aproveitar minha juventude e minha independência.²³⁷

A preocupação materna de dona Maria Madalena com a liberdade de sua filha, justificava-se pelo receio da violência crescente em Manaus, bem como sobre o seu cuidado com a imagem de sua filha que poderia ser mal falada pelos conhecidos.²³⁸

Pois, as mulheres, ao conquistar a liberdade do público, frequentar eventos e festas sem a rígida vigilância social, não deixaram de ser cobradas pela manutenção de sua moral e corpo. “As moças ganharam mais autonomia, o que implicava, por sua vez, um nível maior de responsabilidade com relação ao próprio corpo, sua virgindade, aquilo que se definia como seu comportamento moral”.²³⁹

A independência financeira das mulheres tornou, também, possível a decisão de escolha de relacionamento e de seus parceiros. A mulher que trabalha e tem sua autonomia financeira, passou a olhar para o matrimônio como uma escolha afetiva e não como uma necessidade para uma futura estabilidade dessas jovens mulheres.

Depois que comecei a trabalhar, ganhar meu próprio sustento e ajudar em casa, meus pais, principalmente meu pai, ele parou daquele discurso, daquela conversa que mulher tinha que casar, ter filhos, cuidar de casa. Ele percebeu que eu não era de casa, e eu estava bem assim e estava ajudando eles, e eu não precisava casar naquele momento porque

²³⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²³⁸ *Idem.*

²³⁹ Pinsky, 2013a, p. 233.

eu sabia me virar sozinha, aí eu casei já depois dos meus trinta, lá em Urucará já.²⁴⁰

Heleieth Saffioti, em *A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade*, apresenta uma discussão necessária acerca da força de trabalho feminina, destacando como o emprego formal e remunerado, para homens ou para mulheres, configura diferentes modos nos diversos tipos de formação econômica social.²⁴¹

O engajamento de determinado número de mulheres em ocupações remuneradas e desempenhadas fora do lar, constitui suficiente evidência da ampla aceitação de que “supostamente goza o trabalho feminino, de liberdade que a sociedade de classes deixa à mulher para, numa pretensa determinação pessoal e voluntária de sua existência, escolher uma carreira profissional ou o casamento, ou ainda a conjunção de ambas”.²⁴²

Maria da Conceição, como mulher, jovem e funcionária do BEA, conquista sua liberdade de escolha a partir de sua independência financeira. O projeto familiar que seus pais aspiravam para seu futuro, tornar-se educadora e casar-se, foi substituído por Conceição pelas aspirações de construir carreira na instituição financeira a qual havia iniciado como telefonista.²⁴³

Ocupar a posição administrativa desta instituição bancária, tornou-se um dos principais objetivos profissionais de Conceição. Para alcançar sua nova projeção de vida de construir carreira no setor financeiro, a mesma passou a dedicar-se exclusivamente em seu trabalho para que assim pudesse demonstrar sua competência, responsabilidade profissional e compromisso pessoal com a instituição a qual compunha o quadro de colaboradores.²⁴⁴

Ser uma mulher jovem, solteira, sem filhos e com disponibilidade para as demandas da agência, foram aspectos que contribuíram para que a aspirante à gerência do Banco do Estado do Amazonas pudesse empenhar-se nesta empreitada na construção de sua carreira profissional e nas suas articulações que lhe possibilitasse alcançar seus objetivos.²⁴⁵

Eu era jovem e solteira, então todo meu tempo eu me dedicava ao meu

²⁴⁰ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²⁴¹ Saffioti, 1976.

²⁴² *Ibidem*, p. 116.

²⁴³ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²⁴⁴ *Idem*.

²⁴⁵ *Idem*.

trabalho, muitas vezes eu cheguei tarde em casa. Eu, quando precisavam de mim na agência, eu ficava até mais tarde, fora do horário do meu expediente e não tinha hora extra, não! Mas eu fazia tudo que meus gerentes me mandavam, eu cumpria meu horário certo e não faltava, eu não gostava de faltar, às vezes fazendo outros trabalhos que nem eram meus, sabe eu era telefonista, mas eu estudei contabilidade e eu já entendia de muita coisa. Aí eu fazia tudo isso por que eu já tinha pretensões de subir ali dentro, né? Então eu me dedicava mesmo!²⁴⁶

Maria da Conceição apresenta em sua fala, a problemática realidade das mulheres que buscam o trabalho formal, e devido às atividades domésticas que lhes são atribuídas no lar, acabam inviabilizando seu bom desempenho em seu emprego. Conforme Hirata e Zarifian, “para as Mulheres, os limites temporais se dobram e se multiplicam entre trabalho doméstico e profissional. Opressão e exploração, se acumulam e se articulam, e por isso elas estão em situação de questionar a separação entre as esferas da vida”.²⁴⁷

Para Saffioti, todos os estudos sobre a força de trabalho feminina no mundo de economia globalizada revelam sua mais acentuada subordinação: “Isto equivale dizer que, quanto mais sofisticado método de exploração praticado pelo capital, mais profundamente se vale da dominação de gênero de que as mulheres já eram, e continuam sendo, vítimas”.²⁴⁸

É possível perceber a exploração de trabalho feminina das mulheres jovens e solteiras, como agentes disponíveis para horas extras não remuneradas. A entrevistada não esboça reconhecimento desta exploração, ela apresenta tal atitude como um dispositivo necessário a se cumprir, para que pudesse mostrar sua capacidade profissional e assim conquistar o cargo desejado por ela.

Questionada sobre qual motivo lhe levou a acreditar que a fato de ser solteira contribui para que a mesma obtivesse êxito em sua empreitada para ocupar cargos de chefia no Banco do Estado do Amazonas. Maria da Conceição, nos revela sua visão sobre o trabalho e as mulheres casadas, além de nos fazer perceber uma política de contratação de colaboradores da referida instituição, pautadas na divisão sexual do trabalho e a desigualdade de gênero que exclui as mães de famílias da disputa pelo emprego assalariado.

²⁴⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²⁴⁷ HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. Trabalho (o conceito de). In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 254.

²⁴⁸ Saffioti, 2015, p. 138.

Bom, assim, para as mulheres casadas e mães de família, fica muito mais difícil para se conseguir um trabalho regular, todo legalizado e pague todos os direitos. A mulher casada por exemplo, não fica além do seu expediente, ela tem cobrança do marido, tem os filhos, a casa, o marido às vezes tem ciúmes dos colegas de trabalho, do superior dela e acaba até proibindo essa mulher de trabalhar, eu nunca passei por isso, mas a gente sabe como funciona.

Os bancos, os bancos, não gostam de contratar mulheres casadas e nem com filhos, a mulher casada às vezes tem proibição do marido e às vezes quando ela tem filho, ela vai faltar muito. Então, não havia uma recomendação assim escrita pelo banco, mas geralmente não contratavam as mulheres assim.

Até meados dos anos 1960, é possível verificar uma ênfase no discurso de que a melhor ocupação das mulheres casadas era o lar com os filhos e maridos, sua distração e lazer, seriam por exemplo, na cozinha fazendo pratos mais elaborados, bolos e outros quitutes para o fim de semana. O cuidado com o lar, com os filhos e o marido seriam assim as obrigações exclusivas das mulheres casadas e todas essas atividades lhes ocupavam grande parte de seu tempo diário.²⁴⁹

O casamento para as mulheres, anterior à década de sessenta, significava a própria perda de direitos, pois após o matrimônio, passavam de certa forma a serem tuteladas por seus cônjuges. Segundo Saffioti,

Data de 27 de Agosto de 1962, no Brasil a Lei 4.121, também conhecida como Estatuto da Mulher Casada. Até a promulgação dessa lei, a mulher não podia desenvolver atividade remunerada fora de casa sem o consentimento de seu marido e entre outras limitações.²⁵⁰

Para as mulheres casadas e mães, responsabilizadas por todos os afazeres domésticos, a inserção do mercado de trabalho regular tornava-se assim de difícil acesso, quando conseguiam inserir-se neste ambiente, elas passavam a enfrentar o pesado acúmulo de serviço que lhes sobrecarregam, ser assídua em seu emprego e ao retornar para seu lar, dar conta do trabalho doméstico.²⁵¹

Constata-se que “a chamada dupla jornada de trabalho, afeta especialmente as mulheres casadas, com filhos e de camadas sociais médias e populares que não dividem com os maridos ou companheiros os afazeres domésticos”.²⁵² Tal problemática implica

²⁴⁹ RIAL, Carmem; MIGUEL, Raquel de Barros. Lazer: Programa de Mulher. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

²⁵⁰ Saffioti, 2015, p. 140.

²⁵¹ *Ibidem*.

²⁵² Rial; Miguel, 2013, p. 213.

na impossibilidade de muitas mulheres usufruírem ou ampliarem seu tempo seu tempo para sua própria qualificação e até mesmo para seu próprio descanso e lazer.

Existem ainda obstáculos e regras implícitas que engessam as possibilidades de as mulheres casadas e mães ingressarem no mercado de trabalho; as instituições empregadoras há muito, costumavam não contratar essa mão de obra para trabalho formais, pautadas no discurso que estas funcionárias não renderiam e nem se dedicariam ao trabalho como as mulheres solteiras e sem filhos.²⁵³

Maria da Conceição relata como no BEA havia uma política implícita de não contratação de mulheres casadas e mães, e atrela sua ascensão profissional nesta instituição, ao fato de ser solteira e sem filhos que podia assim dedicar-se integralmente ao seu trabalho, ainda que esta dedicação se configurasse em exploração de trabalho por horas extras não remuneradas.

“Esse esforço extra que a mulher precisa apresentar no mercado de trabalho para ser valorizada fica mais notório quando comparamos as descrições do cotidiano do trabalho de dois bancários entrevistados, um homem e uma mulher”.²⁵⁴ Dona Maria da Conceição, repetidas vezes afirma que “nós mulheres pra crescer e ter respeito em nossa profissão, precisamos nos dedicar mesmo e mostrar nossa competência”.²⁵⁵

A rede de apoio formada pelas mulheres da família de Conceição, sua mãe Maria Madalena e suas irmãs Maria das Graças e Maria Elizabeth, foram de grande importância para que a mesma pudesse dispor de tempo exclusivo para trabalhar. Os cuidados com a casa e as atividades domésticas ficaram sob suas responsabilidades, as meninas menores de idade auxiliavam sua mãe e substituíram sua irmã mais velha nas tarefas que eram desempenhadas por ela.²⁵⁶

As tarefas de casa, depois que eu passei a trabalhar, como eu passava o dia fora de casa, então eu não tinha muito tempo pra ajudar em casa, aí minha mãe e minhas irmãs é que cuidava de tudo por lá, eu não me preocupava mais com as coisas de casa, eu tinha que trabalhar pra ajudar lá em casa. Fim do mês, no pagamento, eu sempre comprava nossas coisas de mulher, minhas, das minhas irmãs e da minha mãe e assim nós nos ajudávamos, nós irmãs sempre fomos muito unidas e nos apoiamos em tudo. Até hoje somos assim, tá aí a prova que a manazinha saiu da casa pra vim hoje me visitar.²⁵⁷

²⁵³ Rial; Miguel, 2013.

²⁵⁴ Lima *et al.* 2010, p. 121.

²⁵⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²⁵⁶ *Idem*

²⁵⁷ *Idem.*

A sororidade entre irmãs, mãe e filha são aspectos marcantes na trajetória de vida de dona Conceição, pois sua relação com as mulheres de sua família sempre foi de solidariedade e união. Elas formaram uma rede de apoio à nova contratada do Banco do Estado do Amazonas, pois compreendiam todo o significado da conquista daquela jovem em ocupar aquele espaço no setor financeiro do estado.²⁵⁸

Em contrapartida, Maria da Conceição buscava melhorar as condições de vida das “*três Marias*” de sua vida, Maria Madalena (mãe), Maria das Graças e Maria Elizabeth (irmãs). Ela buscava incentivar o estudo e a profissionalização de suas irmãs, para que assim elas, suas irmãs também pudessem tornar-se mulheres livres, independentes e conseguissem construir sua própria carreira.²⁵⁹

Segundo Machado, a mulher era dependente financeiramente do pai ou marido, hoje deseja mais do que constituir matrimônio ou uma família, procura construir sua própria identidade considerando seu modo de ser e agir, não mais se submetendo ao que lhe é imposto, e sim buscando independência para trilhar seu próprio caminho, expressando sua capacidade e sua força de vontade.²⁶⁰

Para as irmãs de Maria da Conceição, ela ainda muito jovem tornou-se admirada pelas mulheres de sua família e inspiração motivadora para elas que pudessem tomar posse do protagonismo de suas vidas. Dona Maria Madalena, orgulhosa da conquista de sua filha, orientava suas outras descendentes a buscarem conduzir seus objetivos pessoais e profissionais da mesma forma que Conceição.²⁶¹

Maria das Graças Silva Vieira (64 anos), Técnica Administrativa da CONAB-AM (Companhia Nacional de Abastecimento do Amazonas), nascida em 10 de outubro de 1958, na cidade de Manaus, reconhece o protagonismo de sua irmã mais velha e como sua trajetória inspirou as mulheres de sua própria família em busca da profissionalização e inserção no mercado de trabalho.

A Conceição, ela é a mais velha, e ela assumiu esse papel de responsabilidade pra ela. Ela sempre foi essa mulher forte, guerreira e independente, quando ela começou a trabalhar, era ela que ajudava em

²⁵⁷ *Idem.*

²⁵⁸ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²⁵⁹ *Idem.*

²⁶⁰ MACHADO, Hilka Vier. **Identidade empreendedora de mulheres no Paraná**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

²⁶¹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

casa e incentivava os outros pra estudar, pra trabalhar e lutar mesmo. A Conceição, ela foi uma jovem assim, muito bonita e independente, eu achava muito linda a postura da minha irmã mais velha, ela saía de casa jovem, bem vestida, arrumada pra trabalhar, toda independente e solteira e a gente se inspirava nela, a mamãe nos aconselhava pra gente se inspirar nela, a Conceição foi nossa inspiração, minha e da Beth.²⁶²

Dona Maria da Conceição torna-se assim um grande apoio financeiro de sua família, traz para si a responsabilidade de irmã mais velha que ajuda no sustento de seu lar, assim como buscava orientar seus irmãos pela busca do crescimento a partir de sua profissionalização. Estas conquistas e posicionamento de Conceição faz com que ela seja vista com respeito e admiração por seus demais irmãos.

2.3 OCUPANDO ESPAÇO DE PODER: GERÊNCIA EM MANACAPURU

Segundo Lima *et al.*, o desenvolvimento do setor financeiro estava correlacionado com as políticas do regime militar, pois era percebido como essencial para o desenvolvimento econômico do país.

A acelerada expansão e reorganização do setor financeiro estiveram diretamente relacionadas às políticas desenvolvidas pelos governos militares que privilegiavam o capital financeiro privado nacional e internacional. O sistema financeiro era considerado estratégico para o desenvolvimento econômico do país, por isso o Estado militar, a fim de racionalizar a esfera financeira para adequá-la ao modo pelo qual se desenvolvia o capitalismo mundial, efetuou medidas direcionadas ao incentivo da concentração e da centralização bancária.²⁶³

Dentro dessa reestruturação do sistema financeiro, alguns setores na estrutura bancária tornaram-se predominantemente femininos, com a inserção da mulher em serviços como telemarketing e de auxílio ao cliente. elas eram consideradas mais aptas à realização de determinadas tarefas associadas ao atendimento, legitimando a segregação vertical no interior dos bancos, valorizando atributos da natureza feminina, como atenção, sensibilidade, maior disponibilidade para ouvir e a suavidade da voz feminina.²⁶⁴

As mulheres, assim como dona Maria da Conceição Silva, quando ingressaram para trabalhar no setor financeiro, eram direcionadas às funções de atendimento ao

²⁶² VIEIRA, Maria das Graças Silva. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência de Maria da Conceição Silva, Manaus-AM, 03 jan. 2023.

²⁶³ Lima *et al.* 2010, p. 112.

²⁶⁴ SEGNINI, Liliana Rolfsen Petri. **Mulheres no trabalho bancário: difusão tecnológica, qualificação e relações de gênero.** São Paulo: Edusp, 1998.

público. Essas jovens mulheres eram avaliadas e selecionadas de acordo com sua beleza, educação e simpatia. Como vimos, Maria da Conceição iniciou sua carreira como telefonista e revezava com a função de recepcionista, mas com seu bom desempenho na agência, tornou-se caixa, onde realizava as atividades de sustação de cheque, abertura de carteira de contas para novos clientes, pagamentos e recebimentos de contas, transferências de carteiras e entre outros.²⁶⁵

Por ser muito ágil e comunicativa, a jovem bancária logo tornou-se secretária executiva do Banco do Estado do Amazonas, na matriz da instituição situada na Avenida Sete de Setembro, na cidade de Manaus. Ela passou a realizar as atividades de organizar e marcar reuniões da diretoria da instituição com os gerentes financeiros, conselho fiscal, acionistas, políticos e empresários.²⁶⁶

Esta atividade como secretária lhe possibilitou conhecer muitas personalidades importantes do estado do Amazonas, bem como de outros estados da região Norte e expoentes da política nacional e local. Maria da Conceição passou a aumentar seu ciclo de amizade e sua rede de articulação que lhe possibilitaria alcançar outros cargos dentro do BEA.²⁶⁷

Com o programa de expansão das agências do BEA e suas atividades financeiras, o governo interventor do Amazonas²⁶⁸ buscou aumentar o capital do banco, no projeto anunciado pelo *Jornal do Commercio* como “Arrancada para o desenvolvimento do Amazonas” que se apresentava como escopo para o desenvolvimento econômico e social da região.²⁶⁹

Essa “arrancada” aconteceu no segundo semestre do ano de 1966; após a iniciativa, o instituto crediário oficial do Estado do Amazonas trocou sua diretoria, que entendeu ser necessária a maior participação do estabelecimento na dinâmica econômica do estado. O BEA realizou assim a reestruturação da carteira agrícola, industrial e pecuária para seus clientes amazonense. Ofertando ainda a assistência da Agrinpec, o banco passou a proteger e estimular a agricultura amazonense.²⁷⁰

O Banco do Estado do Amazonas iniciou o projeto de concessão de empréstimos para os agricultores, pecuaristas e industriários, além de ofertar capacitação e

²⁶⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

²⁶⁶ *Idem.*

²⁶⁷ *Idem.*

²⁶⁸ Naquele momento, o governo era exercido pelo professor Arthur César Ferreira Reis.

²⁶⁹ *Jornal do Commercio*, Manaus, quinta-feira, 18 de novembro de 1966.

²⁷⁰ *Ibidem.*

acompanhamento técnico para estes clientes. Esta política de incentivo do desenvolvimento econômico passou a incluir os demais municípios do interior do estado.²⁷¹

Para iniciar a nova empreitada de expansão do BEA, a diretoria corporativa selecionou entre seu quadro de funcionários, um grupo de pessoas com formação de nível técnico para participar de curso de treinamento com profissionais do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico), enviados para o Amazonas através de um acordo entre o governo federal e estadual.²⁷²

Maria da Conceição não estava mais na função de telefonista. Ela estava trabalhando no banco como secretária de executivo e foi umas das funcionárias selecionadas para participar do treinamento pois seu currículo contava com curso Técnico em Contabilidade e Comércio, com boas referências e boas notas em seu histórico.²⁷³

O Governo do Estado fez uma parceria com o Governo Federal, aí houve uma parceria do BEA com o BNDE, que tinha como finalidade a implementação de fomento, o fomento era empréstimo, empréstimo para os agricultores, para os criadores de gado e pequenos e médios negócios, para esse pessoal investir e crescer, né?

Então veio um curso de treinamento, mas esse curso era só para nível técnico, e eu era técnica em contabilidade, aí eu fui convidada pelo meu gerente para participar desse curso. Esse curso aconteceu lá no IEA [Instituto de Educação do Amazonas], o governo federal enviou uns três ou quatro professores para capacitar os funcionários do BEA.

Esse curso era para essa questão de financiamento, principalmente na parte de documentação, objetivos, requisitos para concessão de empréstimos e para, como posso te falar? Para adaptar esses projetos para o Amazonas. Naquela época, as pessoas não eram acostumadas e não conheciam muito bem como empréstimos e financiamentos pelo banco funcionavam, alguns tinham até medo de ouvir falar em empréstimo, então nós também tínhamos que nos preparar para tirar as dúvidas e orientar sobre esse projeto que o governo estava implantando. Eu fiz todo o curso, e eu falo muito, eu perguntava muito e participava mesmo, eu sempre gostei da minha profissão. Então eu fui muito elogiada nesse curso, e foi esse curso que abriu meu horizonte dentro do banco, foi a partir desse curso que eu comecei a viajar com esse projeto do governo.²⁷⁴

Maria da Conceição não recorda das datas em que aconteceram os cursos e a implementação deste projeto do Banco do Estado do Amazonas, como esta foi uma

²⁷¹ *Jornal do Commercio*, Manaus, quinta-feira, 18 de novembro de 1966.

²⁷² SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

²⁷³ *Idem*.

²⁷⁴ *Idem*.

importante instituição financeira do estado, é possível encontrar informações em matérias do *Jornal do Commercio* acerca deste projeto do governo e do banco.

Na edição de 12 de julho de 1967 do *Jornal do Commercio*, encontramos uma nota sobre a visita de três agentes do BNDE, que visitaram Manaus para realização de um curso de treinamento de nível técnico com agentes do Banco do Estado do Amazonas, para estudo de aprimoramento de técnicas de financiamento de projetos.

Os técnicos do BNDE-MIT, em contato com o corpo técnico do Banco do Estado do Amazonas, vão instruí-los no sentido de um melhor atendimento e mais rápido processamento dos projetos a serem encaminhados para financiamento desse programa, e ainda conversaram com elementos de escritórios e planejamentos de Manaus para sentirem suas dificuldades regionais e mostrarem as possibilidades para novos campos.

Com duração prevista de dez dias, a visita dos técnicos do BNDE-MIT, vai se desenvolvendo a preparação dos técnicos do BEA, assim como o levantamento estatístico sobre o funcionamento das relações o Banco do Estado do Amazonas e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico com vistas a apurar, juntamente com inquéritos feitos em outras localidades do Brasil, o funcionamento da sistemática do estudo e aprovação de projetos a serem financiados conjuntamente pelos dois bancos de fomento.²⁷⁵

É notável a contribuição da parceria entre o BNDE e o BEA, no projeto de expansão e fomento das agências financeiras na cidade de Manaus e demais municípios do interior do estado, que possibilitou a abertura de agências bancárias em localidades como Itacoatiara, Parintins, Maués e Manacapuru. A casa bancária oficial do estado do Amazonas expandiu também sua rede na Capital, pois foram inauguradas agências no bairro Educandos, na Rua do Barés no Mercado Municipal.²⁷⁶

O projeto de interiorização do BEA, com a inauguração de agências no interior do estado do Amazonas, foi um grande marco no modelo de economia do estado, garantindo a partir dos subsídios ofertados pelo financiamento aos produtores do Amazonas que estes pudessem realizar investimentos em suas atividades e aumentar a produção e a qualidade de sua mercadoria.

Maria da Conceição também teve sua trajetória profissional e pessoal transformada pelo novo programa de desenvolvimento do banco em que trabalhava. A bancária foi convidada por seus superiores para auxiliar a equipe instaladora da filial da

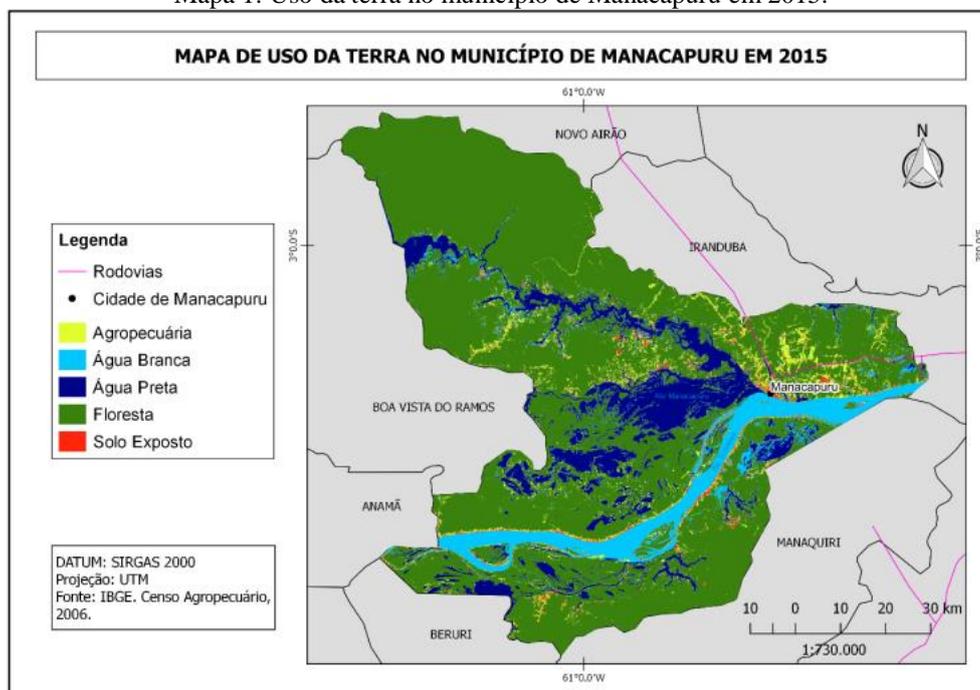
²⁷⁵ *Jornal do Commercio*, Manaus-AM, 12 de julho de 1967.

²⁷⁶ *Jornal do Commercio*, 10 de setembro de 1967. Matéria de publicidade do Banco do Estado do Amazonas-BEA.

agência do BEA no município de Manacapuru; ela aceitou a proposta com muito entusiasmo e breve realizou sua viagem para conhecer a localidade e assumir sua nova função.²⁷⁷

A cidade de Manacapuru é conhecida como a Princesinha do Solimões. A Vila e o Município foram criados em 27 de setembro de 1894, pela Lei nº 83, na gestão de Eduardo Ribeiro, mas somente em 16 de julho de 1932 é que foi elevada à categoria de Cidade pelo Ato de nº 1.639 do então interventor Waldemar Pedrosa, tendo sido inaugurada no dia 11 de agosto. Em 10 de dezembro de 1981 foram desmembradas diversas partes do território do Município de Manacapuru em favor dos Municípios de Iranduba, Beruri, Manaquiri, Anamá e Caapiranga. Atualmente ostenta a posição de quarta cidade mais populosa do Amazonas e uma das maiores em população da Região Norte; o município foi incluído à Região Metropolitana de Manaus em 27 de dezembro de 2007.²⁷⁸

Mapa 1: Uso da terra no município de Manacapuru em 2015.



Fonte: Imagens Landsat 8 OLI, 2015. Base Cartográfica: IBGE e Trabalho de Campo. Elaborado por: Railine do Carmo Sampaio, 2017.

A mudança para o município de Manacapuru e a nova função como subgerente do

²⁷⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

²⁷⁸ MANACAPURU. História. **Prefeitura Municipal de Manacapuru**, 07 maio 2022. Disponível em: <https://www.manacapuru.am.gov.br/manacapuru-historia.php>. Acesso em: 24 fev. 2023.

banco marcam as memórias de dona Conceição. Mudar-se de cidade, a primeira experiência longe de casa e dos familiares, a responsabilidade de auxiliar a instalação da agência e a implementação do projeto de financiamento, foram grandes desafios para uma mulher jovem que buscava sua ascensão profissional e sua independência.

Quando encaminharam a Carta Patente²⁷⁹ da agência de Manacapuru, eu estava trabalhando na agência matriz que ficava ali na Sete de Setembro, o banco estava no processo de expansão e fomento das atividades econômicas do estado. Eu já tinha feito o curso de treinamento sobre projetos, eu já havia passado pela experiência de caixa e telefonista, eu já tinha técnico em contabilidade, então eu já conhecia muita coisa sobre o funcionamento do banco.

Então um dia me chamaram na diretoria e me jogaram a proposta de trabalhar em Manacapuru como subgerente, nós iríamos para dar início a agência lá, eu como já tinha experiência de caixa, telefonista e secretária, eles queriam que pudesse treinar os novos funcionários da agência que iriam trabalhar com atendimento aos clientes. E como eu era também solteira, sem filhos, jovem para encarar a aventura e tinha também a chancela do governador, eles me escolheram.

E eu muito feliz, mas também muito nervosa aceitei a proposta deles. Eu nunca tinha ido a Manacapuru, nunca tinha assim, morado fora da casa dos meus pais e aquilo tudo foi um desafio pra mim. E a responsabilidade também era muito grande, não só instalar uma agência, a gente ia implementar projetos de fomento e esses projetos tinham que dar certo.²⁸⁰

Maria da Conceição reconhece seu mérito pela experiência de trabalho bem desenvolvida na referida casa bancária e a importância de sua formação profissional como técnica em contabilidade e curso de capacitação de projetos financiados. E como tais qualidades contribuiriam para que ela pudesse ser convidada para o cargo de subgerente do BEA do Município de Manacapuru.

Todavia, é interessante notar como a mesma justifica ou considera relevante sua condição de mulher solteira e sem filhos para que seu perfil fosse considerado condizente com as determinações que a diretoria do banco esperava de uma subgerente. Pois ela não teria problemas em se deslocar e mudar-se de cidade, assim como ter disponibilidade de tempo para assumir importante função e responsabilidades que seu cargo exigia.

²⁷⁹ “O documento da carta patente dá o direito de exploração, uso e até monopólio de um determinado segmento de negócio, como bancos e meios industriais.” No Brasil, os bancos são autorizados a “funcionar através da entrega de uma carta-patente aos fundadores, assinada pelo governo central”. Cf. CATARINENSE MARCAS E PATENTES. O que é carta patente, o que a lei diz e qual a importância. **Catarinense Marcas e Patentes**. Disponível em: <https://catarinensemarcas.com.br/o-que-e-carta-patente-o-que-a-lei-diz-e-qual-a-importancia/>. Acesso em: 25 fev. 2023.

²⁸⁰ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

Nota-se também como dona Conceição ressalta a importância de ter a “chancela do governador”, como uma forma de apadrinhamento ou aprovação, que lhe permitia ser elevada ao cargo de subgerente. É pertinente verificar como as redes de articulação e as relações de poder são imprescindíveis para que a bancária pudesse ocupar espaço e construir sua brilhante trajetória profissional.

A família da nova subgerente do Banco do Estado do Amazonas festejou orgulhosos a conquista da primogênita da família. A mãe, as irmãs e irmãos eram conscientes da importância de sua nova conquista profissional e como tal façanha implicaria na vida de dona Conceição, de modo que lhe levaria para outro município e ao reconhecimento da alta sociedade manauara.²⁸¹

Maria da Conceição saiu da casa de seus pais aos vinte e um anos de idade e mudou-se para Manacapuru. Ela recorda a satisfação sentida em poder proporcionar razões de alegria e orgulho para sua mãe, em possibilitar determinados confortos e de certa forma realizar os sonhos de dona Maria Madalena de que sua filha se tornaria uma mulher estudada e independente.²⁸²

A nossa mãe, ela sempre foi de apoiar seus filhos mesmo, e ela sempre desejou uma vida boa pra nós, todas as mães, na verdade, desejam o melhor para seus filhos. Então minha mãe, ela já sentia assim, orgulhosa de mim, aliás de todas nós e dos meninos também.

Então quando eu cheguei com a novidade da minha promoção para subgerente do banco, todos em casa festejaram de alegria, a filha da dona Madá ia ser subgerente, a alegria da minha mãe era tão grande, e ela sabia que a minha conquista significava muito pra nossa família, era uma filha de pobre subindo de cargo no Banco do Estado do Amazonas. Eu sou feliz que eu pude dar alegrias para minha mãe em vida, eu pude dar um pouco de conforto pra ela, eu trabalhava pensando nela e nos meus irmãos.

Claro que ela se preocupou e ficou triste em me ver saindo de casa e ir para longe, era a primeira vez que eu iria ficar longe, foi minha primeira experiência de independência da minha família.²⁸³

A família de dona Conceição reconhecia a importância da progressão de cargo da jovem bancária, pois este feito não resultaria apenas no seu aumento salarial e status na principal instituição financeira do estado do Amazonas: “Era uma filha de pobre subindo de cargo no Banco do Estado do Amazonas”,²⁸⁴ para Dona Maria Madalena era uma

²⁸¹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

²⁸² *Idem.*

²⁸³ *Idem.*

²⁸⁴ *Idem.*

conquista social, sua filha estava ocupando espaços que para ela era percebido como um lugar de privilégio para filhos de pessoas mais abastadas.

Ainda que dona Conceição não apresente em sua fala, de forma explícita, as desigualdades sociais no acesso de cargos administrativos no Banco do Estado, é possível perceber que o BEA era visto como uma instituição para classes mais altas, os cargos de chefia deveriam ser ocupados por filhos da alta sociedade manauara. A nova subgerência do BEA em Manacapuru, além de ser ocupada por uma jovem mulher, esta não pertencia a famílias tradicionais do estado.

Heleieth Saffioti aborda sobre a força de trabalho feminina nas sociedades capitalistas, como as mulheres em sua maioria são direcionadas para ocupar os trabalhos subsidiários, tornando-as “o elemento constitutivo, por excelência do enorme contingente humano diretamente marginalizado das funções produtivas”.²⁸⁵ Maria da Conceição toma posse de seu protagonismo ao tornar-se parte do corpo gerencial da referida casa bancária e rompe o paradigma da subalternização imposto ao trabalho feminino.

Os funcionários do BEA mudaram-se para o município com a responsabilidade de contratar demais colaboradores, habilitá-los para as funções no setor bancário e realizar a inauguração da mesma com pleno funcionamento de suas atividades. Conceição, com sua experiência em telefonia e recepção, responsabilizou-se por selecionar e capacitar a funcionária que desempenharia esta função, enquanto que seu colega de trabalho e também gerente responsável pela agência local treinaria os colaboradores que iriam atuar nos caixas na agência. No entanto, os cargos da agência que ainda iria se inaugurar estavam sob a indicação do prefeito, pois, por se tratar de um banco estatal, a partir de acordos entre políticos, os funcionários que compunham a equipe do BEA nos municípios, muitas vezes eram apadrinhados pelo prefeito local.²⁸⁶

O Banco do Estado do Amazonas era um banco estatal, né? Pense que seja uma empresa do governo e o governador podia escolher quem iria trabalhar pra ele, então nos municípios funcionava assim, o prefeito indicava aqueles que ele apadrinhava para ser contratado pelo banco. Então nós do banco tínhamos que saber nos relacionar com os políticos dos municípios também, não só por questões financeiras do banco, mas porque eles também podiam ter influência com o governo e a indicação dos trabalhadores do banco.²⁸⁷

²⁸⁵ Saffioti, 1976, p. 234.

²⁸⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

²⁸⁷ *Idem.*

A nova função no Banco do Estado do Amazonas colocou a subgerente frente às conjunturas das relações políticas que se engendram nas instituições públicas, a partir de acordos com os grupos políticos dos municípios e principalmente com o representante do executivo. Conceição já tinha consciência dessas relações de influência e poder que se conduziam no BEA, pois ela mesma entrou para a casa bancária por meio de apadrinhamento.

O desafio, no início de sua carreira como subgerente, não estava somente na ausência de sua família e na mudança de município, mas também na edificação de seu perfil de profissional, em que a mesma buscava apresentar seriedade e profissionalismo para ela pudesse estabelecer seus próprios posicionamentos frente às imposições dos políticos do município que iria instalar a agência.²⁸⁸

Quando eu cheguei em Manacapuru, era muito nova, eu era muito jovem, e aí eu já cheguei na posição de subgerente para ajudar na instalação da agência. Então assim, as pessoas me olhavam assim muito jovem, e eu sentia e percebia os olhares de surpresa quando as pessoas ficavam sabendo da minha função no banco.

A primeira vez que o prefeito, eu não lembro se era o prefeito ou o vice, mas eu lembro que ele questionou para meu gerente se eu era alguma coisa para ele, assim insinuando as coisas. Eles me achavam nova demais para o cargo, nem sei o que pensavam! Mas foi um desafio pra mim, eu tive que construir minha imagem de profissional porque as pessoas só observavam minha idade, todo profissional precisa construir sua imagem e a primeira impressão é a que fica, então eu sempre me apresentava com seriedade e profissionalismo.²⁸⁹

Maria da Conceição atrela o preconceito sofrido em seus primeiros contatos ao fato de ser muito jovem e por isso, as pessoas que lhe conheciam, inicialmente duvidavam de sua capacidade ou até mesmo reprovavam sua posição. Não está claramente exposto, mas podemos perceber o sexismo presente: “ele perguntou se era alguma coisa para ele, assim insinuando as coisas”.²⁹⁰ Conceição não deixa claro, mas apresenta incômodo com a situação, como se estivesse questionando sua capacidade e justificando sua posição na agência ao fato de ter alguma relação com seu superior.

As ocupações femininas, em casos especiais, eram desempenhadas pelas mulheres com vistas à promoção, numa carreira que se pretendia realizar: “Em geral, a realização de uma carreira está condicionada, de um lado a compensação financeira que ela oferece

²⁸⁸ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

²⁸⁹ *Idem.*

²⁹⁰ *Idem.*

e, de outro sua compatibilidade com as tarefas que cabem a mulher na família de procriação”.²⁹¹

A admissão feminina em cargos de gestão eram circunstâncias incomuns para época, pois esperava-se que estas trabalhadoras não apresentassem bom desempenho em suas atividades, devida a sua dupla jornada com os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos que lhes sobrecarregavam. Logo, a sociedade apresentava estranhamento ou preconceito ao deparar-se com uma mulher assumindo posições de liderança em ambientes de trabalho.

Dona Conceição recorda ainda o preconceito enfrentado por ser uma mulher jovem na subgerência do Banco do Estado do Amazonas, como esta praxe tornou-se um obstáculo a ser enfrentado no início de sua trajetória na agência de Manacapuru. A mesma relata tais situações com revolta por ter seus saberes postos em questão pelo fato de sua pouca idade.

Então, assim, logo que eu cheguei em Manacapuru, no início da minha estadia por lá, as pessoas me olhavam e me achavam muito jovem. Muitas vezes, quando tinha que resolver algumas situações na agência, coisas que eu poderia resolver e que faziam parte das minhas atribuições, as pessoas queriam falar com o gerente, como se eu estivesse ali só como secretária do gerente.

Alguns funcionários da prefeitura quando iam por lá, chegavam lá e queriam falar com o gerente, não queriam resolver as coisas comigo. Aí um dia por lá conversando, me falaram que me achavam muito menina, me chamavam até de “menina do BEA”, então aí eu comecei a me impor mesmo, porque assim, eles estavam tipo que duvidando na minha capacidade de administrar só porque eu era jovem.

Sim! Eu era jovem mesmo e solteira, sem filhos, estava por ali numa aventura em busca dos meus objetivos, mas eu sempre fui muito profissional, eu tinha experiência já de trabalho e tinha formação para estar ali. Então foi uma luta no começo das coisas em Manacapuru. Depois não, depois eles foram me conhecendo e eu fui mostrando meu trabalho, mas é difícil iniciar no trabalho sendo jovem.²⁹²

O etarismo, caracterizado pelo preconceito e discriminação direcionados aos sujeitos com base na idade, condicionam estereótipos que ditam às pessoas o estilo de vida, os lugares e espaços que estes devem ocupar. Esta prática encontra-se em todos os meios da sociedade, e afeta principalmente no ambiente de trabalho, impactando na maioria das vezes na camada social mais idosa.²⁹³

²⁹¹ Saffioti, 1976, p. 250.

²⁹² SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

²⁹³ PEREIRA, Marie Françoise Marguerite Winandy Martins. **Um estudo sobre o etarismo nas**

O estudo realizado por Pereira, a partir de entrevistas estruturadas, acerca do etarismo nas organizações públicas e privadas, apontam que há a intersecção entre gênero e idade, onde o fato de ser mulher possivelmente acarreta ainda mais o preconceito. A autora apresenta relatos de mulheres que sofreram certas formas de discriminação ao serem promovidas ao cargo de gerente, pois as mesmas seriam jovens demais frente uma idade hipoteticamente esperada para trabalhadores em cargos de gerência.²⁹⁴

No relato de dona Conceição, a intersecção entre gênero e idade pode ser percebida a partir da negativa dos clientes do banco em serem atendidos pela jovem subgerente da agência. Pois “eles queriam ser atendidos pelo Antônio, que para eles devia apresentar ter mais experiência e competência”.²⁹⁵

O etarismo apresenta-se ainda, na trajetória da jovem bancária, por meio de brincadeiras como por exemplo ser chamada de “menina do BEA”, em uma tentativa de alimentar estereótipos negativos envolvendo sua situação de pouca idade para também pouca experiência. Pois, “a atitude positiva, aparentemente desprovida de preconceito evidencia a mulher como ser frágil, que necessita de proteção masculina”.²⁹⁶

Para romper com estes obstáculos e conquistar reconhecimento por seu profissionalismo frente a Agência do Banco do Estado do Amazonas em Manacapuru, Maria da Conceição dedicou-se exclusivamente para o bom desenvolvimento da casa de finanças naquele município, algumas vezes ultrapassando a carga horária de trabalho.²⁹⁷ Para as mulheres que buscam a progressão de suas carreiras, elas precisam apresentar dedicação a mais que um candidato do sexo masculino.

Após o primeiro momento de contato com a população do novo município em que Conceição iria residir e desenvolver seu trabalho na Agência do BEA, a bancária realizou seu trabalho com dedicação exclusiva, buscando auxiliar seu superior na implementação da agência. Para mostrar desempenho de excelência no exercício de sua função, a mesma buscou se encarregar sobre o evento de inauguração do Banco que iria contar com a participação do então governador, Danilo Areosa.²⁹⁸

Maria da Conceição buscou estreitar relações com os políticos locais de

organizações. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

²⁹⁴ *Ibidem.*

²⁹⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

²⁹⁶ Pereira, 2014, p. 93.

²⁹⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

²⁹⁸ *Idem.*

Manacapuru; alguns ela já conhecia da Agência Sete de Setembro, dos tempos que trabalhava como caixa de operações. Muitos clientes do BEA, que residiam no interior do estado, uma vez ao mês compareciam à agência matriz para o recebimento das quotas de impostos, abertura e verificação de saldo nas carteiras bancárias.²⁹⁹

A jovem bancária articulou com os políticos do município, comerciantes e população do município, para realizar um grandioso evento para a cerimônia de inauguração da Agência. Na ocasião, aconteceriam duas inaugurações de setores importantes para o município de Manacapuru e contaria com a presença de importantes autoridades do estado do Amazonas, cidades vizinhas e simpatizantes do governo dos municípios vizinhos.³⁰⁰

O trabalho do memorialista Durango Duarte, em “Manaus série 1960”, menciona acerca da implementação de uma Agência do Banco do Estado do Amazonas no município. E aponta que no final de julho de 1966, o prefeito de Manacapuru anunciou em nota publicada na imprensa, a previsão de inauguração da sucursal do BEA, pois dois funcionários do BEA haviam estado na sede daquele município, com a finalidade de escolher um prédio onde funcionaria a agência provisoriamente, enquanto seriam iniciadas as obras para a construção da sede própria, em terreno já escolhido na avenida principal da cidade.³⁰¹

Maria da Conceição mudou-se para Manacapuru em 1967 para auxiliar na inauguração da nova sede própria do Banco do Estado do Amazonas e iniciar a abertura de carteiras de créditos para a implementação do projeto de fomento para os trabalhadores rurais, comerciantes e trabalhadores públicos daquele município.³⁰²

Em janeiro de 1968, a edição do *Jornal do Commercio* publica texto jornalístico em congratulações ao governador do Amazonas, Danilo Areosa, pelo grandioso evento festivo realizado em Manacapuru. O então chefe de estado, esteve no município para inauguração da Agência do BEA e da CELETRAMAZON,³⁰³ como parte de seu plano

²⁹⁹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021

³⁰⁰ *Idem.*

³⁰¹ Duarte, 2017.

³⁰² *Ibidem.*

³⁰³ “A Centrais Elétricas do Amazonas, conhecida como Celetramazon, foi uma empresa estadual que gerava e distribuía a energia para o interior do Estado. Em 1983, ocorreu uma mudança na denominação da companhia energética para Companhia Energética do Amazonas (CEAM). No ano de 2000 realizou-se a federalização da CEAM e sua administração foi transferida para a Manaus Energia S. A.” CF. IBGE. Celetramazon: Autazes (AM). **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=41077>. Acesso em: 26 ago. 2023.

de governo para o desenvolvimento do interior do estado. Conforme a notícia do *Jornal do Commercio*,

O governador do Estado do Amazonas, Danilo Mattos de Areosa, esteve no município de Manacapuru para o grande evento de inauguração de mais uma agência do Banco do Estado do Amazonas – BEA e para inauguração da Central Elétrica CELETRAMAZON. A importante iniciativa é resultado do plano de governo estadual em parceria com o governo federal que busca levar o desenvolvimento econômico para o interior do Estado do Amazonas.

Areosa, foi recebido com muita festividade pelo senhor Raimundo de Oliveira, prefeito do município, vereadores e população daquela localidade que expressaram gratulações pelo compromisso do governador em levar uma agência do BEA e energia elétrica para Manacapuru que beneficiará todos os munícipes.³⁰⁴

A oportunidade de trabalhar em uma agência no interior do Amazonas abriu um campo de possibilidade de desenvolvimento profissional e pessoal desta jovem mulher. É neste encontro com as adversidades, sujeitos e novas formas de lidar com o outro nas redes de relações, que a mesma vai construindo as tessituras de seu profissionalismo e ressignificando sua identidade de mulher profissional e independente que ocupa espaços de poder no Banco do Estado do Amazonas.

A experiência com o Banco em Manacapuru, sem dúvidas foi meu maior desafio, mas foi também o meu maior aprendizado que construiu meu perfil de mulher do banco. Ali realmente eu enfrentei a vida adulta e tomei decisões sobre mim mesma, quem realmente eu gostaria de ser. Em Manacapuru eu casei com o banco e dei meu melhor em tudo e a partir dali eu comecei a ser reconhecida, mas não foi fácil, nada vem fácil! A gente precisa se doar mesmo quando queremos alcançar algum objetivo.³⁰⁵

Ao narrar suas experiências e vivências enquanto mulher jovem em início de ascensão profissional, dona Conceição faz uma releitura de seu passado buscando dar significados para suas escolhas de vida que resultam em sua identidade, enquanto um ser que busca tomar posse de seu próprio protagonismo.

Margareth Rago, em *A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade*, põe em reflexão a subjetividade das trajetórias de sete mulheres militantes feministas que participaram ativamente no enfrentamento das repressões dos

³⁰⁴ *Jornal do Commercio*, 20 de janeiro de 1968. Matéria “Governador Areosa inauguração Agência do BEA e CELETRAMAZON em Manacapuru”.

³⁰⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

anos de chumbo da Ditadura Civil Militar no Brasil.³⁰⁶

Em uma perspectiva foucaultiana,³⁰⁷ a autora busca compreender o protagonismo das trajetórias destas mulheres, forjadas nas experiências vivenciadas por elas em seu meio social e no enfrentamento dos discursos moralizantes que ditavam padrões de ser e existir em sociedade. Afirma que “a releitura do passado também traduz o desejo de renovação interna e de afirmação da liberdade de existir diferente no presente”.³⁰⁸

Maria da Conceição nos apresenta em seu exercício de memória, suas vivências com a família, sua rede de apoio familiar, bem como sua formação educacional e suas relações de amizade para que pudesse ter sucesso em sua carreira profissional. A experiência de Manacapuru se apresenta como um importante ponto de amadurecimento, reconhecimento de si e ruptura com a fase de juventude desta mulher.

Nas palavras de Conceição, “mudar de cidade, longe de casa e da família é quando descobrimos o bem-vindo à vida adulta, é o momento que nós aprendemos a nos virar sozinhos e nos cuidar sozinhos, e lutar sozinho também. E Manacapuru foi isso pra mim.”³⁰⁹ É nesta experiência no interior do Estado do Amazonas que a jovem bancária vai consolidar sua carreira profissional ao desenvolver com êxito, importantes projetos de fomento da agricultura daquela região.

Gilberto Velho, em “*Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*”, chama atenção para a diferença entre as identidades – “É evidente que existe uma básica diferença entre uma identidade, socialmente já dada, seja étnica, familiar etc. e uma adquirida em função de uma trajetória, com opções e escolhas, mais ou menos dramáticas”.³¹⁰

Esta mudança de cidade e cargo na agencia bancária, nos permite perceber que é neste momento que dona Maria da Conceição constitui sua própria identidade de mulher profissional do setor bancário. Assim como a própria percepção das suas responsabilidades e da vida de uma mulher adulta que busca pela sua própria subsistência e protagonismo.

³⁰⁶ RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

³⁰⁷ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

³⁰⁸ Rago, 2013, p. 57.

³⁰⁹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³¹⁰ VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. Gilberto Velho. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 1994.

2.4 GANHANDO VISIBILIDADE: PROJETOS DESENVOLVIDOS

Durante o governo militar no Brasil, a Amazônia tornou-se um espaço de efetivação de diversos projetos que buscavam desenvolver e integrar a região à lógica capitalista em curso no país. Surgiram neste período instituições responsáveis por alavancar a agricultura, o comércio e a indústria em todo território amazônico.³¹¹

Nos anos 1960, o processo de institucionalização de agências e os programas brasileiros na Amazônia continuariam sua marcha com a modificação e a correção dos rumos de política da década anterior, ou com a criação de novos órgãos ou projetos em nível federal e estadual, como a transformação da antiga SPVEA (Plano de Valorização Econômica da Amazônia) na nova Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia.³¹²

O governo militar, após traçar os novos objetivos em relação à Amazônia, criou e reformulou diversos órgãos e programas dedicados a colocar os planos em ação: “A primeira reformulação feita pela ditadura, antes mesmo de lançar as diretrizes do novo Plano de Valorização da Amazônia, foi a transformação do Banco de Crédito da Amazônia no Banco da Amazônia, o BASA, em setembro de 1966”.³¹³

O Banco da Amazônia – BASA é visto como principal dispositivo bancário da ditadura na administração de recursos, incentivos fiscais e financiamentos para a região amazônica.³¹⁴ O Banco do Estado do Amazonas – BEA, atuava no desenvolvimento de projetos do interior do estado. Até 2001, antes do leilão desta instituição, “o BEA possuía 36 agências bancárias em todo o Estado do Amazonas, sendo que 10 destas se localizavam na capital e 26 no interior do Estado”.³¹⁵

A SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) e o BEA, como parceiros, lançaram o projeto de fomento a cultura da juta no Município de Manacapuru. Dona Maria da Conceição, respondendo pela gerência do banco fomentador, seria agente

³¹¹ Miranda, 2018.

³¹² BENCHIMOL Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. 4 ed. Manaus: Editora Valer, 2021, p. 520.

³¹³ Miranda, 2018, p. 169.

³¹⁴ Miranda, 2028, p. 170.

³¹⁵ ALVES, Juliana Araújo. **Tipificação da rede urbana na calha Solimões-Amazonas: espaço urbano e os serviços bancários em Manacapuru e Coari**. Relatório Final de Iniciação Científica. Departamento de apoio a pesquisa. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304062241_Tipificacao_da_rede_urbana_na_calha_Solimoes_Amazonas_espaco_urbano_e_os_servicos_bancarios_em_Manacapuru_e_Coari. Acesso em: 10 jan. 2024.

responsável em executar tal projeto para que os objetivos desta iniciativa pudessem se concretizar com êxito.

Em Manacapuru, eu não fui só responsável de instalar a agência, eu também fui para Manacapuru para desenvolver projetos de fomento. Manacapuru, o projeto era de fomentar a juta, naquela época existiam vários projetos em parceria com órgãos do governo. A juta era uma parceria com a SUDAM, então nós tínhamos uma espécie de meta, a gente tinha que atingir um total de clientes que assinassem a carta de crédito da juta, onde o banco ia fazer esse empréstimo e o agricultor iria investir aquele valor para fazer sua plantação, ele teria condições de aumentar sua produção e isso tudo seria um aumento na economia.³¹⁶

A trajetória de dona Maria da Conceição vai se desenrolando em um contexto histórico social mais amplo do que sua vida pessoal, suas narrativas acerca de seu protagonismo feminino frente a um cargo de poder no BEA nos permitem situar o contexto histórico da produção da juta e malva no Amazonas,³¹⁷ bem como no município de Manacapuru e a inserção do capital na Amazônia através das casas de créditos e seus projetos de fomento.

Figura 4: Propaganda do BEA para o incentivo da produção de juta no Amazonas.



Fonte: Jornal do Commercio, 04 de junho de 1968.

³¹⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³¹⁷ As primeiras tentativas de cultivo da juta no Brasil, deram-se no início do século XX, no estado de São Paulo e Rio de Janeiro para suprir a necessidade de sacarias para exportação de café. Na região Amazônica, a jiticultura desenvolveu-se após a imigração japonesa, incentivada pelo governo estadual que buscava através das políticas de concessão atrair investidores para a região. Cf. FERREIRA, Aldenor da Silva. **Fios dourados dos trópicos: Culturas, histórias, singularidades e possibilidades (Juta e Malva – Brasil e Índia)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

A iniciativa de fomento a juta é reportada nas publicidades do *Jornal do Commercio*, destacando a importância desta atividade para o crescimento da riqueza do Amazonas e o empenho do banco em contribuir para o desenvolvimento econômico desta prática agrícola.

O projeto de fomento da juta em Manacapuru, nesta parceria de BEA e SUDAM, é o primeiro grande desafio de dona Conceição em relação ao desenvolvimento de iniciativas de financiamento a agricultura no interior do Amazonas. A mesma recorda como foi necessário dedicar-se nesta empreitada, levando em consideração o local em que estava inserida e os sujeitos (agricultores) a quem o projeto estava direcionado.

Minha principal dificuldade no primeiro projeto que desenvolvi em Manacapuru, junta ao financiamento da juta, foi mesmo de convencer os homens dos benefícios de um financiamento. Mas também, imagine o que era antigamente um homem do interior que nunca trabalhou com banco, vai dá uma desconfiada, achar estranho, até hoje muita gente não gosta de negociar com bancos, imagine naquela época. Então, eu tinha que ir lá com os homens do ACAR ou EMATER, organizar com eles uma conversa com os agricultores para a gente explicar a importância do financiamento, os benefícios, como acontece todo o processo e como se daria o pagamento desse financiamento. Então era isso, tinha que ter conversa porque os agricultores viviam outra realidade, tinha agricultor que pouco pegava em dinheiro porque se não tem banco, não tem dinheiro na cidade e não tem dinheiro circulando, né? A mercadoria dele vai ser trocada.³¹⁸

Maria da Conceição nos faz perceber sua compreensão com a problemática enfrentada pela implementação dos projetos financeiros no interior do Amazonas, no qual ela estava responsável não somente de instalar as agências bancárias, mas também garantir a exitosa execução dos programas direcionados para este município. Dona Conceição nos apresenta sua reflexão e compreensão daquele momento, sendo responsável por levar o capital financeiro para municípios que até então não contavam com os serviços bancários e muitos sujeitos não tinham contato e conhecimento com este tipo de atividade.

Antonio Carlos Witkoski, autor do livro *Terras, Florestas e Águas de trabalho*³¹⁹ aborda acerca deste momento produtivo da juta no Amazonas e como o capital nesta

³¹⁸ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³¹⁹ WITKOSKI, Antonio Carlos. **Terra, florestas e águas de trabalho**: As formas de usos dos recursos naturais nas várzeas amazônicas. Manaus: Editora Valer, 2021.

região configurava-se no sistema de aviamiento comandado pela figura do patrão ou regatão, onde estes negociavam a produção do agricultor com os produtos industrializados comercializados por este sujeito.

Notamos também que 39,3% dos camponeses vende, seus produtos sob a forma de escambo, ou seja, trocavam valores de uso por valores de uso, sem a mediação do dinheiro, equivale a reconhecer que parte das unidades de produção familiar encontra-se mais próxima daquilo que antes nomeamos de “economia natural”.³²⁰

Maria da Conceição passou a conhecer essa realidade dos agricultores no sistema de aviamiento, percebendo como estes sujeitos não estavam familiarizados com o sistema bancário. Por isso, ela deveria empenhar-se em divulgar, conversar, orientar os novos clientes sobre os benefícios e processos do financiamento, buscando parcerias com outras instituições de extensão Rural do Amazonas como ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas)³²¹ e EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Rural do Amazonas).³²²

Para fazer acontecer as coisas, eu buscava parcerias mesmo, então eu tinha que ir atrás dos órgãos competentes pela agricultura. Em Manacapuru, se não me esquecendo, era o ACAR, antes da EMATER, mas eu trabalhei com os homens da EMATER, também. Eles me apresentavam para os agricultores e me apoiavam nesse projeto de implementar o crédito rural, os financiamentos para os agricultores. Por quê? Porque eu novata no município nem conhecia muita gente e nem a realidade daquelas pessoas.³²³

Nesse processo de narrar as parcerias realizadas com essas outras instituições governamentais e com os sujeitos da agricultura, percebemos que dona Conceição, por diversas vezes repete as frases “falei com os homens” e “organizei com os homens”, quando a mesma se refere as pessoas responsáveis por estes órgãos e os próprios agricultores que estavam envolvidos nos projetos de fomento rural.

³²⁰ *Ibidem*, p. 452.

³²¹ Associação de Crédito e Assistência Rural, fundada em 02 de dezembro de 1966, com o objetivo de prestar orientações técnicas aos produtores rurais. Cf. IDAM. Nossa História. **Instituto de Desenvolvimento Florestal Sustentável do Amazonas**. Disponível em: <http://www.idam.am.gov.br/o-idam/quem-somos/>. Acesso em: 05 fev. 2024.

³²² Empresa de Assistência Técnica e Rural do Amazonas, criada em 1977, vinculada à Secretaria de Estado de Produção Rural e Abastecimento – Sepror e associada à Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural – Embrater. Cf. IDAM, 2024.

³²³ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

Ao referir-se a esses a esses sujeitos, repetidamente no masculino “homens”, causa-nos inquietações: seriam apenas pessoas do sexo masculino que estavam a frente destas instituições? Os agricultores que participavam destas reuniões, palestras e procuravam os projetos de fomento, seriam apenas homens? Não existiam outras mulheres além de Conceição participando e se inteirando destas atividades? Em resposta, nossa colaboradora nos dá sentido à sua fala “falei com os homens”.

O ACAR, a SUDAM, o EMATER naquela época a gente só ia encontrar homens, poucas mulheres trabalhavam nesses órgãos, igual no banco nossos clientes eram a maioria homem, os financiamentos era só agricultor homem que fazia, poucas mulheres, muito difícil mulher financiar, principalmente nesse início que a gente estava levando as primeiras propostas de créditos e as mulheres agricultoras não eram organizadas nisso, quem fazia era o homem, o marido, o pai, a mulher não!³²⁴

Buscamos entender que os cargos de gerência e direção desses órgãos de extensão rural do governo, assim como o Banco do Estado do Amazonas, ainda que nos pequenos municípios, são espaços de poder, da expressão do poder no público. Segundo Passos, “o público é tudo aquilo que deve ser mostrado, que possui valor, independente da época ou situação. É através do público que os indivíduos se eternizam e transcendem”.³²⁵

As mulheres, como constata dona Conceição, naquele momento histórico não apresentavam sua representatividade, sendo os projetos inicialmente desenvolvidos majoritariamente por homens, segundo a mesma sendo ela a única mulher envolvida e ocupando cargo de gerente. Até mesmo entre a clientela de agricultores, ela diz ser exclusivamente masculina nestes primeiros momentos de implementação de projetos de fomento, ainda que as mulheres nunca tivessem sido agentes à margem do trabalho agrícola e da juta.

O trabalho da juta sempre foi uma atividade da agricultura familiar, onde envolvia homens, mulheres e crianças. O núcleo familiar participava de todo processo de plantio, desfibragem, secagem e enfardamento, no entanto, as mulheres em sua maioria não se faziam presentes na comercialização deste produto, e por isso, não se tornavam clientes

³²⁴ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³²⁵ PASSOS, Elizete Silva. As políticas e os saberes: construção do gênero nas universidades do Norte e Nordeste e as repercussões nos campos social e político. In: FERREIRA, Mary; ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos (Orgs.). **Os saberes e os poderes das mulheres**: a construção do gênero. São Luís: EDUFMA/Núcleo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa Mulher, Cidadania e Relações de Gênero; Salvador: REDOR, 2001, p. 25.

do banco e nem realizavam financiamento.³²⁶

Ainda que as mulheres realizassem os mesmos trabalhos dos homens na juta no sistema de crédito, no patronato ela não negociava com o patrão. A mulher não seria a responsável por um crédito. O esposo, o pai ou até mesmo um filho poderia ser o responsável pela negociação da juta com o patrão e pelo crédito fornecido.³²⁷

Dona Maria da Conceição reconhece essa pouca representatividade feminina no projeto de fomento da juta em Manacapuru e fala como aquilo também lhe causou determinada inquietação, e então busca fazer sua própria reflexão sobre esta situação.

Os projetos do banco também, eles não pensavam assim de início da mulher, de fazer projetos, eu digo assim pra mulher como hoje em dia tem, né? Era só crédito rural pra juta, seringa, mandioca, pesca e essas coisas. E sabe quem conseguia fazer? Era o homem mesmo, porque precisava de toda uma documentação e antes os homens botavam tudo no nome deles... eu fui mesmo trabalhar com crédito pra mulher em Uruará.³²⁸

O momento que Maria da Conceição recorda e nos fala “antes os homens botavam tudo no nome deles”, ela sorri, com um sorriso brando tímido, como se estivesse refletindo e balança a cabeça para os lados em forma de negação. O pesquisador deve estar atento ao entrevistado para perceber, como em certos momentos os sujeitos fazem o exercício de falar e refletir sobre si, pois “a História Oral possibilita narrar o passado a partir do olhar do presente, incorporando experiências do narrador, do seu próprio agir cotidiano”³²⁹ e “sem a nossa vontade de ouvir, não existe a possibilidade de testemunho enquanto narrativa”.³³⁰

Nesse momento nos é revelado o para além da oralidade da História Oral, nessa relação de construção da fonte, o historiador pode perceber para além do que é dito. Ela sorri e faz gesto com a cabeça em forma de negação, onde não precisamos fazer outro

³²⁶ ALMEIDA, Geize Vieira de. **Mulheres de fibra em tempos de juta: relações de Gênero e trabalho no Município de Uruará-AM**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Federal do Amazonas, Parintins, 2018. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/3934>. Acesso em: 05 fev. 2024

³²⁷ *Ibidem*, p. 19.

³²⁸ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³²⁹ SANTOS; Sonia Maria dos Santos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História Oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**, n. 6, jan./dez. 2007, p. 199.

³³⁰ ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença. **Revista História Oral**, v. 16, n. 2, jul./dez. 2013, p. 134.

questionamento, mas pudemos saber que dona Conceição não concorda com essa prática.

O projeto de fomento da juta em Manacapuru foi importante para carreira profissional daquela jovem bancária, a execução deste programa, bem como todas as problemáticas e resultados exitosos, vão aos poucos construindo a experiência de dona Conceição no Banco do Estado do Amazonas. É neste momento que ela vai aprendendo como se relacionar com o homem do campo e conhecendo sua vivência, assim como com os agentes destes outros órgãos em que ela necessitava realizar parcerias.

Em Manacapuru eu ganhei experiência de gerência, eu aprendi a me comportar, falar e me posicionar como uma gerente de banco, e como me portar em cada situação e as pessoas. Os homens do IDAM, ACAR, SUDAM, eu me apresentava firme, me posicionava mesmo, eu era gerente do banco do estado. Com os clientes do interior, o trabalhador caboclo, eu aprendi a conversar com ele, explicar como funcionavam as coisas e convencer das melhorias que um financiamento traz, então em Manacapuru eu aprendi muito, até sobre os política no interior.³³¹

Dona Conceição reconhece a importância da primeira experiência de gerência no município de Manacapuru e os desenvolvimentos de programas de crédito como um importante momento de aprendizado e construção da mulher bancária e profissional competente com trabalho reconhecido pelo Banco do Estado do Amazonas.

Pollak, em *Memória, Esquecimento, Silêncio*, nos faz entender como os sujeitos, nesse processo de recordar e organizar suas memórias, “em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos chaves”.³³²

Maria da Conceição consegue então, se destacar profissionalmente a partir da execução dos projetos realizados pelo banco em parceria com outras instituições do governo. Em Manacapuru, o destaque está no fomento a economia da juta, abrindo assim outras possibilidades de mobilidade dentro do Banco do Estado do Amazonas.

A bancária se torna responsável por estender os projetos de fomento para os municípios vizinhos de Manacapuru, pois a agência encontrava-se sediada neste município.

Como os primeiros financiamentos deram certo em Manacapuru, eu fui ali sendo vista e ganhando destaque. Daí eu fui andar por vários outros municípios... mas eu andei muito em vários municípios. Daí ia conhecendo muita gente e conhecendo também a realidades desses

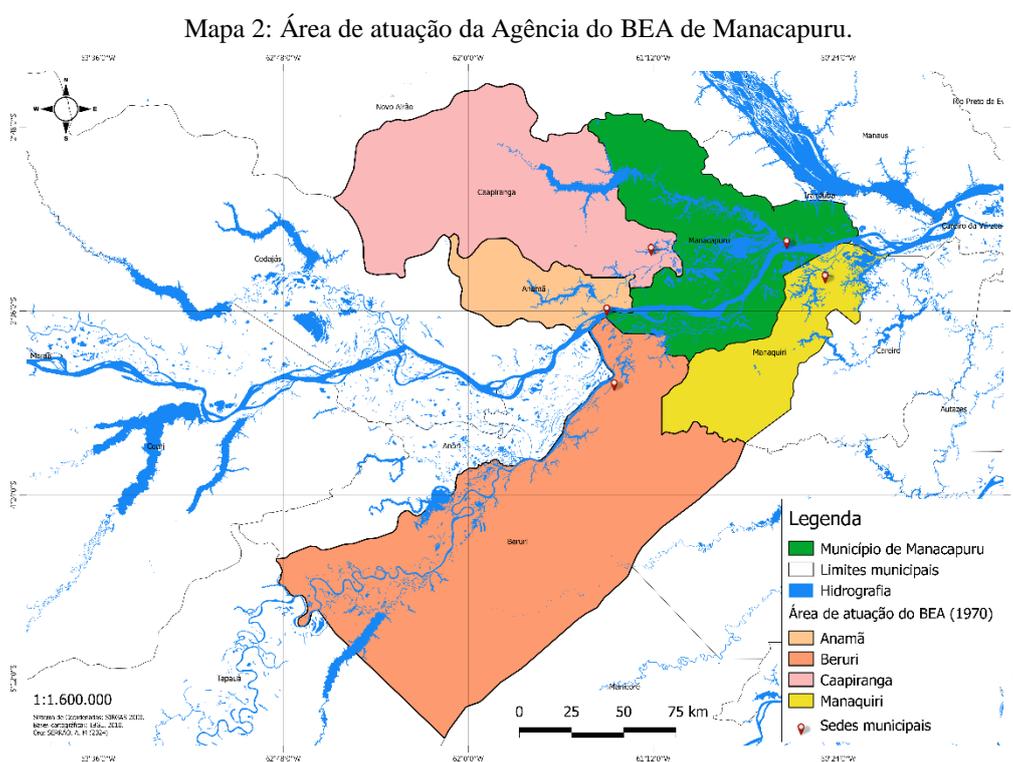
³³¹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³³² Pollak, 1989, p. 13.

municípios.³³³

Dona Maria da Conceição viaja entre os municípios de Anamá, Beruri, Caapiranga, Manaquiri e outros da calha do Rio Solimões, sob a responsabilidade de fomentar projetos agrícolas e de desenvolvimento nestas localidades. Ela pode ser compreendida como agente executora dos projetos do governo para o interior do Amazonas, e este fator lhe proporcionará conhecer vários lugares e pessoas.

A partir de sua narrativa, elaboramos um mapa sobre a área de atuação da Agência do Banco do Estado do Amazonas em Manacapuru. Assim como demonstrar a área de mobilidade de dona Conceição, como gerente de banco e agente fomentadora dos projetos do governo.



Elaboração: Arenilton Monteiro Serrão, 2023.

Desses municípios, Manacapuru, no entanto, é aquela a que ela fala com mais afeto e boas recordações: “Manacapuru me ensinou muito, sobre ser essa mulher do banco, sobre política e até formei professora, nunca trabalhei em sala de aula, mas estudei na faculdade normal”.³³⁴

³³³ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³³⁴ *Idem.*

Neste marcador de memória que se configura a fase de sua vida neste município, percebemos que “através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende definir seu lugar social e suas relações com os outros”.³³⁵ E dona Conceição orgulhosamente diz ter sido uma boa funcionária, profissional de destaque que sabia tecer suas boas relações tanto com os sujeitos da política local de cada município, outros gerentes e coordenadores, além de manter bons relacionamentos com seus clientes do fomento agrícola.³³⁶

2.5 UMA MULHER REPRESENTANDO O AMAZONAS: GERÊNCIA EM BRASÍLIA

As aspirações profissionais de dona Maria da Conceição surgiram em sua vida logo na juventude, quando aos dezoito anos a mesma ingressou para o quadro de funcionários do BEA, onde seu objetivo já estava definido em ascender sua carreira profissional como bancária. Sua dedicação, responsabilidade, habilidades de comunicação e bons relacionamentos com os políticos amazonenses possibilitaram com que a telefonista contratada pudesse crescer na instituição.³³⁷

Em 1966, a técnica em contabilidade mudou-se para Manacapuru para auxiliar a instalação de agência bancária naquele município, onde posteriormente tornou-se gerente, aos vinte e um anos de idade. Após ganhar visibilidade pelo bom desempenho no desenvolvimento dos projetos de financiamento rural da juta naquele município, Maria da Conceição conquista a responsabilidade de expandir a iniciativa para outros municípios do Amazonas.³³⁸

Dona Maria da Conceição, aos seus 76 anos não consegue recordar todos os municípios do Amazonas onde trabalhou e também não consegue organizar cronologicamente suas atividades e projetos desenvolvidos em cada um deles.

Eu trabalhei por muitos municípios mesmo, eu andei por quase todo Amazonas, alguns municípios ainda nem eram municípios. Morei em Manacapuru, e de lá ia para Anamã, Careiro, Autazes, Codajás, Manicoré, Anori, Itacoatiara, Parintins, Barreirinha Uruará. Eu recordo bem e são boas lembranças de Manacapuru e Uruará, esses

³³⁵ Pollak, 1989, p. 13.

³³⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³³⁷ *Idem*

³³⁸ *Idem*

foram os municípios que eu morei mesmo, de Manacapuru eu fui pra Brasília e depois voltei e fui pra Urucará³³⁹

O destaque profissional de Maria da Conceição lhe permitiu ascender em sua carreira como bancária e proporcionou sua mobilidade pelo interior do estado do Amazonas, sendo vista com bons olhos por seus superiores por sua responsabilidade e compromisso em todas as tarefas a ela atribuídas, ainda que esta tivesse que se deslocar entre vários municípios. Dona Conceição justifica essa disposição e o motivo pelo qual a mesma também sempre estava escalada para novas empreitadas em outros lugares, como no cargo de subgerente na Capital Federal, Brasília.

Eu era jovem, solteira, sem filho e eu queria mesmo crescer no banco, essa era a meta, né? E então eu ia mesmo, e eu gostava de conhecer novos lugares e mostrar minha competência. Eu viajei muito e trabalhei em quase todo Amazonas, aí eu tive o sonho de morar no Rio de Janeiro e São Paulo, e eu falei e pedi mesmo pra quando tivesse uma vaga que eu queria ir pra outros lugares. Aí foi que abriu em Brasília e eu não conhecia Brasília, aí eu fui!³⁴⁰

O *Jornal do Commercio* destacou em 1971 que o diretor do Banco do Estado do Amazonas se encontrava em Brasília tomando providências para instalação de uma agência do BEA na capital federal e adotava medidas visando abertura de um escritório em São Paulo, dentro do programa de expansão do banco, onde muitos serão beneficiados entre os expressivos clientes destas cidades.³⁴¹

A inauguração da agência do Banco do Estado do Amazonas na Capital federal ganhou destaque na imprensa amazonense. O evento aconteceu em 04 de dezembro de 1972 e contou com as presenças importante de ministros, governadores, deputados e diretores de outros estabelecimentos bancários.³⁴²

A abertura da filial do BEA aconteceu no contexto do governo militar no Brasil, momento em que o país vivencia as iniciativas do governo Médici, denominado “Milagre Brasileiro”. O governador interventor do Amazonas, João Walter³⁴³, iniciou seu discurso de inauguração do Banco enfatizando: “Este é o milagre de suor e abnegação, de entrega

³³⁹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

³⁴⁰ *Idem*.

³⁴¹ *Jornal do Commercio*, Manaus 11 de novembro de 1971

³⁴² *Jornal do Commercio*, Manaus 05 de dezembro de 1972

³⁴³ Coronel João Walter de Andrade, governador interventor do Estado do Amazonas durante os anos de 1971 -1975

total em favor da conquista, dos bens materiais e espirituais que forjam as grandes civilizações”.³⁴⁴

Maria da Conceição Silva foi designada para trabalhar na agência de Brasília em 1978, nesta conjuntura do cenário brasileiro de governo militar. Ela recorda a tensão sentida neste momento de deslocamento de uma realidade de vivência e experiência de trabalho em território amazônico para este novo cenário que se configurava Brasília.

Quando eu mudei para Brasília, eu fui morar com a amiga de um colega meu de trabalho, ela me recebeu muito bem, muito educada e atenciosa. Aí eu fui morar no apartamento dela, mas eu estranhei muito! Brasília ainda era pequeno, não era como é hoje, era só prédio, era departamento, congresso, instituto, judiciário, órgão do governo, era só essas coisas do governo e burocráticos, era capital da república mesmo. Aí eu estranhava muito aqueles lugares, mas eu fui, né? E tive que ficar por lá trabalhando quase dois anos ou mais.³⁴⁵

Maria da Conceição nasceu e cresceu na capital do Amazonas, pode ser entendida como uma mulher urbana, mas a partir de sua profissão, ela se deslocou por diferentes municípios do interior do estado. Durante dez anos, esta mulher bancária diz ter residido em Manacapuru e viajava para por outras localidades da calha do rio Solimões, implementando projetos de financiamento do Banco do Estado do Amazonas.

Nesta experiência de viver por expressivo tempo em mobilidade entre os municípios do Amazonas, conhecendo, convivendo, aprendo e se relacionando com os espaços e pessoas no interior da região amazônica, podemos considerar que a mesma estava integrada ao ambiente e modos de viver desta região, dentro de um processo de migração no próprio estado e sair deste ambiente causou-lhe estranhamento.

Michelle Perrot, no capítulo *Mulheres em Movimento e viagens*, considera que “As mulheres, enfim, fizeram viagens, em todas as épocas e pelas mais diversas razões. De uma maneira menos gratuita, menos aventureira que os homens porque sempre precisaram de justificativas, de objetivos ou apoio”.³⁴⁶ A realização profissional de Maria da Conceição, mulher bancária reconhecida por seu potencial, a leva a tornar-se subgerente na agência do BEA em Brasília e este feito lhe põe na situação de migração em seu próprio país.

A mudança de ambiente não foi o único estranhamento que dona Conceição se

³⁴⁴ *Jornal do Commercio*, Manaus 05 de dezembro de 1972

³⁴⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

³⁴⁶ Perrot, 2007, p. 138.

deparou, ela também nota a diferença cultural de comportamento e costumes destas novas pessoas com que estava se relacionando em Brasília. Por não se identificar com alguns costumes do seu novo ciclo social, a bancária prioriza seu trabalho no banco e este torna-se sua rotina.

Eu não saía em Brasília, era tudo muito diferente, as pessoas lá que me convidavam para as festas, passeios, jantares, era tudo muito fino, muito chique, eles sempre muito bem vestidos, de social, terno gravata, colares. As bebidas, eles tomavam vinho, whisky e as comidas também muito finas. Aí eu assim, eu não saía muito, só mesmo pro banco e ficava sozinha em casa às vezes.³⁴⁷

A priori, Maria da Conceição foi designada para o cargo de subgerente do BEA na agência em Brasília, ela auxiliava seu superior nos cumprimentos dos trabalhos gerenciais, encaminhava e às vezes entregava ou recebia pessoalmente documentos no Banco Central, atendia clientes importantes, despachava e protocolava documentação para proposta de novo projetos financeiros do banco, ajudava na análise de desempenho e faturamento mensal da agência.³⁴⁸

Os primeiros meses de Maria da Conceição na agência de Brasília foram de muito aprendizado e desafio para esta profissional: “A agência de Brasília era muito burocracia, era muito trabalho, era ali que a gente ia firmando pareceria com o governo federal, era uma agência movimentada e com muita movimentação financeira”.³⁴⁹ A nova realidade era consideravelmente diferente das suas atividades desenvolvidas no Amazonas.

Com a rotina diária, no desempenho de suas funções na agência, a bancária vai se habituando e tomando domínio de suas funções, aprendendo com o funcionamento do escritório. Nesta experiência e atendimento aos políticos do próprio estado do Amazonas, de diversos estados do país e da própria capital federal, dona Conceição também vai construindo seu conhecimento com a dinâmica política e com personalidades importantes.³⁵⁰

Em Brasília, eu aprendi muito, sobre muita coisa, sobre administrar agências de grande porte, aprendi sobre as criações de programas e projeto, fui conhecendo muita gente importante, conheci muitos políticos e fui também sendo conhecida. Eu aprendi muito de política

³⁴⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

³⁴⁸ *Idem.*

³⁴⁹ *Idem.*

³⁵⁰ *Idem.*

em Brasília, sobre os partidos e projetos pra recursos. Aí depois eu me tornei gerente lá na agência em Brasília também, lá na agência do edifício São Paulo.³⁵¹

Em Brasília, dona Maria da Conceição também ganha destaque, resultado de seus esforços e dedicação em suas funções na agência, e toma posse de seu protagonismo e torna-se gerente da Agência do Banco do Estado do Amazonas no Distrito Federal, um cargo de notoriedade e de relevante ascensão profissional. O feito de dona Conceição deve-se tanto pelo seu bom desempenho alinhado à sua notável capacidade de tecer boas relações com os grupos políticos.

O BEA era um banco estadual, então ele era um órgão do estado, o chefe maior era o governador e então a gente que trabalhava lá convivia muito com a política e com os políticos. Pra chegar nos cargos altos do banco, a gente tinha que ter nossa boa relação com os políticos, e eu sempre fiz muitas amizades com os deputados, com o governador e tudo mais.³⁵²

A trajetória profissional desta mulher e o fenômeno de crescimento dentro do Banco do Estado do Amazonas, incontestavelmente podemos atribuir ao seu perfil de executiva responsável, dedicada e proativa em busca de seus objetivos de consolidar sua carreira. Nos questionamos: seria possível dona Conceição alcançar tais feitos apenas por suas qualidades profissionais? O apadrinhamento político no percurso desta mulher seria o fator determinante para alcançar suas progressões no banco?

Sem dúvida, o perfil profissional de dona Maria da Conceição é fator determinante para progresso de sua carreira e permanência nos cargos de gerência do BEA, assim como não podemos negar a relevante proteção política de agentes do poder executivo e legislativo, recebida por esta mulher e que vai lhe possibilitar transitar entre espaços de poder deste banco.

Ao enfatizar que “para chegar nos cargos altos do banco, a gente tinha que ter nossa boa relação com os políticos, e eu sempre fiz muitas amizades com os deputados, com o governador e tudo mais”,³⁵³ Maria da Conceição reconhece uma dinâmica de favorecimento praticada nos setores públicos por parte de políticos naquele contexto.

No entanto, podemos constatar a partir de toda ascensão profissional de dona

³⁵¹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

³⁵² *Idem.*

³⁵³ *Idem.*

Conceição, que a mesma se compreende dentro desta conjuntura política e disputas de poder. E ela vai se adaptando nesta dinâmica e astuciosamente se apropriando desta realidade para que, mesmo sendo mulher e este ambiente ser majoritariamente masculino, dona Conceição recorre às tessituras do apadrinhamento para ir crescendo no Banco do Estado do Amazonas.

As relações de amizade com políticos importantes, as altas posições na administração de banco e a ascensão social de Maria da Conceição não a isentam do enfrentamento aos dilemas, discursos e práticas geradas pela desigualdade de gênero sobre a mulher. Durante sua rotina de trabalho na agência em Brasília com atendimento aos clientes e outros profissionais do banco, ela diz ter sido constantemente confundida como secretária, profissão muito designada como cargos femininos nos setores financeiros.

Às vezes quando chegava algum deputado, algum político do Amazonas que ia lá na agência, ele chegava querendo botar a banca, pensava que liberava dinheiro assim, fácil! Aí ele pedia pra falar com o gerente, chegava lá estava eu e ele pedia o gerente, eles pensavam e me tratavam como secretária e depois ficavam tudo com cara de surpresa por eu ser a gerente, uns pediam desculpas, outros franziam a cara.³⁵⁴

As memórias de Maria Conceição descrevem o incômodo e a reação dos sujeitos ao se deparar com uma mulher ocupando aquele espaço de poder. Devemos ponderar que por determinado tempo, as atividades bancárias sempre foram exercidas quase exclusivamente por homens.

O banco, sendo visto como representação simbólica do mundo do dinheiro, do poder e no imaginário social é entendido como um “espaço masculino”, uma vez que a tarefa de “lidar com dinheiro” exige “racionalidade” e “grande responsabilidade”, qualidades estas, culturalmente, atribuídas apenas aos homens.³⁵⁵

Estudos sobre patriarcado, relações sociais e trabalhos de mulheres em gerências de banco, apontam que “nesse contexto, salvo raras exceções, as mulheres conseguiram ser admitidas em cargos de gestão e/ou liderança em instituições bancárias, os quais

³⁵⁴ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

³⁵⁵ ARBUÉS, Margareth P. Empoderamento feminino e o enfrentamento da violência simbólica nas relações de trabalho: desafio aos direitos humanos das mulheres no Brasil. *In*: SILVA, L.I. da; ARBUÉS, M.P (Org.) **Os avanços e desafios dos direitos humanos das mulheres no Brasil: as contribuições da ABMCJ**. Goiânia: Kelps/ABMCJ, 2019.

normalmente eram destinados apenas a homens”.³⁵⁶

Durante a experiência de gerente bancária em Brasília, Maria da Conceição esteve engajada nos objetivos de crescimento do Banco do Estado do Amazonas. Ela auxiliou parcerias entre governo federal e financiamentos para a indústria, para o desenvolvimento de setor pesqueiro, agrário e esteve inteirada de todos os projetos voltados para economia do Amazonas, além de estar acompanhando a deliberação de cartas patentes para abertura de novas agências nos municípios amazonenses.³⁵⁷

De acordo com dona Conceição, sua estadia em Brasília perdurou por quase dois anos entre 1976-1978. Alegando motivos pessoais e o desejo de voltar para seu estado de origem, a senhorita Maria da Conceição Silva retorna para o Amazonas com o novo desafio, instalar a agência bancária no município de Urucará.

³⁵⁶ ARBUÉS, Margareth P; MACEDO, Maurides; ROA, Andrea Olmos. Patriarcado, Representações Sociais e Trabalho: Mulheres gerentes no setor bancário brasileiro. **Revista Humanidade e Informação**, Palmas, v. 10, n. 08, abr. 2023, p. 41. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/205>. Acesso em: 08 fev. 2024.

³⁵⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

3 INSTALANDO A AGÊNCIA BANCÁRIA EM URUCARÁ

3.1 O BANCO DO ESTADO E O PLANO DE DESENVOLVIMENTO NO INTERIOR DO ESTADO DO AMAZONAS

A SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia estava concentrando sua aplicação de recurso e incentivos em determinadas áreas amazônica: “O Governo Federal mudou a estratégia de desenvolvimento regional, instituindo o programa conhecido como Polamazônia, que criou 15 polos de desenvolvimento”.³⁵⁸

A década de 1980 experimentou a entrada de inúmeros projetos de impacto nos setores de mineração e eletricidade. O Baixo Amazonas recebeu o projeto de hidrelétrica de Balbina, no rio Uatumã, entre os municípios de Presidente Figueiredo, Itapiranga, São Sebastião do Uatumã e Urucará.³⁵⁹ O Emater/AM – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Amazonas, também intensifica sua atuação no interior do estado, levando seus escritórios para o Alto Amazonas, Baixo Solimões e Baixo Amazonas.³⁶⁰

No início dos anos oitenta, o Banco do Estado do Amazonas segue por esse processo de interiorização de suas agências, inaugurando casas de crédito nos municípios de Urucará³⁶¹, Barreirinha,³⁶² e Nhamundá,³⁶³ no Baixo Amazonas. Como destacado no *Jornal do Commercio*, “A função do BEA, é exatamente estimular o desenvolvimento do comércio e do setor rural, por isso o BEA vai implantar mais agências nos municípios do interior do Estado”.³⁶⁴

Neste processo de interiorização do Banco do Estado do Amazonas, Maria da Conceição retorna para sua terra natal, mas especificamente para o interior do Amazonas, no município de Urucará:

Aí eu estava lá depois de um tempo, já tinha uns meses, já ia fazer ano e um dia ligaram do Banco Central, e pediram para que passasse a ligação para gerência, que eles queriam falar com a gerência, aí alguém de lá do banco central falou que era pra alguém passar o expediente, fechar o expediente e ir até lá e eu fechei. E chegou lá eles mandaram

³⁵⁸ Benchimol, 2021, p. 522.

³⁵⁹ *Idem*.

³⁶⁰ Witkoski, 2021.

³⁶¹ A agência do BEA se instala em Urucará em 17 de julho de 1978.

³⁶² A agência do BEA se instala em Barreirinha em 12 de fevereiro de 1980.

³⁶³ A agência do BEA se instala em Nhamundá em 05 de setembro de 1981.

³⁶⁴ *Jornal do Commercio*, Manaus. Edição: 16 de fevereiro de 1980.

eu entrar e lá era a carta patente da agência de Urucará, pra você ver, era a *Carta Patente* pra instalar a Agência de Urucará.³⁶⁵

Maria da Conceição ainda respondia pelo cargo de gerente do Banco do Estado do Amazonas quando chegou em suas mãos o documento de requerimento de *carta patente*³⁶⁶ para abertura de agência no município de Urucará. A bancária ainda não sabia os rumos que o futuro reservava para sua vida, pois seria ela a futura instaladora desta agência. O processo de liberação legal da agência atrasou a instalação do escritório, pois demorou a ter o resultado deferido pelo setor de administração e diretoria do banco.³⁶⁷

Aí quando foi pra inaugurar a agência, eu já queria voltar pra Manaus, eu já queria vim embora, nessa época eu também já namorava com o Luís e eu queria vim embora, aí eu já estava apaixonada e aí sabe (risos) e pra viver pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, não dá, né? Aí eu não queria mais ficar em Brasília e eu liguei pra diretor e falei que eu queria voltar pra Manaus, aí ele falou “Olha Conceição, tem a Agência de Urucará”, ele sabia da Carta patente, eu tinha mandado a carta patente e ele “tem a vaga pro interior, pra agência de Urucará” eu disse “eu topo”, eu nunca disse não, quando o banco dava alguma proposta eu sempre aceitei, era tudo um desafio para mim.³⁶⁸

Urucará, localizada nas regiões geográfica intermediária e imediata de Parintins³⁶⁹, possui uma área de 27.903,534 km². A versão tradicional do nome da cidade explica *Urucará* da junção das palavras indígenas “uru”, que significa cesto de palha, e “cará”, inhame. A cidade originou-se do povoado de Santana da Capela, fundado em 1814, por Crispim Lobo de Macedo.³⁷⁰

A freguesia de Nossa Senhora Santana da Capela foi criada em 3 de maio de 1880, sendo elevada à vila de Nossa Senhora Santana de Urucará por lei provincial em 12 de maio de 1887, desmembrada do município de Silves. Em 1892, o nome do município foi

³⁶⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³⁶⁶ “O documento da carta patente dá o direito de exploração, uso e até monopólio de um determinado segmento de negócio, como bancos e meios industriais.” No [Brasil](#), os [bancos](#) são autorizados a “funcionar através da entrega de uma carta-patente aos fundadores, assinada pelo governo central”. Cf. CATARINENSE MARCAS E PATENTES. O que é carta patente, o que a lei diz e qual a importância. **Catarinense Marcas e Patentes**. Disponível em: <https://catarinensemarcas.com.br/o-que-e-carta-patente-o-que-a-lei-diz-e-qual-a-importancia/>. Acesso em: 25 fev. 2023.

³⁶⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³⁶⁸ *Idem*.

³⁶⁹ IBGE, 2017.

³⁷⁰ CÂMARA MUNICIPAL DE URUCARÁ. **História**. Disponível em <http://www.ale.am.gov.br/urucara/o-municipio/historia/>. Acesso em 13 de Dezembro de 2021

alterado de Senhora Santana de Urucará para simplesmente Urucará.³⁷¹

De acordo com Serrão, a economia do município de Urucará, assim como outras cidades do Amazonas, teve seu processo de formação ligada diretamente a atividades do setor primário: a agricultura, o extrativismo e atividades pesqueiras. A variação de suas atividades econômicas foi marcada por momentos de crise econômica e a dinâmica ambiental no Amazonas.³⁷²

O cultivo da juta, até meados da década de oitenta figurava importante produto da economia do município de Urucará, em particular para agricultura familiar dos ribeirinhos da área de várzea desta localidade. A produção da fibra de Urucará, por determinado tempo teve sua comercialização nos moldes do Sistema de Aviação e escoada para o município de Parintins.³⁷³

A produção de guaraná, também realizada dentro da agricultura familiar entre agricultores da área de terra firme das comunidades de Urucará, atualmente é o produto agrícola de destaque na economia local, levando o nome do município como um dos principais produtores de guaraná do Amazonas, seguindo o município de Maués. Conforme Paes, “o Cooperativismo é importante impulsionador na agricultura do guaraná em Urucará, possibilitando organização no comércio deste produto”.³⁷⁴

Dentro da história da produção agrícola do município desponta a importância do Centro de Treinamento Rural de Urucará - CETRU, fundado em 1972 com o objetivo de assentar os camponeses oriundos da várzea e organizar as comunidades de base, operando em parceria com o Governo Federal, Governo Estadual, Governo Municipal, Igreja Católica e o homem do campo. Para além da organização das colônias agrícolas, o órgão desempenhava a função de capacitar o camponês para agricultura moderna.³⁷⁵

Em 1976, o CETRU, em parceria com a EFA – Escola Família Agrícola, implementa o modelo escolar internato, com o ensino educacional formal, técnico agrícola e religioso, nos moldes da educação do governo militar vigente no país. A escola recebia alunos da sede do município, das comunidades ribeirinhas e de outras cidades,

³⁷¹ *Idem.*

³⁷² SERRÃO, Arenilton Monteiro. **Colônias agrícolas e campesinato: raízes de uma nova territorialidade no médio rio Amazonas, município de Urucará-AM.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

³⁷³ Almeida, 2018.

³⁷⁴ PAES, Fernanda Guimarães. **Transição do sistema convencional ao agroecológico do cultivo do guaraná (*Paullinia cupana*) na comunidade São Miguel do Marajázinho (Urucará, Am).** Dissertação (Mestrado em Ciência e Tecnologia para Recursos Amazônicos) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9675#preview-link0>. Acesso em: 10 de fev. 2024.

³⁷⁵ Serrão, 2018.

como Urucurituba, Itacoatiara e localidades como o Mocambo, no interior do município de Parintins.³⁷⁶

O setor de mineração já encontrava-se operando e extraindo minérios no rio Jatapu, importante rio do município. A Companhia Siderúrgica da Amazônia – SIDERAMA estava sob o controle acionário e gerencial do Governo Federal, através da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM, com sede em Manaus, a qual fundou a companhia em 15 de setembro de 1961, sendo seus incorporadores pessoas da indústria e do comércio de Manaus, “objetivando o aproveitamento das jazidas de ferro do rio Jatapu afluente à margem esquerda do rio Uatumã, este afluente do rio Amazonas também pela margem esquerda, situado no município de Urucará, Estado do Amazonas”.³⁷⁷

Ao fim da década de 1970, portanto, o município de Urucará apresentava potencial produção agrícola, contava com empresa de mineração realizando exploração de minério rio Jatapu e tinha em sua sede uma escola agrícola que recebia alunos de municípios vizinhos. Contudo, até o ano de 1979, quando Conceição chega a Urucará, a cidade não contava com nenhuma agência atendendo com serviços bancários locais.

Os sujeitos que trabalhavam com movimentação bancária, empréstimos e fomentos, “eles iam para Parintins, Itacoatiara ou Manaus. Os pagamentos dos servidores eram em folha lá na prefeitura”.³⁷⁸ Para realizar atividades com o banco, o cliente devia deslocar-se de sua cidade em busca do atendimento.

Tal fato se confirma na dissertação do historiador César Aquino Bezerra, em *Entre Pensilvânia e o Amazonas: a trajetória do missionário Clinton Benjamin Thomas, a inserção do protestantismo na Amazônia e a Igreja de Cristo em Urucará (1954-1970)*,³⁷⁹ onde descreve as constantes viagens do missionário norte-americano Clinton Thomas para a capital do estado, com o objetivo de resolver questões financeiras:

Para resolver esse problema [de falta de materiais], Clinton Thomas

³⁷⁶ *Ibidem*.

³⁷⁷ COMPANHIA SIDERURGICA DA AMAZONIA- SIDERAMA. **Histórico**. Manaus, SIDERAMA, 1979. Disponível em: http://zenith.mast.br/MAST_DOC/TEXTUAL/CNPq.T.7.009/CNPq.T.7.009_0001.pdf Acesso em: 10 fev. 2024.

³⁷⁸ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³⁷⁹ BEZERRA, César Aquino. **Entre Pensilvânia e o Amazonas: a trajetória do missionário Clinton Benjamin Thomas, a inserção do protestantismo na Amazônia e a Igreja de Cristo em Urucará (1954-1970)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8821>. Acesso em: 28 fev. 2024.

realizava viagens a Manaus. Mencionamos que os missionários seriam sustentados pela ajuda financeira da igreja local do Colorado que os enviara; destarte, como os recursos que vinham eram na moeda norte americana, “cada três meses, papai subia para Manaus para destrococar cheque de dólar”.³⁸⁰

Essa realidade mudou com a chegada do BEA. Maria da Conceição recebeu a notícia: “Aí, você vai ser a gerente instaladora”.³⁸¹ A gerente instaladora é aquela que instala, faz os contatos e organiza para dar início aos primeiros funcionamentos da agência bancária; sua responsabilidade também é muito grande, pois a mesma precisava apresentar toda seriedade e comprometimento do banco com a população do município o qual irá receber as novas casas de crédito.³⁸²

Dona Maria da Conceição recorda com alegria sobre sua primeira viagem para o município de Urucará, expressando felicidade quando fala desse momento, pois é neste município que futuramente ingressaria na política partidária.³⁸³

E eu nem sabia onde era Urucará, quando fui pra Urucará, eu fui procurar o barco. Nossa! Fazia tempo que eu não andava de barco, e o barco que fazia viagem pra lá era o Miranda Dias, era um barco muito grande que fazia viagem pra lá. Aí eu fui pro porto de Manaus, já estava acostumada com as viagens de barco pelo Amazonas e sempre gostei. Daí eu fui cedo pro barco para conversar por lá, né? Pra já ir conhecendo as coisas.³⁸⁴

O entusiasmo de Maria da Conceição, ao falar desta recordação da primeira viagem para Urucará “Nossa! Fazia tempo que eu não andava de barco”, demonstra sua identidade de mulher amazônica que retorna e se identifica com o cotidiano das viagens pelos rios do Amazonas, diferente da sua rotina e meios de transporte durante o período vivido em Brasília.

A nova instaladora da agência do Banco do estado do Amazonas já conhecia sua missão e como buscar os primeiros contatos com o futuro município a qual iria trabalhar e residir. Com sua personalidade carismática e de boas relações, ela vai buscando conhecer as pessoas de Urucará ainda na embarcação e no percurso da viagem.

³⁸⁰ *Ibidem*, p. 133.

³⁸¹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³⁸² *Idem*

³⁸³ *Idem*.

³⁸⁴ *Idem*

A primeira amizade construída por dona Conceição, ainda durante sua viagem foi com a esposa do vice prefeito de Urucará, “Quando eu chego no barco, o barco estava vazio, eu cheguei lá e conheci a Lene. A Leine, era esposa do José Lucio³⁸⁵ que foi prefeito, prefeito não, vice prefeito de Urucará, ele foi vice prefeito do Falabella”.³⁸⁶

Os novos arranjos de amizades da bancária nascem logo em sua ida para Urucará e graças a isso Maria da Conceição foi convidada para residir na casa de um familiar de dona Lene. A partir desses novos conhecidos, ela rapidamente vai se inserindo no meio social das personalidades do município.

3.2 CHEGOU “A MULHER DE PODER”

A tese de doutoramento de Heloisa Lara Campos da Costa, *No limite do possível: As mulheres e o poder na Amazônia (1840-1930)*,³⁸⁷ estabelece os nexos entre uma política patrimonial, através do poder exercido pelas oligarquias e a organização das famílias; bem como detalha a ação de algumas instituições públicas e sociais na Amazônia, subordinadas a essa política e suas relações com as formas de inserção das mulheres na ordem social e política.

No Amazonas, dentro deste palco de disputa de poder e nos moldes da sociedade patriarcal, os ambientes de expressão de poder não são espaços ocupados por mulheres. Conforme a autora, “as mulheres mesmo tendo participado ativamente da história social e política da região, muitas vezes sendo protagonista, as mesmas foram a uma condição de invisibilidade social fortemente relacionada a desigualdade de gênero produzida neste ambiente”.³⁸⁸

Maria da Conceição frisa: “eu já cheguei em Urucará em uma posição de poder”.³⁸⁹ Isto pois a Bancária chegou em Urucará em 1978 com o objetivo de instalar a agência bancária no município, sendo ela representante do poder financeiro estadual, o Banco do Estado do Amazonas – BEA.

³⁸⁵ José Lucio Barreto Guimarães inicia o mandato em 1977 no cargo de Vice-Prefeito de Pedro Geraldo Raimundo Falabella. Em 1978, após o prefeito entrar com pedido de renúncia, ele assume a prefeitura de Urucará até 31 de janeiro de 1983.

³⁸⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³⁸⁷ COSTA, Heloisa Lara Campos. **No limite do possível: As mulheres e o poder na Amazônia (1840-1930)**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

³⁸⁸ *Ibidem*.

³⁸⁹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

Quando ela chegou em Urucará, foi recebida e hospedada na casa de familiares do vice-prefeito, José Lucio Guimarães, na rua da orla da cidade, próximo ao local onde iria funcionar a agência bancária: “O Banco iria alugar hotel na cidade, mas eu preferi ficar na casa da dona Lene, tia do Lucio que era ao lado da Agência”.³⁹⁰

O lugar de acolhimento da nova gerente de banco nos revela sobre suas primeiras relações de poder na sociedade urucaraense, pois a partir de sua hospedagem com a família do vice-prefeito, inicia suas tessituras de poder. Para a família do senhor José Lucio Guimarães, esta ação também assumia grande significado, ao hospedar e tornar-se amigo da nova bancária da cidade.

Neste primeiro momento, dona Maria da Conceição buscou conhecer melhor a cidade, andar por aquele ambiente, fazer novos contatos e conversar com os novos conhecidos para se inteirar sobre os sujeitos e funcionamento da própria política local.

Aí eu fui conversar com as pessoas para saber quem eram os comerciantes e os políticos importantes de Urucará. Aí eu fui saber da disputa lá dos Felipes e Falabella. O Falabella, eu já conhecia, já sabia da existência dele, não tinha contato assim com ele, mas eu já sabia que ele era lá do meu bairro, a família dele era tudo de lá, e os Felipes eu fui conhecer lá mesmo em Urucará.³⁹¹

De acordo com Costa, “O pacto oligárquico, estabelecido no Governo Campos Sales, que fortaleceu a força política das oligarquias na Amazônia”.³⁹² Em Urucará, a disputa de poder, historicamente é construída entre a rivalidades de duas famílias tradicionais do município: a família Felipe, de origem libanesa³⁹³; e a família Falabella, de origem italiana³⁹⁴.

Maria da Conceição já se depara com esta realidade do município, e sendo uma agente externa, representando o poder do estado, ela precisaria saber lidar com essa situação, pois precisaria estabelecer boas relações com sua clientela. Pedro Falabella, no

³⁹⁰ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³⁹¹ *Idem*.

³⁹² Costa, 2000.

³⁹³ A imigração da Família Felipe para Urucará, pode ser pensada a partir dos escritos de Samuel Benchimol, onde ele descreve que “No último quartel do século XIX e no início do século XX começou a chegar a Belem ,Manaus e interior dos Estados do Pará, Amazonas e Acre, o grupo de imigrantes que haveriam de ter participação destacada na economia e na sociedade amazônica – Os Sirios Libaneses. BENCHIMOL Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. 4 ed. Manaus: Editora Valer, 2021;

³⁹⁴ A imigração da Família Falabella para Urucará, acontece no início do século XX, como Benchimol destaca, “nas décadas de dos anos 10 e 30 do século XX, numerosos italianos chegaram a Amazônia durante o ciclo da borracha e nos anos de crise.” BENCHIMOL Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. 4 ed. Manaus: Editora Valer, 2021;

momento de inauguração do BEA, respondia pelo cargo executivo de Urucará e deu suporte a recém chegada.

Nas narrativas de dona Conceição, podemos perceber a primeira expressão de poder do prefeito Falabella, logo na escolha do prédio que iria sediar o banco. Maria da Conceição, diz ser “esse o jeito dele mesmo, mandão”.

E lá antes, lá onde ia construir a agência do banco, lá era a câmara, lá funcionava a câmara municipal de Urucará, aí veio o prefeito, lá da prefeitura porque era ele que tinha interesse, era a prefeitura que ia dar condições, ia me dar a casa pra morar e aí era assim “ah! A gente já vai resolver isso” eu né? “Mas ali funciona a câmara” e ele “ah! Mas eles vão já sair daqui, a gente vai já dar jeito nisso” e o jeito do velho era esse, ele tinha esse jeito mesmo, mandão.³⁹⁵

Dona Maria da Conceição caracteriza o prefeito da cidade como “mandão”, mas quem teria autoridade para deslocar a sede da câmara municipal de Urucará para outro local e disponibilizar o prédio em questão, para ser instalado a nova agência do Banco do Estado do Amazonas? Somente alguém no maior cargo de poder do município.

O Prefeito Pedro Falabella, segundo dona Conceição, seria também um grande interessado na instalação da agência bancária no município e a bancária tinha consciência da importância deste feito para este político.

Então ele tinha interesse também, politicamente ele tinha interesse também. Pra ele fazer uma inauguração de agência, ele ia crescer assim né? Que ele já era grande, ele já tinha muito poder em Urucará, até hoje tem, os Falabellas dominam Urucará. Aí tá bom, ele foi me deu, a câmara reuniu e deu a autorização, fizeram a autorização tudinho, com ata e tudo.³⁹⁶

É notável como Maria da Conceição reconhece os jogos interesses do poder local em relação ao banco e como ela deveria saber negociar com estes sujeitos: “Eu ia ali, né? eu sou gerente de banco, eu sei como funciona, mas também dialogando com os Falabella”.³⁹⁷

Nesta situação, “dialogar”, buscamos instigar nossa entrevistada para nos esclarecer sobre como se dava este diálogo com o prefeito da cidade. Ela vai nos revelar

³⁹⁵ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³⁹⁶ *Idem.*

³⁹⁷ *Idem*

uma prática corriqueira do município e do estado, a indicação para cargos de trabalho, onde o poder municipal, com as parcerias, intervém nas instituições estaduais.

Os primeiros funcionários, nem todos fui eu que escolhi, o prefeito também indicou os deles, claro que ia via se tinha competência, Baltazar e o Raimundo fui eu que escolhi, ele foi indicando os outros. Aí eu formei a equipe, eu formei a equipe todinha, só que o subgerente era de fora, só quem era de fora era eu e o Subgerente naquela época. E lá eu fui ensinar tudo, eles não sabiam de nada de banco, eu e o subgerente que ensinamos tudo.³⁹⁸

O fato de dona Conceição poder “escolher” dois de seus funcionários, também pode ser entendido como expressão de poder. Ela poderia escolher seus funcionários por ser ela a gerente e por ter experiência na atuação bancária.

No ano de 1979, a agência do Banco foi inaugurada em Urucará. Neste evento que contou com a presença do próprio Governador do Estado, Dona Maria da Conceição foi apresentada a população de Urucará como a responsável pela agência do Banco do Estado do Amazonas em Urucará. Neste evento, ela também discursou e apresentou os novos programas e projetos de fomento do governo gestados para o município.³⁹⁹

Figura 5: Agência do Banco do Estado do Amazonas em Urucará.



Fonte: Acervo Thomas J. Thomas/GEHA UEA.

³⁹⁸ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista] cedida a Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

³⁹⁹ *Idem.*

Dona Maria da Conceição recorda sobre o tratamento recebido após sua apresentação como gerente bancária em Urucará, a forma como as pessoas se referia a ela e a sua posição:

Aí, quando todos já me conheciam, né? as pessoas quando falavam comigo, mais os políticos e os comerciantes, ele já me cumprimentavam e falavam “aí essa mulher é do dinheiro, ela é mulher do dinheiro, ela é poderosa, ela é a mulher de poder”. Agora imagine, aquele dinheiro não era meu, mas as pessoas pensavam, né?⁴⁰⁰

A posição de mulher bancária de dona Conceição é vista como uma posição de poder, era “mulher poderosa”, sendo associada a esta característica por sua profissão no banco e associada a “mulher do dinheiro” por seu trabalho ser do setor financeiro. Este cargo deu status para Maria da Conceição em Urucará, ainda que ela advertisse que o dinheiro não lhe pertencia.

Após a agência instalada, Maria da Conceição vai trabalhar para conquistar sua clientela e desenvolver os projetos de fomento para agricultura no município. Os primeiros clientes da agência bancária foram os comerciantes da família Felipe e os da família Falabella; apenas com o processo de desenvolvimento de crédito rural que o banco foi expandindo sua clientela.⁴⁰¹

A agência bancária de Urucará atendia também outros municípios, pois na época os municípios de Urucurituba e Itapiranga e São Sebastião do Uatumã (este emancipado de Urucará em 1981) não contavam com escritório de serviços bancários. Maria da Conceição então viajava para atender a demanda de outras cidades.

Aí eu viajava muito também, tinha que ir abrir crédito rural em Itapiranga, em São Sebastião e Urucurituba. E eu ia, e também ia conhecendo muita gente por aí, gente da agricultura, os políticos desses municípios. E eu ia mesmo e não parava e ia me dando bem com todas as pessoas e fazendo as amizades e ficando conhecida.

O deslocamento de dona Conceição pelos municípios do Baixo Amazonas vai consolidando sua trajetória de mulher bancária e profissional competente em outras localidades. Este fator de Urucará sediar uma agência do Banco do Estado do Amazonas

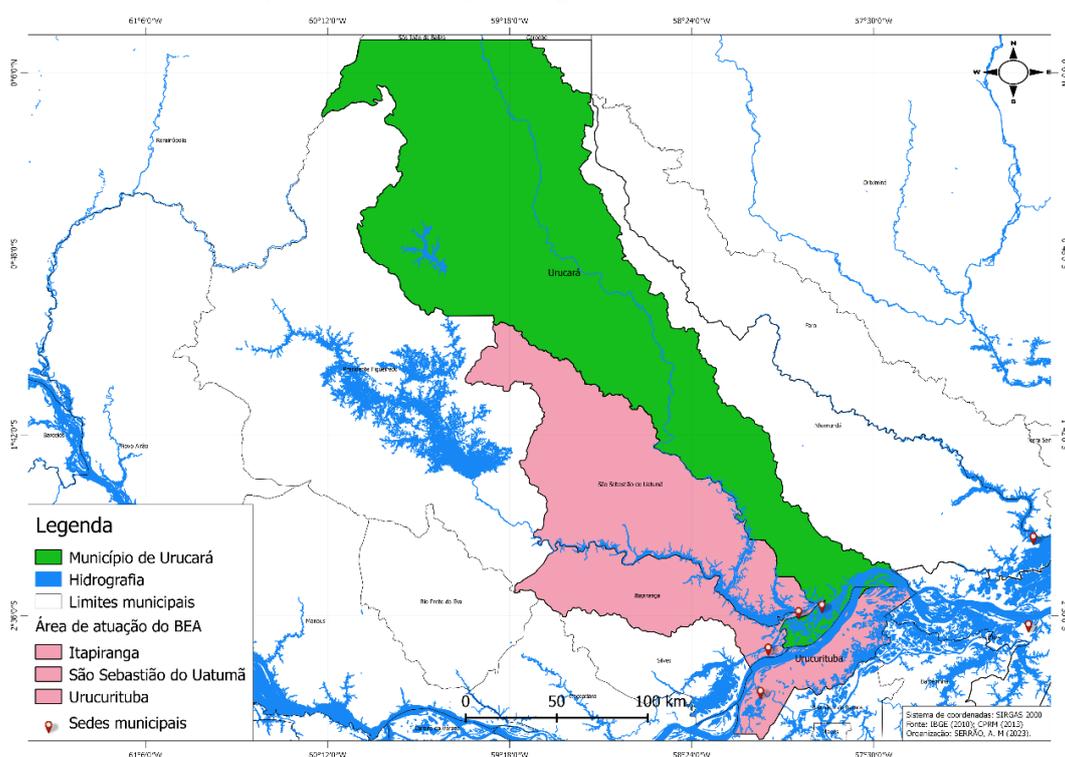
⁴⁰⁰ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista] cedida a Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

⁴⁰¹ *Idem*

e ofertar atendimento para os municípios vizinhos nos faz perceber sua importância neste período.

Apresentamos um mapa elaborado especificamente para esta dissertação com o objetivo de demonstrar essa área de abrangência do Banco do Estado do Amazonas e a localização dos municípios que dona Maria da Conceição atuava como agente fomentadora.

Mapa 3: Área de atuação da Agência do BEA de Urucará.



Elaboração: Arenilton Serrão (2023).

A mobilidade de dona Maria da Conceição pelos municípios fronteiriços de Urucará, além de demonstrar sua trajetória migrante, de uma mulher que “viajava de barco e ficava nessas cidades entre dois ou três dias trabalhando nos serviços do banco e trabalhando nos projetos de financiamento”,⁴⁰² nos leva também, a questionar os motivos de ser o município de Urucará a sede deste banco, assim como de outras instituições como o CETRU e o EMATER. Seria este local um ponto estratégico?

A socióloga Violeta Loureiro, em seu recente livro *Amazônia, colônia do Brasil*, tenta compreender a desigualdade social constituída na Amazônia, frente aos planos de

⁴⁰² SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista] cedida a Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

desenvolvimento do governo federal para a região e os vários discursos que recaem sobre este lugar conflitando a realidade amazônica.⁴⁰³

Nos chama atenção, como a autora discorre sobre as mudanças de perfis econômicos voltados para região amazônica que lhe impõem as atividades subsidiadas ou financiadas pelo governo federal e como esses projetos são implementados em lugares estratégicos da Amazônia.

Portanto, além de, na região amazônica, serem mais numerosos os municípios afetados pelas sucessivas medidas em prol da *segurança nacional*, na verdade, a motivação foi bem outra: a preferência recaiu sobre municípios estratégicos com grandes reservas de minérios, ou naqueles onde o governo federal pretendia construir hidrelétricas, ou rodovias atravessando áreas indígenas, bem como municípios situados em áreas de fronteira.⁴⁰⁴

No município de Urucará, desde a década de 1960 já acontecia a exploração de minério, realizada pela SIDERAMA, nas proximidades das terras indígenas dos Hiskarianas. A antropóloga Maria Luiza de Souza Lucas, em sua dissertação *Antes a gente vinha do jabuti: notas etnográficas sobre algumas transformações entre os Hixkaryana no rio Nhamundá/Am*, tece críticas às consequências da atuação da mineradora SIDERAMA no rio Jatapu sob os povos tradicionais, Hiskarianas.⁴⁰⁵

Atualmente, esta área de reserva mineral do município de Urucará voltou a ser disputada por empresas no Leilão da ANAP – Agência Nacional do Petróleo, o evento ficou conhecido por leilão do fim do Mundo. O bloco Japiim, entre Urucará e São Sebastião do Uatumã, foi arrematado pelas empresas Eneva e Atem.⁴⁰⁶

Apesar da exploração de minério ser atividade pertinente na região do município de Urucará, não encontramos nas falas de dona Maria da Conceição nenhum projeto em relação a esta atividade. No entanto, ela diz ter atendido clientes que trabalhavam na mineração do Jatapu.

⁴⁰³ LOUREIRO, Violeta. **Amazônia, colônia do Brasil**. Manaus: Editora Valer, 2022.

⁴⁰⁴ *Ibidem*, p. 241.

⁴⁰⁵ LUCAS, Maria Luiza de Souza. **Antes a gente vinha do jabuti: notas etnográficas sobre algumas transformações entre os Hixkaryana no rio Nhamundá/Am**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/6666721/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Antes_a_gente_tinha_vindo_do_jabuti_notas_etnogr%C3%A1ficas_sobre_algumas_transforma%C3%A7%C3%B5es_entre_os_Hixkaryana_no_rio_Nhamund%C3%A1. Acesso em: 20 fev. 2024.

⁴⁰⁶ PEREIRA, Julie. Campo de gás arrematado em leilão da ANP está em região que impacta área protegida no Amazonas. **Infoamazônia**, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/635560-campo-de-gas-arrematado-em-leilao-da-anp-esta-em-regiao-que-impacta-area-prottegida-no-amazonas>. Acesso em: 20 fev. 2024.

3.3 RELAÇÕES E CICLOS DE AMIZADE COM A POPULAÇÃO DE URUCARÁ

Dona Maria da Conceição, como nova gerente do BEA em Urucará construiu suas relações de amizades e profissionais com muitos sujeitos urucaraense. Estas suas amizades e sua relação com a população local vão levar ao seu reconhecimento enquanto pessoa e profissional.

As minhas primeiras amizades mesmo em Urucará, foi com a esposa do Lucio, a Lene, ela muito amiga mesmo minha. Eu até ajudava ela nas festas, nós botávamos barraca de comida na Festa do Divino. Aí com essa amizade com ela e lá no banco, eu fui fazendo as amizades e conhecendo as pessoas. Mas eu gostava mesmo da Lene, ela era uma mulher igual eu, alegre, prestativa.⁴⁰⁷

Maria da Conceição, primeiramente recorda da sua amizade com a esposa do vice-prefeito de Urucará; ela não sabe nos informar o nome completo da sua amiga, apesar de que notavelmente ela considerava grandemente sua amizade. Mas ela refere-se a sua amiga como “Lene, esposa do vice-prefeito”, um adjetivo de posse, ou um adjetivo de poder? De ser esposa de alguém que tem status social em Urucará?

Esses e outros questionamentos nos são levantados, quando nossa entrevistada fala sobre suas amizades, ela sempre se refere as pessoas como alguém esposa de outro alguém, como quando recorda de sua amiga Solange “e eu tinha minha amiga Solange, esposa do Marcio Gama”.⁴⁰⁸

Em *Patriarcado, Sociedade e Patrimonialismo*, a autora Neuma Aguiar, discorre sobre o patrimonialismo nas relações entre homens e mulheres, “é uma transformação do patriarcado pelo processo de diferenciação, que se constrói a partir das relações de dependência entre o senhor e seus familiares”.⁴⁰⁹

Nessa relação de dependência, a mulher casada tendo seu próprio núcleo familiar estaria subordinada ao homem, sendo este seu senhor.⁴¹⁰ Quando Maria da Conceição fala “a Lene, esposa do Lucio”, ela toma como referência a figura do esposo e não o próprio

⁴⁰⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

⁴⁰⁸ *Idem*

⁴⁰⁹ AGUIAR, Neuma. PATRIARCADO, SOCIEDADE E PATRIMONIALISMO. *Sociedade e Estado*, v. 15, n. 02, 2022, p. 316. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44600> Acesso em: 28 fev. 2024.

⁴¹⁰ *Idem*

sobrenome de sua amiga, tal ocorrido nos faz perceber esta relação patrimonialista de dependência e subordinação entre homens e mulheres na sociedade patriarcal.

Maria da Conceição, sendo uma mulher de trajetória incomum para seu tempo, onde a mesma se impõe e ocupa espaços de poder outrora tidos como campo de atuação masculina, não reconhece as amarras do patriarcado ao se referir à suas amigas. Quando ela se refere a outras mulheres, ela nos faz perceber como o estigma do patriarcado e patrimonialismo também está intrínseco nela, nesse costume de falar de uma mulher tendo como referência o esposo, o homem.

A relações de dona Maria da Conceição, sendo uma mulher de poder, no Banco, com a família Falabella, não serão muito estreitas, assim como ela destaca:

Não foi aquelas amizades, mas foi uma amizade que nós respeitamos muito, não deu pra construir uma amizade. O pessoal reclamava dele que ele era mandão, mas ele me respeitava. Nós tivemos um desentendimento de início com ele que eu nem lembro bem porque foi, mas parece que foi um dos colonos que foi lá com ele reclamar com ele e ele veio comigo pra ver a resposta.⁴¹¹

Dona Maria da Conceição não se aprofunda nas relações com Pedro Falabella, mas diz ser uma relação de respeito. Os dois conviveriam por diversos momentos, sendo ela representante do setor bancário do estado e ele prefeito do município, juntos estariam presentes em diversos projetos e eventos no município, ainda que divergindo suas opiniões: “Era assim, ele era prefeito. Mas eu era a gerente do banco, então cada um tinha que reconhecer e respeitar seu lugar, até porque eu cheguei ali pela minha capacidade”.⁴¹² A entrevistada evoca sua posição de poder no Banco do Estado do Amazonas para falar de sua relação respeitosa com o prefeito do município.

A bancária exalta sua capacidade profissional e o respeito por sua posição naquela agência, ela não nos fala ter sido “desrespeitada por ser mulher”, mas podemos corroborar que: “Ao serem admitidas em territórios considerados ‘fortalezas masculinas’ – tais como administração de empresas [...] elas colaboraram para minar preconceitos contra a capacidade da mulher de exercer qualquer profissão”.⁴¹³ E nas falas de dona Conceição é recorrente a justificativa do respeito à sua pessoa por sua profissão e capacidade

⁴¹¹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

⁴¹² *Idem*

⁴¹³ PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações 2: A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013b, p. 258.

profissional.

Durante sua trajetória pessoal e profissional em Urucará, Maria da Conceição construiu amizades com pessoas da família Felipe, ficando próximas, convivendo e frequentando suas casas. Essas amizades e ambientes acolhedores, tornam-se, como diz dona Conceição, um dos motivos de ela passar a gostar de Urucará.

Eu comecei a gostar mesmo de estar lá em Urucará quando eu entrosei mesmo com as pessoas lá, quando eu fiz as amizades por lá, eu até fiz o bloco de carnaval, fiz desfile e fazia bloco, fiz quadrilha, e botava banca de peixe pra vender lá do lado da agência que eu morava bem do lado da agência assim, eu fazia pra arrecadar recurso pra ajudar. Tudo isso nós fazia, eu, a Isabel Felipe, a Martira, a Janete que era diretora de escola, e essa era minha turma de lá.

A partir das relações de amizade, Maria da Conceição vai se envolver em outras atividades de Urucará, conhecendo e se integrando dos movimentos, festejos e manifestações culturais no município. Este seu interesse e participação nos eventos na cidade vão fazer com que a bancária se torne ainda mais popular em Urucará.

Joel Candau, em *Memória e Identidade*,⁴¹⁴ chama atenção para a construção de memória como o conjunto de personalidade do indivíduo no tempo em que se fala: “de fato, é o conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge da memória. Origem do sentimento de continuidade temporal, condição necessária da representação da unidade do Eu”.⁴¹⁵

Ao falar alegremente de suas recordações sobre a organização de festejos e blocos de carnaval em Urucará, dona Maria da Conceição busca traçar sua personalidade e nos descreve suas características de uma pessoa alegre, participativa e cheia de vivacidade.

Eu sempre fui assim, alegre, eu gosto de alegria, de participar das coisas mesmo, de eventos, de festa. Eu nunca fui só de assistir as coisas, eu gostava de participar e viver as coisas. Aí quando era época de carnaval, eu ajudava organizar os blocos, fazia a Camélia, pulava no bloco e nas quadrilhas também, ajudava organizar tudo e estava ali no meio cozinhando para o arraial, e alguns falavam desse meu jeito, mas eu nem ligava.⁴¹⁶

A personalidade alegre e carismática de dona Conceição foi um dos motivos dela

⁴¹⁴ CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. 1 ed. 8º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

⁴¹⁵ *Ibidem*, p. 61.

⁴¹⁶ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

conquistar muitas amizades pelos lugares em que passou, assim como lhe rendeu algumas críticas por parte de lideranças religiosas do município. Acerca de sua relação com os líderes religiosos de Urucará, ela recorda:

O pastor Clinton nunca falou nada sobre o banco, ele era até nosso cliente e ele entendia das coisas, nunca criticou meu trabalho no BEA, ele não gostava do meu som por que eu era festeira, ele morava do lado da praça, e era lá as festas da cidade, eu gostava de fazer festa e o pastor Clinton não gostava disso e reclamava. Pra eles eu era uma mulher muito festeira, algumas vezes ele chegou a falar isso pra mim, sobre essa minha personalidade que pra ele, não era assim muito adequada, mas eu não era da igreja mesmo.⁴¹⁷

O pastor Clinton Benjamim Thomas, fundador da primeira igreja evangélica em Urucará, tornou-se um sujeito importante para sociedade e história do município, tendo sua trajetória de atuação religiosa e entre outras áreas, registrada em pesquisa histórica por César Aquino Bezerra.⁴¹⁸

Dona Maria da Conceição não aprofundou relações de amizade com o importante líder religioso de Urucará, mas afirmou esporadicamente conversar com ele, onde “algumas vezes ele chegou a falar pra mim, sobre essa minha personalidade que pra ele, não era assim muito adequada”.⁴¹⁹

O pastor, em questão, fala sobre comportamento, e “nessa época, as mulheres estudam, trabalham, circulam – porém, não estão realmente livres; nem das prescrições de comportamento, nem dos preconceitos e da vigilância crítica do seu entorno social”.⁴²⁰

Maria da Conceição Silva quando chegou em Urucará já tinha mais de trinta anos de idade, com experiência profissional, já havia residido sozinha em outras cidades, mulher solteira que ocupava o maior cargo na Agência local do Banco do Estado do Amazonas – BEA. No entanto, sua conduta social não esteve isenta de críticas, assim como de muitas mulheres que constroem sua independência, mas “todo e qualquer desvio de comportamento poderia gerar críticas, desqualificação e, até mesmo, marginalização social”.⁴²¹

⁴¹⁷ *Idem*

⁴¹⁸ Bezerra, 2022.

⁴¹⁹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021

⁴²⁰ MOTTA, Alda Brito da. Mulheres velhas: elas começam aparecer. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 47.

⁴²¹ SCOTT, Ana Silvia. Família: O caleidoscópio dos arranjos familiares. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo:

A relação de dona Maria da Conceição com o líder religioso da Igreja Católica de Urucará se deu inicialmente de forma conflituosa. O Padre local por diversas vezes teceu comentários sobre a atuação da bancária no Município:

Fizeram um tititi na cabeça do padre. Aí eu chegava na missa, eu sempre ia na missa porque eu era católica, eu ainda sou católica. E quando eu chegava na missa eu sentava bem na frente, eu gostava de sentar na frente, no terceiro banco e não tinha como me esconder, né? Eu queria era estar mesmo na frente ali, aí o padre começava o sermão, ai poxa, lá ia eu escutar o sermão. [...] O sermão era sobre o banco, o sermão era falando no banco, fala do banco fala da gerente, né? E era aquelas coisas toda que as pessoas não sabiam como funcionava o banco, achava que era só chegar lá e fazer, achava que quantos mil quisessem era pra fazer, não! Não era assim, era procedimento, era cadastro, era avalista e eles não entendiam isso, acho que uns entendiam, mas outros não, eles achavam que iam chegar lá e iam fazer do jeito que queriam, aí não era assim, eu explicava, mas eles ia lá falar com o padre, reclamar com o padre.⁴²²

Assim, o conflito existente entre o pároco local e a bancária tornou-se assunto de sermão nas celebrações procedidas pelo líder religioso. Tal problema desenvolve-se pelos comentários dos fiéis sobre a postura de Dona Conceição frente a agência do BEA em Urucará e a falta de informação sobre o funcionamento bancário: “o padre Terêncio também criticava o banco, sobre essa questão de juros e avalistas, ele dizia que era exploração”.⁴²³

De acordo com Arenilton Monteiro Serrão, os padres de Urucará no momento do processo de fundação das Comunidades Eclesiais de Base e colônias agrícolas, estavam pautados na Teologia da Libertação e busca pela autonomia do homem do campo.⁴²⁴

Elias D. Sacramento e Fagno da S. Soares, em sua pesquisa sobre a Teologia da Libertação na Amazônia paraense,⁴²⁵ ressaltam que esta doutrina surge como uma resposta às injustiças sociais cometidas na América Latina, “principalmente após a conquista do poder pelos militares em vários países, principalmente na América Central e do Sul, a Igreja resolveu tomar uma posição e decidiu optar pelos carentes e oprimidos”

Contexto, 2013, p. 12.

⁴²² SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

⁴²³ *Idem*

⁴²⁴ Serrão, 2018.

⁴²⁵ SACRAMENTO, Elias Diniz; SOARES, Fagno da Silva. **Teologia da libertação na Amazônia paraense. História oral das relações entre a Igreja Católica e Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Moju/PA no tempo presente**. Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (julio-septiembre 2016). <http://www.eumed.net/rev/cccs> acesso em: 05 de Maio de 2024

(Sacramento; Soares, 2016.p. 05).

A teologia em questão, tinha como objetivo, evangelizar mas também dar consciência política para as classes menos favorecidas da Amazônia, “formando consciência de classe, fosse nas comunidades de periferia, fosse nas comunidades do campo sofreram pressões, ora por parte da própria igreja, ora por parte de pessoas que estavam por trás dos projetos desenvolvimentistas”.⁴²⁶

Dado aos ensinamentos da Teologia da Libertação em voga no pensamento do pároco de igreja católica de Urucará, é possível entender o posicionamento e as críticas do Pe. Terêncio em relação a agência bancária do Banco do Estado do Amazonas – BEA e seus projetos de financiamento no município de Urucará.

A amizade de dona Conceição com o padre da Paróquia de Santa Ana de Urucará, aos poucos vai sendo construída na convivência e com as relações de amigos em comum. A bancária passa a se envolver mais com as atividades da igreja católica local:

Eu fui me tornando amiga do padre lá na Antonieta, era ela que cozinhava pro padre, depois veio as festas de arraial, veio as festas da padroeira e eu me envolvia nas festas da padroeira, eu trabalhava, eu ajudava. Quando eu tive fazenda, que eu já tinha fazenda, eu dei uma rês [vaca] lá pro bingão, aquelas coisas todas e aí eu comecei a me envolver com a paróquia.⁴²⁷

A habilidade da bancária Maria da Conceição Silva, em construir e tecer suas relações de amizade nos lugares e espaços em que ela se apresenta, tornam-se elementos importantes de seu protagonismo no Banco do Estado do Amazonas, bem como na própria sociedade em que se encontrava inserida.

Dessa forma, Dona Maria da Conceição não se instala em seu lugar de “poder” e se mantém distante da comunidade. Antes, ela percebe as disputas de poder político entre as famílias Felipe e Falabella em Urucará, e vai buscando construir relações de respeito e vínculos de amizade. Entre as lideranças religiosas da cidade, ela também manteve seu posicionamento de boa amizade e abriu seu espaço na igreja católica de Urucará. Estes são fatores que irão contribuir para construir sua imagem como pessoa e profissional entre os munícipes, sendo posteriormente convidada para atuação na política partidária.

⁴²⁶ Sacramento; Soares, 2016.

⁴²⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

3.4 PROJETOS E EVENTOS DESENVOLVIDOS EM URUCARÁ

Maria da Conceição Silva trabalhou como gerente da agência do Banco do Estado do Amazonas em Urucará por quatro anos, de 1978 quando chega ao município para instalar o escritório até dezembro de 1982, após afastamento para assumir cargo político. Durante este período como gerente de banco, ela esteve envolvida na execução de importantes projetos em parceria com Governo Federal, Governo Estadual e Prefeitura Municipal de Urucará. Em seu relembrar:

O BEA, como ele era um banco estadual, igual a AFEAM, Igual a Caixa. Ele era o banco financiador da maioria dos projetos do governo, principalmente no interior que só tem uma agência. Então, todos os projetos e programas que chegam para Urucará, quando envolvia pagamentos, tudo passava pelo banco, era uma parceria com o banco que também pertencia ao estado.⁴²⁸

Os mais importantes projetos de financiamento desenvolvido pelo BEA em Urucará, de acordo com dona Maria Conceição Silva, foi o Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado (PDRI-AM), com recurso do Banco Mundial. A iniciativa estendeu-se em todo Amazonas em parceria com outros órgãos do governo do estado.⁴²⁹

O que foi esse projeto, o PDRI-AM? Segundo Oliveira, Teixeira e Correia:

O Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado do Amazonas (PDRI-AM) tem duração prevista de cinco anos e foi iniciado em abril de 1982. Constitui-se o Projeto num esforço para levar, à população de determinada região deste Estado, os meios pelos quais ela encontre alternativas que lhe permitam melhores condições de sobrevivência. Para isso, foram envolvidas diversas entidades, com programação baseada num diagnóstico da área.⁴³⁰

A autora da obra *Cidade e História na Amazônia*, Yara Vicentini, aborda este processo de implementação de projetos na região amazônica sob a concepção capitalista pela busca do crescimento econômico. Estes modelos de projetos também vão

⁴²⁸ *Idem.*

⁴²⁹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

⁴³⁰ OLIVEIRA, Dorremi; TEIXEIRA, Sonia Milagres; CORRÊA, Maria Pinheiro Fernandes. Pesquisa agropecuária no Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado do Estado do Amazonas (PDRI-AM). In: SIMPÓSIO DO TRÓPICO ÚMIDO, 1., 1984, Belém, PA. *Anais [...]*. Belém, PA: EMBRAPA-CPATU, 1986, p. 421-429. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1111715/1/ID57655p421.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2024.

modificando-se através dos tempos e governos.⁴³¹

Portanto, a concepção sobre a Amazônia passou, ao longo destas últimas décadas, de um entendimento de “macrorregião não desenvolvida”, para uma abordagem de um crescimento, por meio de investimentos diretos e incentivos fiscais. Mudou o caráter da estratégia de ocupação pretendida pela gestão governamental, definindo o objetivo de transformação de um modo de produção de capital extensivo, para capital intensivo.⁴³²

Em Urucará, o PDRI-AM, em parceria com a EMATER, o BEA e a PMU, atuou nas iniciativas de expansão da produção agrícola, na transição econômica da prática de cultivo da juta para outros produtos da agricultura.

Dona Maria da Conceição recorda como o projeto beneficiou produtores de guaraná e mandioca do município. Além do crédito fornecido, o programa financiava a compra de instrumentos essenciais para o aumento da produtividade nas lavouras:

Os mais beneficiados desse projeto com o Banco Mundial, foram os produtores de guaraná, a juta já não estava mais tão valorizada e estava perdendo valor, aí os produtores de guaraná, eles já estavam organizados em cooperativas e os agricultores da roça, com dificuldade, mas a gente conseguia financiar uma casa de farinha, barco, aqueles jirico⁴³³ para as comunidades da estrada.⁴³⁴

Maria da Conceição revela o projeto do fomento do guaraná como um dos mais prósperos na agricultura de Urucará, apresentando o cooperativismo como fator significativo para esse feito.⁴³⁵ Atualmente este produto responde por importante porcentagem econômica do município, alcançando no ano de 2022, a expressiva produção de 90 toneladas, sendo superado somente pelo município de Maués.⁴³⁶

As maiores problemáticas enfrentadas por Maria da Conceição na implantação desses projetos estavam na falta de conhecimento do homem do campo com o funcionamento e políticas e concessão de empréstimos, e a falta de documentação da terra. Este configurou-se também, em importante objetivo para o Banco do Estado do

⁴³¹ VICENTINI, Yara. **Cidade e história na Amazônia**. Curitiba: ed. UFPR, 2004

⁴³² *Ibidem*, p. 153.

⁴³³ Trator ou máquina de escavar muito utilizado na agricultura

⁴³⁴ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

⁴³⁵ *Idem*

⁴³⁶ IBGE. Urucará: produção agrícola 2022. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/urucara/pesquisa/15/11863?tipo=ranking&indicador=11962>. Acesso em: 22 fev. 2024.

Amazonas, o apoio para a regularização das terras de agricultores.⁴³⁷

Os projetos importantes apoiados pelo banco, segundo dona Conceição, foram a titulação de terras de moradores das comunidades da área da estrada de Urucará, uma grande organização e colaboração entre órgãos interessados no desenvolvimento da agricultura no município, com o objetivo de assentar o homem do campo e estimular a produção agrícola.

As primeiras iniciativas em Urucará, digo, do BEA, juntamente com Emater e o Prefeito, na época o Falabella, foi de legalizar e dar os títulos de terras dos agricultores da área da estrada de Urucará. Era assim, o banco, ele precisava desse homem legalizado para fazer empréstimo, financiamento e essas coisas. Então se ele vai fazer um financiamento para uma casa de farinha, pra plantio, ele precisa do documento da terra e por isso essa iniciativa era muito importante pro banco também.⁴³⁸

O geógrafo Arenilton Serrão em seu estudo sobre as colônias agrícolas de Urucará, destaca que “para tais empreendimentos, sobretudo, aos que ocupariam as colônias agrícolas, a titulação de suas terras era uma condição essencial para o mínimo de dignidade e segurança a essas famílias”,⁴³⁹ mas para o banco, a titulação das terras resultaria em mais possibilidades de ofertar financiamento para o homem do campo.

Encontramos no *Jornal do Commercio*, a matéria “57 títulos de terra entregues em Urucará”,⁴⁴⁰ descrevendo o evento de entrega de títulos de terra para a população urucaraense. A edição destaca a presença do governador do estado, José Lindoso,⁴⁴¹ o deputado Homero de Miranda Leão,⁴⁴² o presidente da Coordenadoria de Desenvolvimento do Agronegócio – CODEAGRO, o presidente da Empresa de Assistência Técnica e Rural – EMATER e representantes do poder local.

Maria da Conceição recorda sobre a importância dos eventos e a presença das autoridades governamentais para a abertura de programas e desenvolvimentos de projetos

⁴³⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

⁴³⁸ *Idem*.

⁴³⁹ Serrão, 2018.

⁴⁴⁰ *Jornal do Commercio*, Manaus. Sábado, 06 de setembro de 1981.

⁴⁴¹ José Bernardino Lindoso, nascido em Manicoré, ocupou os cargos de deputado federal em 1966- 1970, eleito Senador no Estado, deixou o senado em 1979, quando assumiu como governador do Estado do Amazonas até o ano de 1982.

⁴⁴² Político Amazonense que já havia sido prefeito de Urucará por nomeação nos anos 1938-1940, deputado na Assembleia Constituinte do Estado, em 1947 pelo UDN, eleito deputado em 1963 pelo PDS, em 1967 foi deputado líder de governo do Danilo Areosa, sua carreira na vida pública como deputado é extensa. Homero de Miranda Leão pode ser considerado um político atuante do governo militar no aparelho do estado amazonense.

em Urucará. Estas ações resultavam na popularidade do prefeito local, mas também na credibilidade no trabalho desenvolvido pela bancária junto a população urucaraense.

Em todos os eventos, inaugurações e festividades de abertura de programas e projetos do governo, eu estava. Eu era gerente do banco do estado, então eu era uma autoridade estadual ali também, aí esses eventos eram bom pro Prefeito, o Falabella crescia quando acontecia uma ação do governo lá, mas eu também estava ali presente mostrando meu trabalho e isso me dava credibilidade e no meu trabalho também.⁴⁴³

Instigamos a entrevistada a nos descrever o que seria “dar credibilidade”, seria em relação a agência do BEA? seria sobre sua pessoa e mulher profissional ou sobre seu bom desempenho no desenvolvimento dos projetos de créditos em Urucará?

Quando eu falo sobre credibilidade, é sobre muitas coisas, era um banco chegando num município do interior do Estado, era uma coisa nova para aquelas pessoas esse negócio de empréstimo e financiamento, tirando algumas pessoas dos Felipada [família Felipe] que já trabalhavam com banco, ali para muitos era novidade. Aí muitos tinham receio, e se o banco estivesse ali pra tomar suas terras?⁴⁴⁴

A crítica aos projetos de fomento, gestado não somente pelas agências de crédito na Amazônia, mas pelo próprio governo estão também nas formas que estes agentes se instalam nos municípios do interior do Amazonas, levando a nova forma econômica de impulsionar a agricultura, mas sem levar em conta a falta de preparo do homem do campo em relação às dinâmicas de concessão de empréstimos e financiamentos.⁴⁴⁵

Nesta problemática da falta de orientação dos clientes de Urucará em relação ao funcionamento do sistema crediário, dona Conceição diz também ser outro desafio a ser enfrentado por ela, conquistar a credibilidade como profissional competente: “e estar nesses eventos ao lado do governador, com outras autoridades importantes, aquilo ali me dava muita credibilidade como profissional e no meu bom desempenho”

Nos relatos de dona Conceição, podemos perceber como a mesma busca frisar sua qualidade de boa profissional, responsável e com bom desempenho. Ao recordar do passado, vai dando significados para eventos vividos por ela, dando sentido para sua trajetória de protagonismo frente ao Banco do Estado do Amazonas em Urucará.

Percebe-se também, que a bancária busca nesses eventos construir sua imagem

⁴⁴³ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

⁴⁴⁴ *Idem*

⁴⁴⁵ Serrão, 2018.

como mulher profissional e de notável importância entre os representantes do poder público de Urucará, buscando ser reconhecida pelos seus pares, diretores e gestores da administração pública, além de ser bem vista pela população urucaraense, por aqueles que seriam clientes do estabelecimento comandado por ela.

Em *Os discursos das mulheres em posições de poder*, Nogueira discorre que as mulheres em posição de poder, buscam construir uma imagem de si para o público, de modo que elas possam ser vistas a partir desta sua posição de poder: “Esses discursos diferem essencialmente em função dos efeitos ou das consequências que acarretam para a construção das suas identidades e para a construção das identidades que os outros fazem delas”.⁴⁴⁶

Maria da Conceição recorda também sobre esses eventos: “eu era, na maioria das vezes a única mulher chefe ali, digo como gerente, diretora, essas coisas. Tinham mulheres sim, mas acompanhando seu marido”.⁴⁴⁷ Nossa colaboradora, não questiona e nem critica o fato de ser a única mulher em cargo de liderança nestes eventos e desenvolvimento de projetos, ela justifica sua posição ao fato de sua dedicação e bom desempenho no desenvolvimento de suas atribuições. Sua competência seria suficiente para superar as desigualdades de gênero, reverberando Nogueira:

Aqueles que constroem um discurso de competências associadas à experiência, ao terem consciência das relações de poder subjacentes às relações sociais de gênero, resistem-lhes, apresentam a experiência pessoal como fonte de reflexão e permitem a construção de uma alternativa discursiva que coloca a ordem social em questão, logo as relações sociais de gênero e a discriminação.⁴⁴⁸

A posição de poder de dona Maria da Conceição no BEA, indiscutivelmente é o fator determinante para que ela pudesse estar se fazendo presente na mesa de autoridades nos importantes eventos no município de Urucará, e ela diz poder estar nesses lugares por ser resultado de seus esforços, trazendo para si essa identidade de mulher profissional dedicada e bem sucedida.⁴⁴⁹

O projeto de fomento à construção da casa das ceramistas em Urucará é uma

⁴⁴⁶ NOGUEIRA, Maria da Conceição de Oliveira Carvalho. Os discursos das mulheres em posições de poder. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2006, vol. 9, n. 2, pp. 57-72.

⁴⁴⁷ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

⁴⁴⁸ Nogueira, 2006, p. 64.

⁴⁴⁹ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

iniciativa que Maria da Conceição recorda com bastante carinho: “A fábrica das cerâmicas é o projeto que eu trabalhei só com mulheres, era um projeto muito bom, ele foi desenvolvido no CETRU, e ele foi muito bom”.⁴⁵⁰

A recordação de dona Maria da Conceição sobre a iniciativa de fomento para as mulheres ceramistas de Urucará é o único projeto em que ela diz ter trabalhado exclusivamente com mulheres, aquela atividade de construir vasilhas de barro, lhe causava curiosidade e entusiasmo.

O projeto da casa de cerâmica foi pequeno, mas foi uma coisa muito boa em participar, aquela foi acho que a primeira e acho que também única que eu trabalhei só com mulheres. E aquilo me encantava, fazer vasilha de cerâmica é um trabalho tão habilidoso e bonito, e eu ia acompanhar as vezes lá, e aí era tão bonito ver aquelas mulheres trabalhando todas juntas.⁴⁵¹

Maria da Conceição, com toda sua experiência de trabalho em vários municípios do Amazonas e até mesmo na capital federal, até então não havia desenvolvido um projeto em que pudesse articular somente mulheres ou que esta iniciativa estivesse voltada exclusivamente às trabalhadoras. A maioria dos projetos de fomento gestados para o Amazonas estavam direcionados para a agricultura e o homem do campo, segundo a bancária, as mulheres não costumavam procurar o crédito rural.

A casa de cerâmica instalada no CETRU foi um projeto, de acordo com as memórias de Conceição, “somente de mulheres” e isto o tornava especial. Para essa mulher do setor financeiro, habituada com seu ambiente de trabalho com grande percentual masculino trabalhando nas agências, “vivenciar o dia das mulheres da cerâmica era muito bom, era o dia todo conversando”,⁴⁵² dentro da sociabilidade feminina diferente do espaço de trabalho.

A seringa em Urucará é um projeto que Maria Conceição foi reconhecida pelo poder estadual e federal. Esse projeto se voltava ao incentivo à economia gomífera no município dentro do Programa de Recuperação da Borracha. Com o bom desenvolvimento, dona Maria da Conceição Silva recebeu elogios de um alto escalão do governo federal em visita em Urucará. Em sua memória, tratava-se do Ministro da Agricultura:

⁴⁵⁰ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

⁴⁵¹ *Idem.*

⁴⁵² *Idem.*

O ministro da agricultura visitou Urucará, ele com toda uma comissão, e eu ainda era gerente, ele elogiou muito meu trabalho em Urucará, disse que eu havia sido uma excelente gerente do BEA, que Urucará era o município que mais apresentava desenvolvimento da agricultura.⁴⁵³

Encontramos no *Jornal do Commercio*, edição de 06 de julho de 1980, as congratulações recebidas por dona Conceição na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas - ALEAM; a matéria, no entanto, pontua que as homenagens recebidas pela bancária foram dadas pelo Ministro da Indústria e Comércio do governo Figueiredo:

Por iniciativa do deputado Homero de Miranda Leão (PDS), a Assembleia Legislativa, aprovou ontem um voto de congratulações à gerente do Banco do Estado do Amazonas na cidade de Urucará. A senhorita Maria da Conceição Silva, em face a homenagem recebida do Ministro da Indústria e Comércio, Camilo Pena, por ocasião do encerramento do 1º Seminário Internacional do Seringueiro, realizado em Manaus. [...] foi em função do seu trabalho persistente e do desdobramento de sua equipe em Urucará, que quase duas centenas de pequenos produtores rurais puderam ter acesso ao crédito do Programa de Recuperação da Borracha.⁴⁵⁴

Os trabalhos realizados em Urucará, na implementação dos Planos de Desenvolvimento da Amazônia, gestados pelo governo militar vigente no país, fazem com que Maria da Conceição Silva ganhe ainda mais destaque e reconhecimento do seu potencial profissional, seu comprometimento com a execução dos projetos do governo no interior do Amazonas.

A competência de Maria da Conceição é reconhecida e homenageada por importante ministro do país, resultando no recebimento de congratulações na ALEAM. Grande feito para a trajetória de dona Conceição, em um momento histórico no qual muitas mulheres não ocupavam estes espaços de poder.

A população urucaraense e também os grupos políticos locais, passaram a ver Maria da Conceição como essa mulher competente, responsável e inovadora que estava desenvolvendo o setor econômico de Urucará a partir da distribuição de crédito, além de ser alguém com reconhecimento na política estadual e com muita experiência em administração.

⁴⁵³ SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

⁴⁵⁴ *Jornal do Commercio*. Edição de sábado 06 de Julho de 1980

Toda trajetória profissional e protagonismo de dona Maria da Conceição no BEA, posteriormente aproximou esta mulher de um campo ainda mais disputado e excludente para as mulheres: a política. Sendo esta mulher de poder, competente e de boas relações, futuramente ela iria ingressar na política partidária, tornando-se a primeira prefeita de Urucará.

Entretanto, nos limitamos a descrever apenas sua trajetória até o momento de atuação na agência de Urucará, mas ressaltando que a trajetória de dona Maria da Conceição Silva ainda tem muito a contribuir para se pensar a História das Mulheres e das Relações de Gênero na Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A socióloga Heleith Safiotti há muito já atentava para a necessidade de registrar e discutir sobre a atuação das mulheres na sociedade brasileira, e reitera que esta é uma tarefa para além do fazer ciência, é um compromisso político-ideológico. Em suas palavras, podemos justificar também a trajetória da pesquisadora que escreve essa dissertação: “A história de vida de cada pessoa encontra-se com fenômenos exteriores (...) e que permite afirmar: ninguém escolhe seu tema de pesquisa; é escolhido por ele”.⁴⁵⁵

Os primeiros vestígios da trajetória de Dona Maria Conceição foram apresentados a esta historiadora em um momento de incômodo com a realidade política do Amazonas, onde poucas mulheres alcançam os cargos de maior poder público, estando estes lugares, sempre ocupados por sujeitos de tradição na vida pública.

A trajetória de uma mulher protagonista de sua vida pessoal, no trabalho bancário e na política partidária, sendo contada por uma mulher para outra mulher, torna-se um elo de resiliência feminina, uma conexão e identificação entre história de vidas de mulheres que vivenciam a desigualdade social e de gênero todos os dias em seu cotidiano.

Para além da pesquisa científica, reconstituir a trajetória de dona Maria da Conceição Silva, o seu enfrentamento aos desígnios de uma sociedade patriarcal, que estabelece a desigualdade entre homens e mulheres, é um ato de compromisso social e político na luta por reconhecimento e valorização da mulher enquanto sujeito de direitos na sociedade e na própria história.

A História Oral, como a arte da escuta e constituição de fontes, neste trabalho de pesquisa sobre a trajetória de dona Maria da Conceição Silva, não é apenas uma metodologia para preencher lacunas deixados por registros oficiais. A História Oral, como escolha, torna-se um ato político, ao possibilitar que os sujeitos silenciados, esquecidos ou desconhecidos, narrem sua própria história, mergulhando em suas memórias e dando significados ao vivido no passado e a construção do presente.

Iniciamos o primeiro capítulo desta dissertação, apresentando a família e o contexto social em que dona Maria da Conceição Silva, encontrava-se inserida durante sua infância. É possível perceber como as construções de memórias de dona Conceição remetem as lembranças de afetividade familiar, ao lugar, tempo e espaço de uma Manaus do início do século XX. A consciência da desigualdade social imbricadas em sua

⁴⁵⁵ Safiotti, 2015, p. 45

narrativa, assim como na memória compartilhada por seus familiares, onde ela vai se identificando e tomando para si, a memória do processo de migração dos nordestinos para o Amazonas.

É possível perceber a importância de verificar o meio social dos indivíduos para a construção da consciência de classe dos sujeitos. O bairro São Raimundo em Manaus, na infância de dona Maria da Conceição, é um marcador espacial de reconhecimento da desigualdade social, da condição de vida de seus familiares e os meios que se apresentam como alternativa para mudança desta realidade: a educação.

O projeto familiar de respeitabilidade, ascensão social por meio da educação e o trabalho, são percorridos a partir de duas perspectivas, do pai de dona Maria da Conceição, que sendo um homem de seu tempo, com suas visões de mundo dentro de sua realidade social, permite que suas filhas estudem, mas que elas não possam transgredir as regras estabelecidas de comportamento feminino na sociedade patriarcal.

A sororidade feminina, o apoio e compreensão da figura materna, é apresentada como princípio de um projeto de independência desta mulher. A experiência de vida de sua mãe, sendo passada para suas filhas como um adendo para que Maria da Conceição, assim como suas irmãs, não perpetuem o trajeto de sua matriarca, mas que possam estudar, trabalhar e ter sua autonomia financeira.

A educação formal religiosa e a experiência daquela menina na Escola São Luiz de Gonzaga permitem-nos aprofundar neste modelo de ensino que ia além de preparar o educando dentro das habilidades de cada componente curricular. Buscava instruir estes pequenos sujeitos para uma educação moralizante, nos moldes da doutrina católica, em que as mulheres, em especial, seriam preparadas para inserir-se na sociedade e desempenhar o papel de boa mulher, mãe e esposa cristã.

A passagem de infância para adolescência de dona Maria da Conceição é marcada pela tomada de consciência de seus próprios sonhos e objetivos de vida, assim como da percepção de não adequação ao modelo ensino religioso ofertado na escola em que frequentava. O despertar para outra modalidade de ensino, que lhe permitiria sua profissionalização como contabilista, em contrapartida ao projeto familiar de tornar-se professora, nos revela as primeiras iniciativas de subversão e tentativa de domínio de seu próprio protagonismo.

A experiência na Escola Técnica Rui Barbosa, no curso de contabilidade, em um ambiente elitista, nos faz perceber que há muito as mulheres enfrentam obstáculos para alcançar a profissionalização naquelas áreas ditas de domínio masculino, sendo este

impasse agravado para mulheres de classe baixa. Maria da Conceição, nos apresenta seu percurso nesta instituição, e como ela vai se apropriando de suas habilidades para tecer relações de amizades e poder, que vão lhe permitindo ocupar outros espaços da alta sociedade manauara.

As relações de amizades e poder de dona Maria da Conceição, construídas a partir da Escola Técnica Rui Barbosa, permitiram que ela pudesse buscar seus objetivos de tornar-se bancária. No segundo capítulo, registramos o percurso de dona Conceição para chegar no Banco do Estado do Amazonas –BEA, nesta relação de apadrinhamento pelo próprio governador do estado, Gilberto Mestrinho.

Nesta dissertação, buscamos apresentar uma breve história de fundação do BEA, pois este além de ser uma instituição de marcador de memória e identidade desta mulher trabalhadora, é também, um importante instituto do setor financeiro na história do Amazonas, mas que pouco tem sido registrado.

Discorreremos sobre a primeira experiência trabalhista desta mulher na agência bancária, sendo assim como muitas outras mulheres, destinada aos trabalhos de telefonista e recepcionista. Destacando como nas relações de gênero e trabalho, as mulheres são subalternizadas a funções ditas próprias para sua condição de mulher.

O trabalho desta mulher é abordado como fator propulsor da independência feminina, possibilitado pela própria independência financeira. A desigualdade de gênero no trajeto da carreira profissional das mulheres, que buscam crescer na empresa ou instituição que trabalham é experimentado por Maria da Conceição, que assim como suas pares, necessita demonstrar o dobro de suas capacidades e dedicação.

A ascensão profissional para o cargo de gerente na agência do BEA em Manacapuru, vai nos permitindo conhecer os desafios enfrentados pelas mulheres nos cargos de liderança e sua busca pela consolidação da carreira e sua própria identidade de mulher independente que ocupa espaços de poder.

Neste capítulo, abrimos nossa pesquisa para além da trajetória pessoal e profissional de dona Maria da Conceição Silva, pois é precioso perceber que os sujeitos tem suas vidas forjadas e atravessadas por historicidade do seu tempo. É neste interim, que demonstramos também, que escrever história das mulheres nos permite conhecer outros processos históricos onde estas mulheres estão inseridas.

Neste caso, o contexto histórico do governo militar no Brasil (1964-1985), os Planos de Desenvolvimento da Amazônia, que buscava elevar a economia da região e integrar este território a um modelo de país desenvolvido, próspero e moderno.

Evidenciamos o processo de interiorização do BEA nesta tentativa de implementação destes projetos, sendo a agência fomentadora e financiadora destas iniciativas na capital do estado e município do interior do Amazonas.

A Bancária Maria da Conceição Silva configura-se então como agente executora destes projetos no interior do Amazonas, inicialmente no município de Manacapuru e cidades vizinhas, onde dedica-se nesta empreitada e ganha destaque profissional. Como resultado de seu desempenho, sua ascensão profissional para gerente da agência em Brasília, neste processo de expansão do banco. Neste lugar, a bancária continua sua jornada de trabalho de liderança frente aos obstáculos de ser mulher em cargo de poder.

No terceiro capítulo, iniciamos apresentando as políticas e estratégias de implementação dos programas do governo militar para o Amazonas. O avanço destes projetos pelo interior do Amazonas, tendo como núcleos centrais, áreas de fronteira e mineração, como o município de Urucará que desde a década de sessenta já havia em seu território, empresa explorando os minérios desta localidade, mas não contava com uma agência de serviço bancário.

É neste contexto que Maria da Conceição, retorna para Amazonas, como gerente instaladora da agência do Banco do Estado do Amazonas – BEA, em Urucará. Nesta assertiva, descrevemos os projetos gestados e implantados no município, como o fomento da Juta, das casas de farinha, de máquinas agrícolas, financiamento para as mulheres ceramistas e entre outros.

Desenvolvemos uma escrita que nos possibilite identificar os discursos construídos sobre esta mulher de poder na gerência no banco, como ela é recebida e tratada pela sociedade urucaraense, sendo a representante do setor bancário na cidade. Ressaltando que mesmo Maria da Conceição estando nesta posição de poder, ela não estará isenta dos discursos que se engendram e se efetivam sobre a vida das mulheres, que buscam ditar padrões para os sujeitos, pautados na desigual relação de gênero.

Ao registrar a construção das relações e ciclos de amizade de Maria da Conceição no município de Urucará, lançamo-nos a compreensão da importância de manter a política do bom relacionamento com todas as pessoas do município, independente da disputa e divisão de famílias tradicionais, desta localidade. Essas relações tornam-se elementos importantes de seu protagonismo no banco, bem como na própria sociedade em que se encontra inserida.

A postura de pessoa carismática, prestativa e participativa de Dona Maria da Conceição na sociedade urucaraense, assim como seu empenho no desenvolvimento dos

projetos do banco, na participação de eventos, tanto políticos quanto sociais e culturais de Urucará, são fatores que irão contribuir para construir sua imagem como pessoa e profissional entre os munícipes, sendo posteriormente convidada para atuação na política partidária, eleita em 1982 para o cargo de prefeita do município.

Entretanto, por que não falamos sobre a atuação política desta mulher? Por que a trajetória de dona Maria da Conceição, é tão significativa que não conseguiríamos escrevê-la somente nesta dissertação. As mulheres têm sua vida atravessadas por tanta historicidade, suas trajetórias são tão marcadas pelo enfrentamento às insígnias da sociedade que muito ainda temos a escrever sobre elas. A trajetória de dona Maria da Conceição Silva ainda tem muito a contribuir para a História das Mulheres e das Relações de Gênero no Amazonas.

FONTES*Orais*

SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 01 nov. 2021.

SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 08 nov. 2021.

SILVA, Maria da Conceição. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência da entrevistada, Manaus-AM, 02 jan. 2023.

VIEIRA, Maria das Graças Silva. [Entrevista cedida a] Geize Vieira de Almeida, na residência de Maria da Conceição Silva, Manaus-AM, 03 jan. 2023.

Periódicos

Jornal do Commercio, Manaus-AM.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Neuma. PATRIARCADO, SOCIEDADE E PATRIMONIALISMO. **Sociedade e Estado**, v. 15, n. 02, p. 303–330, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44600> Acesso em: 28 fev. 2024.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

ALMEIDA, Geize Vieira de. **Mulheres de fibra em tempos de juta: relações de Gênero e trabalho no Município de Uruará-AM**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade Federal do Amazonas, Parintins, 2018. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/3934> . Acesso em: 05 fev. 2024.

ALVES, Juliana Araújo. **Tipificação da rede urbana na calha Solimões-Amazonas: espaço urbano e os serviços bancários em Manacapuru e Coari**. Relatório Final de Iniciação Científica. Departamento de apoio a pesquisa. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304062241_Tipificacao_da_rede_urbana_na_calha_SolimoesAmazonas_espaco_urbano_e_os_servicos_bancarios_em_Manacapuru_e_Coari. Acesso em: 10 jan. 2024.

AMAZONAS. **Constituição do Estado do Amazonas** – atualizada até a Emenda Constitucional 130/2022. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70430/CE_AM_EC_130-2022.pdf?sequence=11&isAllowed=y . Acesso em: 01 set. 2023.

ARBUÉS, Margareth P. Empoderamento feminino e o enfrentamento da violência simbólica nas relações de trabalho: desafio aos direitos humanos das mulheres no Brasil. *In*: SILVA, L.I. da; ARBUÉS, M.P. (Org.) **Os avanços e desafios dos direitos humanos das mulheres no Brasil**: as contribuições da ABMCJ. Goiânia: Kelps/ABMCJ, 2019.

ARBUÉS, Margareth P; MACEDO, Maurides; ROA, Andrea Olmos. Patriarcado, Representações Sociais e Trabalho: Mulheres gerentes no setor bancário brasileiro. **Revista Humanidade e Informação**, Palmas, v. 10, n. 08, abr. 2023. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/issue/view/205>. Acesso em: 08 fev. 2024.

AREND, Silvia Fávero. Meninas: Trabalho, Escola e Lazer. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

BCB. Edital PND N° 2001/002. Alienação das ações do Banco do Estado do Amazonas S.A. **Banco Central do Brasil**, 2001. Disponível em <https://www.bcb.gov.br/htms/editais/editalBEA2.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2021.

BENCHIMOL Samuel. **Amazônia: Formação Social e Cultural**. 4 ed. Manaus: Editora Valer, 2021;

BEZERRA, César Aquino. **Entre Pensilvânia e o Amazonas**: a trajetória do missionário Clinton Benjamin Thomas, a inserção do protestantismo na Amazônia e a Igreja de Cristo em Urucará (1954-1970). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8821>. Acesso em: 28 fev. 2024.

BNDES. Processos encerrados e Histórico de Desestatização. **Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social**. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/transparencia/desestatizacao/processos-encerrados/Historico>. Acesso em: 12 dez. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Conceitos Fundamentais**. Editado por Michael Grenfell; tradução de Fabio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: **Usos e abusos da História Oral**. Marieta de Moraes Ferreira; Janaina Amado (org). Editora Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. 8º edição, 2006.

CÂMARA MUNICIPAL DE URUCARÁ. **História**. Disponível em <http://www.ale.am.gov.br/urucara/o-municipio/historia/> . Acesso em 13 de Dezembro de 2021.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. 1 ed. 8º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.

CATARINENSE MARCAS E PATENTES. O que é carta patente, o que a lei diz e qual a importância. **Catarinense Marcas e Patentes**. Disponível em: <https://catarinensemarcas.com.br/o-que-e-carta-patente-o-que-a-lei-diz-e-qual-a-importancia/>. Acesso em: 25 fev. 2023.

COMPANHIA SIDERURGICA DA AMAZONIA- SIDERAMA. **Histórico**. Manaus, SIDERAMA, 1979. Disponível em: http://zenith.mast.br/MAST_DOC/TEXTUAL/CNPq.T.7.009/CNPq.T.7.009_0001.pdf Acesso em: 10 fev. 2024.

CONSELHO EUROPEU. Directiva 2004/113/CE, de 13 de dezembro de 2004. **Jornal Oficial da União Europeia**, 21 dez. 2004, L373/37-43. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32004L0113>. Acesso em: 26 ago. 2023.

COSTA, Heloisa Lara Campos. **No limite do possível**: As mulheres e o poder na Amazônia (1840-1930). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

COSTA, Suely Gomes. Gênero e História. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.) **Ensino de história**: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra,

2003.

DEL PRIORE, Mary Del. História das mulheres: as vozes do silêncio. *In*: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

DIAS, Edneia Mascarenhas. **A ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920**. Manaus. Editora Valer, 1999.

DIAS, Isabel. Violência Contra as Mulheres no Trabalho. O caso do assédio sexual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 57, p. 11-23, 2008.

DUARTE, Durango. IDD: A origem do Banco do Estado do Amazonas – BEA (Série 1960). **Instituto Durango Duarte**, 15 nov. 2017. Disponível em: <https://blogdodurango.com.br/artigos/idd-a-origem-do-banco-do-estado-do-amazonas-bea-serie-1960/>. Acesso em: 12 dez. 2021.

FERREIRA, Aldenor da Silva. **Fios dourados dos trópicos: Culturas, histórias, singularidades e possibilidades (Juta e Malva – Brasil e Índia)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016;

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: velhas questões, novos desafios. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. São Paulo: Editora Claridade, 2011.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. Trabalho (o conceito de). *In*: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise; LE DOARÉ, Hélène; SENOTIER, Danièle (orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

IBGE. Celetramazon: Autazes (AM). **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=41077>. Acesso em: 26 ago. 2023.

IBGE. **Divisão Regional do Brasil**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-doterritorio/divisao-regional/15778-divisoes-regionais-do-brasil.html>. Acesso em: 01 set. 2023.

IBGE. Urucará: produção agrícola 2022. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/urucara/pesquisa/15/11863?tipo=ranking&indicador=11962>. Acesso em: 22 fev. 2024.

IDAM. Nossa História. **Instituto de Desenvolvimento Florestal Sustentável do Amazonas**. Disponível em: <http://www.idam.am.gov.br/o-idam/quem-somos/>. Acesso

em: 05 fev. 2024.

JINKINGS, Nise. **O mister de fazer dinheiro**. Automatização e subjetividade no trabalho bancário. São Paulo: Boitempo, 1995.

LIMA, Luanda de Oliveira; MANSUR, Maíra Sertã; SOUZA, Michele Souza e; FERREIRA, Paula Almeida Jatahy. As mulheres e o setor bancário: relações de dominação em novos e velhos contextos. **Revista Habitus**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 112-124, jul. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11326>. Acesso em: 22 jan. 2023.

LOUREIRO, Violeta. **Amazônia, colônia do Brasil**. Manaus: Editora Valer, 2022

LUCA, Tania Regina de. *Imprensa Feminina: Mulher em Revista*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed., 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

LUCAS, Maria Luiza de Souza. **Antes a gente vinha do jabuti**: notas etnográficas sobre algumas transformações entre os Hixkaryana no rio Nhamundá/Am. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/6666721/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Antes_a_gente_tinha_vindo_do_jabuti_notas_etnogr%C3%A1ficas_sobre_algumas_transforma%C3%A7%C3%B5es_entre_os_Hixkaryana_no_rio_Nhamund%C3%A1. Acesso em: 20 fev. 2024.

MACHADO, Hilka Vier. **Identidade empreendedora de mulheres no Paraná**. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MANACAPURU. História. **Prefeitura Municipal de Manacapuru**, 07 maio 2022. Disponível em: <https://www.manacapuru.am.gov.br/manacapuru-historia.php>. Acesso em: 24 fev. 2023.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Trabalho: Espaço Feminino no Mercado Produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MIRANDA, Camila Barbosa Monção. **Ditadura Militar e Amazônia: Desenvolvimentismo, representações, legitimação política e autoritarismo nas décadas de 1960 e 1970**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6835>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Cidadania no feminino. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **História da Cidadania**. 6. ed., 3º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2016.

MOTTA, Alda Brito da. Mulheres velhas: elas começam aparecer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed,

1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

NOGUEIRA, Maria da Conceição de Oliveira Carvalho. Os discursos das mulheres em posições de poder. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2006, vol. 9, n. 2, pp. 57-72.

OLIVEIRA, Dorremi; TEIXEIRA, Sonia Milagres; CORRÊA, Maria Pinheiro Fernandes. Pesquisa agropecuária no Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado do Estado do Amazonas (PDRI-AM). *In*: SIMPÓSIO DO TRÓPICO ÚMIDO, 1., 1984, Belém, PA. **Anais [...]**. Belém, PA: EMBRAPA-CPATU, 1986, p. 421-429. Disponível em:

<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1111715/1/ID57655p421.pdf>.

Acesso em: 22 fev. 2024.

OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho; SASSAKI, Yoshico. A participação da Mulher no Trabalho da Docência nos anos 1950-1960 em Parintins, Amazonas. *In*: LIRA, Barbara Rebecka Gomes de; LIMA, Michele Pires (org.). **Nas malhas da história: relações de gênero, trabalho e lutas sociais no Brasil**. Curitiba: CRV, 2021.

PAES, Fernanda Guimarães. **Transição do sistema convencional ao agroecológico do cultivo do guaraná (Paullinia cupana) na comunidade São Miguel do Marajázinho (Urucará, Am)**. Dissertação (Mestrado em Ciência e Tecnologia para Recursos Amazônicos) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2023. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9675#preview-link0>. Acesso em: 10 de fev. 2024

PASSOS, Elizete Silva. As políticas e os saberes: construção do gênero nas universidades do Norte e Nordeste e as repercussões nos campos social e político. *In*: FERREIRA, Mary; ÁLVARES, Maria Luzia Miranda; SANTOS, Eunice Ferreira dos (Orgs.). **Os saberes e os poderes das mulheres: a construção do gênero**. São Luís: EDUFMA/Núcleo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa Mulher, Cidadania e Relações de Gênero; Salvador: REDOR, 2001.

PEREIRA, Julie. Campo de gás arrematado em leilão da ANP está em região que impacta área protegida no Amazonas. **Infoamazônia**, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/635560-campo-de-gas-arrematado-em-leilao-da-anp-esta-em-regiao-que-impacta-area-protetida-no-amazonas>. Acesso em: 20 fev. 2024.

PEREIRA, Marie Françoise Marguerite Winandy Martins. **Um estudo sobre o etarismo nas organizações**. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M. S. Correa. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Cidade sobre os ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899-1925)**. 3. ed. Manaus. Editora EDUA, 2015a.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. 3. ed. Manaus: EDUA, 2015b.

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações 1: A era dos modelos rígidos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013a.

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações 2: A era dos modelos flexíveis. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013b.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. Tradução: Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. (Coleção Ideias).

QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. Plínio Ramos Coelho: O Ganso do Capitólio. *In*: QUEIRÓS, César Augusto Bubolz; UGARTE. Auxiliomar Silva. **Trajetórias Políticas na Amazônia Republicana**. Manaus: Editora Valer, 2019.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RENHA, Carlos Eugenio Aguiar Pereira de Carvalho. **A Superintendência do plano de valorização econômica da Amazônia, a política de desenvolvimento regional e o Amazonas (1953-1966)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

RIAL, Carmem; MIGUEL, Raquel de Barros. Lazer: Programa de Mulher. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença. **Revista História Oral**, v. 16, n. 2, p. 129-148, jul./dez. 2013.

SACRAMENTO, Elias Diniz; SOARES, Fagno da Silva. **Teologia da libertação na Amazônia paraense. História oral das relações entre a Igreja Católica e Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Moju/PA no tempo presente**. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, (julio-septiembre 2016). <http://www.eumed.net/rev/cccss> acesso em: 05 de Maio de 2024

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2. ed.

Petrópolis: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS; Sonia Maria dos Santos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História Oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**, n. 6, p. 191-201, jan./dez. 2007.

SCOTT, Ana Silvia. Família: O caleidoscópio dos arranjos familiares. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das Mulheres do Brasil**. 1. ed, 1º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma Categoria útil para análise Histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. **S.O.S Corpo**, Recife, 1991.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petri. **Mulheres no trabalho bancário**: difusão tecnológica, qualificação e relações de gênero. São Paulo: Edusp, 1998.

SERRÃO, Arenilton Monteiro. **Colônias agrícolas e campesinato**: raízes de uma nova territorialidade no médio rio Amazonas, município de Uruará-AM. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2018.

SILVA, Eduardo Cristiano Hass. Estabelecimentos de ensino comercial existentes no Brasil - 1946. **Revista História da Educação**, v. 23, p. 1-36, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/94497/pdf>. Acesso em: 04 ago. 2023.

SILVA, Júlio Claudio da. **Entre Mira, Serafina, Rosa e Tia Neguita**: a trajetória e o protagonismo de Léa Garcia. Manaus: UEA Edições, 2023.

SILVA, Patrícia Rodrigues da. História e Memória na Amazônia. *In*: QUEIRÓS, César Augusto B. (Org.) **Historiografia Amazonense em Perspectiva**. Manaus: Editora Valer, 2020.

SIMÕES, Isabella de Bonis Silva. **Habitação popular na área central de Manaus**: processos de territorialização e desterritorialização de palafitas e flutuantes. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27. n° 54, p. 281-300, 2007.

SOUZA, Ellza. **Do “Alto” da minha colina**: sem bucheiros o bairro de São Raimundo perdeu o encantamento. Manaus: Edições Muiraquitã, 2010.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral**: gênero e história das mulheres. Dourados: UFGD, 2014.

TORRES, Iraíldes Caldas. **Entrelaçamento de gênero na Amazônia**. Manaus, Editora Valer, 2015.

TORRES, Iraíldes Caldas. Gilberto Mestrinho: De caudilho a Boto sedutor do Amazonas. *In*: QUEIRÓS, César Augusto Bubolz; UGARTE. Auxiliomar Silva. **Trajetórias Políticas na Amazônia Republicana**. Manaus: Editora Valer, 2019.

VALLE, Artemisia Souza. **Os igarapés no contexto do espaço urbano de Manaus**: uma visão ambiental. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 1999.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas**. Gilberto Velho. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar. 1994.

VICENTINI, Yara. **Cidade e história na Amazônia**. Curitiba: ed. UFPR, 2004

WITKOSKI, Antonio. Carlos. **Terra, florestas e águas de trabalho**: As formas de usos dos recursos naturais nas várzeas amazônicas. Manaus: Editora Valer, 2021.